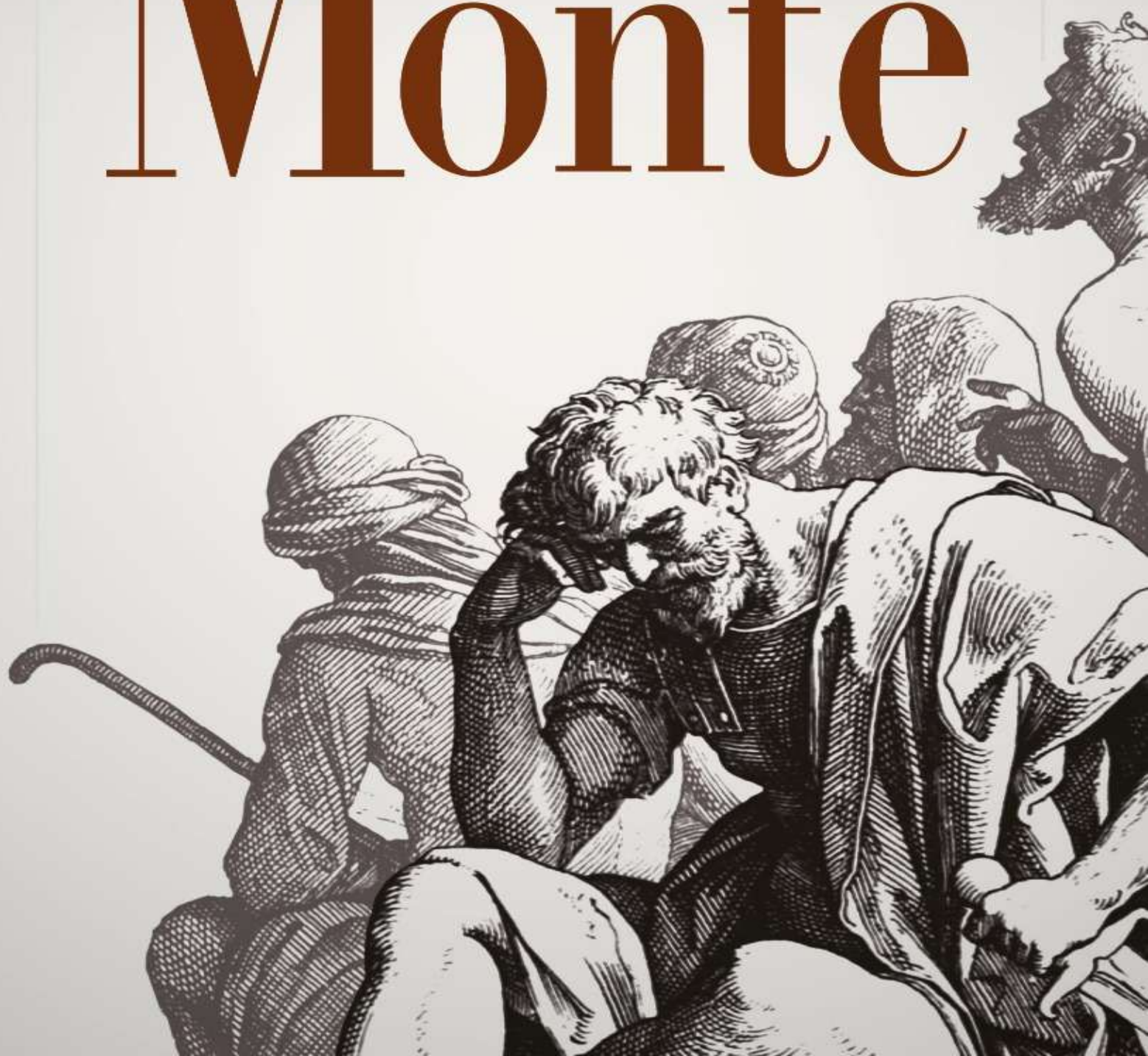


SINCLAIR FERGUSON

O Sermão do Monte



F353s

Ferguson, Sinclair

O Sermão do Monte [livro eletrônico] / Sinclair Ferguson;

Tradução de Elmer Pires – São Paulo: Editora Trinitas, 2019.

500 kb ; ePUB.

ISBN 978-85-85034-08-5

1. Teologia Cristã 2. Ética 3. Evangelhos 4. Sermão 5. Código de Conduta
I. Título II. Autor.

CDD: 241.5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Flávia de Melo - Bibliotecária 0 CRB 8 8881)

----- >>>> <<<< -----

Copyright ©
Sinclair B. Ferguson 1988

Publicado originalmente em inglês sob o título:
Sermon on the Mount
by *The Banner of Truth Trust, Edinburgh EH12 6EL, UK*

1ª edição 2019
ISBN: 978-85-85034-08-5

Tradução: Elmer Pires
Revisão: Cesare Turazzi, Ulisses Teles, Sofia Azevedo
Capa e Diagramação: Haas Comunicação
Versão Ebook: Livro em Pixel

PREFÁCIO

O Sermão do Monte é, provavelmente, o trecho mais conhecido em toda a Bíblia. Algumas de suas expressões tornaram-se parte integrante de nosso vocabulário cotidiano. Mesmo as pessoas que nunca ouviram falar do Sermão compreendem o que queremos dizer quando falamos sobre “fazer ao próximo” ou “ser sal da terra”. A bem da verdade, para alguns, o Sermão do Monte é “o coração do Evangelho”, e a filosofia definitiva de suas vidas consiste em “viver com base no Sermão do Monte”.

O mesmo Sermão é, também, parte do ensino de Jesus sobre o qual a maioria dos sermões têm sido pregados e com base na qual a maior parte dos livros vem sendo escritos. Por que, então, somar mais um a esse número?

A resposta é simples. O Sermão do Monte fala com poder e relevância extraordinários aos cristãos evangélicos de hoje. Nestas páginas, tentei deixar com que ele falasse de uma forma que demonstrasse tal poder.

O Sermão enfatiza algo que marcou o ministério de Jesus por completo. Cristo se apresenta diante de nós como Salvador e Senhor, Redentor e Mestre. Jamais devemos intentar dividir Jesus em dois, fazendo dois pesos, duas medidas. Ou é tudo ou é nada. A vida “perdoada” e a vida “santa” são, para Jesus, dois lados de uma mesma moeda.

Já fora dito a respeito de Jonathan Edwards, o famoso pregador, filósofo e teólogo americano (e instrumento em grandes avivamentos), que “sua doutrina era totalmente aplicação e sua aplicação, inteiramente doutrina”. Edwards deve ter aprendido a assim proceder com Jesus, pois tal conduta descreve perfeitamente o caráter do ensino de Cristo no Sermão do Monte.

Perdemos esse equilíbrio e mistura nos dias atuais. Precisamos recuperar tal prática e reconhecer que, para o Reino de Deus, no que cremos e como vivemos estão unidos.

Além disso, há uma outra razão para escrever sobre o Sermão do Monte. Ele trata de questões a respeito das quais muitos de nós tornamo-nos vagos e confusos. Por exemplo, o que significa ter um estilo de vida cristão no mundo pluralístico e secularizado no qual vivemos? Em que aspectos os cristãos são realmente *diferentes* das outras pessoas? De que maneira viveremos como uma “uma cidade edificada sobre um monte” que “não pode ser escondida” (Mt 5.14)? A nossa fé e vida cristãs são tão evidentes aos outros quanto as palavras de Jesus sugerem que devem ser?

Jesus aborda uma série de questões de suprema importância: o que é o caráter cristão? Em qual posição a lei de Deus deve estar (se é que deva estar) na vida cristã? A disciplina é importante? Como devemos orar? Como podemos ficar livres da ansiedade em um mundo ansioso? O que há de tão errado com um espírito crítico? Por que precisamos ter discernimento espiritual? É possível que pessoas exerçam *dons espirituais* mas ainda assim não sejam verdadeiros cristãos? Jesus responde cada uma dessas questões no decorrer do Sermão.

Só o fato de meditar a respeito dessas questões já é compreender quão relevante o Sermão do Monte é para nós. Tal qual foi aos ouvidos daqueles que o ouviram à época, assim também o é para nós nos dias de hoje, a saber, o *manifesto* de Jesus — a política do Reino de Deus exposta de forma oficial e pública.

Meu objetivo neste estudo é expor os ensinamentos de Jesus com simplicidade e acessibilidade a qualquer leitor ou ouvinte. Afinal, o Sermão do Monte foi um sermão *popular* quando pregado pela primeira vez (Mt 5.1, 7.28–29)! Evitei discussões técnicas e aplicações mais amplas; estas são valiosas em seu devido lugar e momento, mas este livro, especificamente, destina-se a ser o que os cardápios franceses chamam de *hors d'oeuvre* — “um prato extra

servido como aperitivo ao início de uma refeição”. Minha grande esperança é que — não importando o tipo de leitor, esteja ele a sós, seja dentro do discipulado, sejam grupos de estudo, e, talvez, mesmo para leitura em família — este livro sirva precisamente ao propósito para o qual foi escrito, dando novo *sabor* ao ensinamento de Cristo e proporcionando uma vida de obediência sincera a Ele.

Sinclair B. Ferguson
Westminster Theological Seminary
Filadélfia

1

O REINO DE DEUS É CHEGADO

MATEUS 4.23 - 5.1-2

Mt. 4 ²³*Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. ²⁴E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e parálíticos. E ele os curou. ²⁵E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam.*

Mt. 5 ¹*Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; ²e ele passou a ensiná-los.*

* * *

O que é o Sermão do Monte? Nele estão contidos ensinamentos de Jesus, mas nem o próprio Cristo nem Mateus chamam estes três famosos capítulos de *O Sermão do Monte*. Na verdade, esse título foi empregado pela primeira vez nos escritos do grande teólogo norte-africano Agostinho de Hipona (354–430). Ele acertou em cheio ao chamar os capítulos 5–7 de Mateus de sermão, pois aqui temos instrução e aplicação justapostas de maneira única. Ademais, como em qualquer sermão digno de ser chamado sermão, há seções, desenvolvimento, e a mensagem atinge um grande clímax. *O sermão ensina algo!*

Ao estudarmos qualquer versículo das Escrituras, ou mesmo uma passagem mais extensa como o Sermão do Monte, devemos examinar duas coisas, que nos ajudarão a compreender o texto:

1. O contexto geral em que o texto se encontra (neste caso, o Evangelho de Mateus).
2. O conteúdo específico contido na passagem em si.

O CONTEXTO GERAL

Dê uma olhada no Evangelho de Mateus e perceberá que os capítulos 5–7 fazem parte de um padrão que perpassa todo o Evangelho. Mateus 7.28 se inicia assim: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras”, frase que reaparece outras quatro vezes no restante do Evangelho (11.1, 13.53, 19.1, 26.1), sempre que Jesus concluía um discurso de maior duração ou o ensino de alguma doutrina a Seus discípulos. De uma forma ou de outra, essas cinco passagens lidam com o mesmo tema: *o reino de Deus*. Este era o grande foco do ensino de Jesus.

Mateus já havia introduzido esse tema ao resumir o ministério de Jesus: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino” (Mt 4.23). Sua mensagem era: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17). Em suma, a mensagem do Sermão do Monte é: “Isso é o que significa arrepender-se e pertencer ao reino dos céus”. O Sermão é a descrição do estilo de vida daqueles que pertencem a esse reino.

Mas o que é o reino dos céus, e como ele se aproximou tanto de nós? Da forma como a expressão *reino dos céus* se alterna com *reino de Deus*, parece que ambas têm exatamente o mesmo sentido (compare Mt 5.3 com Lc 6.20). O reino é o império, ou reinado, de Deus, a manifestação de Sua graciosa e soberana vontade. Pertencer ao reino de Deus é, portanto, pertencer ao povo sobre o qual o Seu reinado já teve início.

Como assim? Como Jesus pôde dizer que o reino já é chegado? Porque o próprio Jesus é o Rei no reino de Deus. Onde Ele reina, lá o reino dos céus já está presente.

Esta foi uma mensagem chocante àqueles que a estavam ouvindo. Eles compreenderam imediatamente (ao menos em parte) o que Jesus disse. Jesus declarou que aquele dia tão esperado, o dia do reino de Deus, não mais estava limitado ao futuro — mas era o *agora*. Em Sua pregação, Jesus estava declarando que o reino de Deus, já prometido pelos profetas do Antigo Testamento (p. ex., Is 52.7 e Mq 4.7), havia chegado! Isso explica a urgência de Seu chamado ao arrependimento. Porque o próprio Rei se fez presente, exigia-se, por conseguinte, um viver completamente novo.

É importante notar que as palavras “*daí por diante*” funcionam como títulos para as principais divisões do Evangelho de Mateus. A frase ocorre pela primeira vez em Mateus 4.17: “*Daí por diante*, passou Jesus a pregar”. Quando seria esse “daí por diante”? Quando João Batista foi aprisionado (Mt 4.12).

Mais adiante, em Mateus 16.21, uma expressão sinônima aparece: “*Desde esse tempo*, começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas nas mãos dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”. Aqui, Jesus dá uma explicação mais completa de que tipo de rei Ele deve ser. Mas quando seria “desde esse tempo”? Trata-se do momento em que Simão Pedro confessou que Jesus é o Cristo, o Messias, o Rei que Deus havia prometido enviar para salvar o Seu povo.

O Evangelho de Mateus, portanto, pode ser dividido em três partes, sinalizadas pela expressão “*daí em diante*” [ou “*desde esse tempo*”].

Na *primeira* parte (Mt 1.1–4.16), a identidade de Jesus é posta diante de nós, principalmente conforme o ensino do Antigo Testamento.

Na *segunda* parte (Mt 4.17–16.20), Jesus é posto diante de nós provando a autoridade majestática do reino de Deus por meio de

Seu ensino, Seus atos de graça e poder, urgindo que entremos no reino de Deus.

Na *terceira* e última parte (Mt 16.21–28.20), Jesus nos é exposto como o Rei sofredor, Aquele que é crucificado mas vence a morte e envia Seus mensageiros ao mundo para que tragam todas as nações ao Seu reino. “Toda a autoridade no céu e na terra” é dele (Mt 28.18). Dele é o reino, o poder e a glória para todo o sempre!

No contexto geral do Evangelho de Mateus, descobrimos que o tema principal é o *próprio Jesus*. Em cada parte do Evangelho, aprendemos novas facetas da identidade de Cristo. Todo o Evangelho, bem como cada parte dele, centra-se em Jesus Cristo — quem Ele é, o que Ele diz e o que Ele faz. *O Sermão do Monte deveria ser compreendido à luz disso*. Se o ouvirmos corretamente, de ouvidos e coração abertos, descobriremos mais e mais a respeito do próprio Jesus.

Por que esse é um fator tão importante? Porque viver o Sermão do Monte jamais deve estar divorciado de um relacionamento correto com Jesus Cristo. É isso o que torna o Sermão tão único. Sim, podemos receber ajuda de sermões pregados por pregadores que não conhecemos, por pregadores que provavelmente nunca conheceremos pessoalmente. Não é esse, porém, o caso deste pregador ou deste sermão.

Seu ensino, contudo, nos transformará somente quando nos submetemos ao reinado soberano e gracioso daquele que o prega, pois o Sermão do Monte traz consigo a autoridade e o senhorio do próprio Jesus.

Perceba como isso se enquadra ao ensino de Jesus. Ser perseguido *por causa dele* é uma das formas pelas quais Deus derrama bênçãos em sua vida (Mt 5.11). Quando Jesus expõe a lei de Deus (5.21–48), Ele é o intérprete a quem devemos ouvir: “Ouvistes que foi dito [...] Eu, porém, vos digo” (5.21–22, 27–28, 31–32, 33–34, 38–39, 43–44). Independente do significado exato desses contrastes, eles certamente enfatizam o direito que Jesus

tem de interpretar e aplicar a Palavra de Deus com autoridade absoluta.

Provavelmente ainda mais chocante tenha sido a linguagem utilizada no clímax do Sermão (Mt 7.21–23). Aqui, Jesus toma para si a posição de Juiz da humanidade. O destino final de cada pessoa será traçado pelo fato de Jesus tê-la ou não a ‘conhecido’ (7.23). O que Jesus deixa implícito aqui é declarado explicitamente em João 5.26–27: “Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem”.

A reivindicação de Jesus não era uma questão de meras palavras. Aqueles que a ouviram, reconheceram a consistência que havia entre a Pessoa e o ensino de Jesus. Finalizado o Sermão, enquanto voltavam para casa, foi a ‘autoridade’ (7.29) de Cristo que gerou o tema da discussão entre aqueles ouvintes.

Viver o Sermão do Monte significa sobretudo curvar-se à autoridade de Jesus; significa vir a Ele, tomar o Seu jugo, e aprender dele (Mt 11.28–30). Ou seja, devemos abandonar o mito (tão comum e conhecido) de que podemos receber a Cristo como Salvador a fim de darmos início à vida cristã, para só então, em alguma etapa futura, nos rendermos a Ele, e dessa vez por completo, como Senhor.

Pensamentos como esse revelam uma profunda confusão sobre o que o Novo Testamento ensina. Primeiramente, nós não “tornamos” Jesus nosso Salvador e Senhor. Nós cremos nele, confiamos nele, e o recebemos *como* Salvador e Senhor. Além disso, caso receber a Cristo como nosso Salvador *signifique* pertencer ao reino de Deus (e certamente significa), não há a menor possibilidade de vivermos em Seu reino sem que Ele seja Rei e Senhor. Em outras palavras, se você não estiver buscando pôr o Sermão do Monte em prática, falta-lhe a evidência fundamental de que Jesus Cristo é o seu Salvador, pois o Sermão é nada mais nada menos que a descrição do que e de como é a vida de alguém salvo.

Mas o curvar-se à autoridade de Jesus pode ser descrito de forma mais explícita. Cristo manifesta autoridade mediante Sua própria Palavra, a Bíblia. Ela é, como João Calvino expressivamente descreve, o cetro com o qual o Rei Jesus rege o Seu povo. É *nas Escrituras* que Jesus continuamente nos dá do Seu ensino. Quando a lemos, a estudamos e procuramos obedecer à Bíblia, ouvimos a voz de Cristo e reconhecemos Sua autoridade (ver Jo 10.3–5). Por isso uma das marcas do cristão é o amor pelo estudo das Escrituras e uma obediência crescente a tudo o que Cristo nos ensina por meio destas.

Você deve se perguntar, sempre que se voltar ao Sermão do Monte, se essas questões já foram resolvidas em sua própria vida; e ore para que, ouvindo a voz de Cristo no Sermão, você mesmo cresça em sólida obediência a tudo o que Ele lhe diz.

O CONTEÚDO ESPECÍFICO

O Sermão do Monte, portanto, expõe-nos à autoridade de Jesus. Todo aquele que estuda as Escrituras reconhece esse fato. Mas *como* o Sermão revela a autoridade de Jesus?

Todo tipo de abordagem ao Sermão é encontrado na [história da] igreja. Talvez a mais comum seja entendê-lo como uma mensagem construída com a intenção de produzir a maior sensação de culpa no menor número possível de capítulos, muitas vezes representada da seguinte maneira: “Aqui está o padrão. Veja como você tem falhado miseravelmente. Recomponha-se e faça melhor”.

Tal abordagem ignora o que já vimos ser a mensagem central do Sermão, isto é, o nosso relacionamento com Jesus Cristo. Aumentar a culpa certamente não dá ao ensino de Jesus uma interpretação à luz do Evangelho. Da mesma forma, há uma variante evangélica que também está longe de ser satisfatória. É possível entender o Sermão como um criador de desesperança, levando seus ouvintes

somente ao desespero. Ele estaria nos mostrando o que deveríamos ser como cristãos, mas falhamos nessa tarefa.

Não podemos evitar uma sensação de culpa enquanto lemos as palavras de Jesus. Sem dúvida, quando Ele descreve o estilo de vida apropriado aos membros de Seu reino, compreendemos quão distantes estamos de Sua glória. Mas o Sermão do Monte não visa produzir um senso de desesperança e desespero em nós; ao contrário, ele busca colocar diante de nós uma visão gloriosa de como o Senhor pretende que nossas vidas sejam. O Sermão é o manifesto de Jesus, descrevendo um estilo de vida régio, o novo padrão de conduta do novo reino em que entramos.

No coração do reino encontra-se um paradoxo. Em um sentido, ele já está próximo (4.17, 23). Ele pertence àqueles que são pobres de espírito e àqueles que são perseguidos por causa da justiça (5.3, 10). Mas em outro, ele ainda está por vir. É por isso que Jesus nos ensina a orar a Deus “Venha o teu reino” (6.10).

Como o reino pode ser chegado e ainda estar por vir? Talvez pareça uma pergunta obscura, confusa, escolástica, apropriada para teólogos em suas torres de marfim, mas irrelevante à vida cotidiana. Na verdade, esta é uma das perguntas mais práticas que um cristão pode fazer. Ela nos conduz para o coração da vida cristã. Ela nos dá uma perspectiva que nos traz o segredo da vida no reino de Deus.

O reino de Deus é chegado em Jesus. Por meio da fé nele, entramos no reino. Ele pertence a nós. Mas vivemos no “reino deste mundo” (Ap 11.15), apesar de não pertencermos a ele. Pertencemos a uma nova ordem das coisas, uma era completamente nova, uma nova humanidade em Cristo. Essa nova vida, no entanto, deve ser vivida dentro do contexto da antiga vida. O novo estilo de vida do reino (a vida descrita no Sermão do Monte) deve ser expressa em um contexto que sofre oposição do mundo, da carne e do diabo (1Jo 2.15–17). Essa é a razão por que a batalha na qual o cristão se encontra é muito mais feroz do que qualquer coisa que ele conheceu antes de tornar-se cristão.

Quão equivocados estamos quando pensamos que, em nos tornando cristãos, tudo se tornará mais simples, fácil e menos exigente. Como isso poderia ser, uma vez que entramos em um reino que é estranho ao mundo em que vivemos e à vida que costumávamos ter? Se nosso Rei foi testado, tentado, hostilizado, rejeitado e por fim crucificado por este mundo, deveríamos nos surpreender de que pertencer a Seu reino nos coloca em uma batalha heróica? Ademais, também devemos lutar uma batalha *interna*! Trazemos para este novo reino alguns hábitos e maneiras de pensar do reino antigo. Pode ser uma luta muito grande para nós nos livrarmos de tudo aquilo.

Às vezes, entretanto, nos é dito, talvez por amigos cristãos bem-intencionados, “Se ao menos você tivesse a medida completa do Espírito, as coisas não seriam assim”. Na verdade, aqueles que têm uma experiência completa do Espírito são os mesmos que descobrem quão feroz o conflito entre o reino de Deus e o reino do mundo realmente é. Aqueles que vivem pelo Espírito devem *superar* os desejos pecaminosos; eles não são imunes a eles (Gl 5.16–17). Aqueles que têm o Espírito experimentam uma luta até a morte, uma vez que “mortifi[cam] os feitos do corpo” (Rm 8.13). Aqueles que já desfrutam dos primeiros frutos da colheita final do ministério do Espírito *gemem internamente* enquanto esperam ansiosamente a redenção final (Rm 8.23).

Eis o porquê de o Sermão do Monte estar repleto de *negativas*. Por todo o Seu ensino, Jesus contrasta o caminho do mundo (especialmente do mundo religioso, mas tratando também do mundo “mundano”) com o caminho do reino de Deus. Geralmente nos é dito para que não sejamos negativos (cuidado com a negatividade!). Mas esse é um conselho ruim para aqueles que desejam seguir a Cristo. Em Seu reino, ser positivo pressupõe ser também negativo. Pertencer ao reino de Jesus significa rejeitar todas as declarações e características do reino deste mundo. Significa ter uma sensação de não pertencer, pois somos “forasteiros [estrangeiros] no mundo” (1Pe 1.1).

No momento em que escrevo este livro, sou um estrangeiro nos Estados Unidos da América. Para ser preciso, sou o estrangeiro residente de número 37 669 045. Há milhões de nós, obviamente! Às vezes me perguntam sobre as diferenças entre os Estados Unidos e a Escócia (minha terra natal). Eu normalmente respondo, com humor: “Tudo é diferente”. Usamos o mesmo idioma, e muitos de nós têm as mesmas raízes étnicas. Mas muitas coisas concernentes às nossas vidas — nosso sotaque, nossa moeda local, a corrente elétrica que utilizamos, o lado da pista por qual dirigimos, as linhas nas telas de nossas televisões, nosso senso de humor (e o modo como soletramos *humor*!) — são bem diferentes.

De certa forma, quase tudo é similar; no entanto, tudo é diferente. Se somente algumas coisas fossem radicalmente diferentes, e fossem facilmente identificáveis, talvez estabelecer-se como estrangeiro fosse menos complicado. Mas uma das dificuldades por que todo estrangeiro passa é aprender a viver com “as diferenças” ao mesmo tempo que mantém sua personalidade e identidade nativas. Grande parte dos estrangeiros muito naturalmente, o que é compreensível, identificam-se completamente com o seu novo lar. Eles passam a ser, agora, americanos, e podem até aceitar o privilégio de tornarem-se cidadãos. Porém, quanto mais alguém luta por manter sua identidade nacional, mais consciente está de que é um residente estrangeiro.

Assim é com os cristãos que vivem neste mundo. Nossa pátria está nos céus (Fp 3.20). Este mundo não é nosso lar. Seu estilo de vida não nos pertence. Apesar disso, no entanto, não devemos viver em um gueto espiritual, totalmente isolados deste mundo; com efeito, somos o sal e a luz dele (Mt 5.13–16). Não é de admirar, então, que achemos o ensinamento do sermão de Jesus tanto exigente quanto estimulante!

O Sermão do Monte nos ensina sobre o estilo de vida do reino de Deus. Este reino será consumado somente quando Cristo voltar e transformar o reino deste mundo em Seu próprio reino, colocando publicamente todas as coisas debaixo de Sua autoridade.

Mas o Sermão do Monte não é sobre o quando e o então; ele é sobre o aqui e o agora. Ele não está nos perguntando se vamos viver uma vida semelhante à vida de Cristo nos céus. Ele está nos chamando a vivermos dessa forma já aqui, na terra, como o próprio Jesus o fez de forma perfeita. Este não é um sermão sobre uma vida perfeita em um mundo perfeito, mas sobre a vida do reino em um mundo caído.

Como você reage a tudo isso?

2

QUEM É VOCÊ DIANTE DE DEUS?

MATEUS 5.3–5

Mt. 5 ³ Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. ⁴ Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. ⁵ Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

* * *

Por volta dos meus sete anos, fui trocado de sala na escola em que estudava. Lembro-me muito bem daquela mudança de ambiente. Foi bastante traumático para mim. E ainda consigo sentir como foi ouvir todos os meninos e meninas da nova turma entoando, em coro uníssono, as seguintes palavras: “Jesus abriu sua boca e os ensinava, dizendo: ‘Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus’”. Meus colegas de sala haviam memorizado o que costumamos chamar de “As Bem-Aventuranças”. Eu não as conhecia nem sabia como localizá-las na Bíblia. E como até então eu não conhecia ao Senhor, não seria uma surpresa que eu não tivesse conhecimento nenhum sobre o significado daquelas palavras, mesmo após eu mesmo tê-las decorado!

É perceptível que as Bem-Aventuranças pertencem a um mundo diferente desse em que vivemos. Uma bem-aventurança é algo que associamos exclusivamente ao Sermão do Monte. Nós não costumamos chamar alguém de bendito, bem-aventurado. Mesmo pessoas ensinadas a intitular Maria, a mãe de Jesus, de “a virgem abençoada [ou beata]” podem não compreender o significado das Bem-Aventuranças.

Mas as declarações encontradas em Mateus 5.3–12 não deveriam soar estranhas a pessoas familiarizadas com as Escrituras. O Livro de Salmos, por exemplo, começa com uma bem-aventurança: “*Bem-aventurado* o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores” (Sl 1.1). Da mesma forma, o Salmo 32 se inicia com duas bem-aventuranças: “*Bem-aventurado* aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. *Bem-aventurado* o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo” (Sl 32.1–2; Rm 4.7–8). Uma bem-aventurança é certamente linguagem familiar aos leitores do Antigo Testamento. Mas o que ela significa? Quem é o “bem-aventurado”?

Benção e seu oposto na linguagem bíblica, *maldição*, são palavras intimamente relacionadas ao pacto de Deus com o Seu povo. De acordo com a promessa e a fidelidade do Senhor, aqueles que fossem fiéis a Ele experimentariam e viveriam Suas benções; os que, no entanto, não se voltassem a Deus, experimentariam Seu julgamento e maldição. A aliança de Deus com Abrão ilustra isso. Quando chamou Abrão, Deus prometeu abençoá-lo e trazer bênção sobre toda a terra por meio dele (Gn 12.2–3).

Mais tarde, na aliança no Sinai, isso fica ainda mais claro. Deuteronômio 28.1–14 contém todas as promessas de Deus para abençoar o Seu povo quando em obediência à palavra da aliança, ao passo que os versículos 15–68 registram as maldições e o julgamento que acompanhariam a desobediência.

A bênção é simplesmente a comunhão com Deus, o experimentar da promessa do pacto: “Vós sereis o meu povo, Eu serei o vosso Deus”. Isso significa ter o relacionamento correto com Deus e desfrutar dele como se deve. É por isso que os capítulos iniciais da Bíblia registram Deus abençoando Sua criação e Suas criaturas (Gn 2.3). Tanto que por vezes o termo *bem-aventurado* tem sido traduzido por *divinamente feliz*.

As Bem-Aventuranças, portanto, não se concentram no que *nós* temos de fazer; ao invés disso, elas descrevem as bênçãos — o pacto da graça e a alegria — que pertencem a todos cuja vida manifesta as marcas do reino de Deus. Ao expor cada bem-aventurança em Mateus 5, Jesus também explica o porquê de cada bênção.

De vez em quando ficamos um pouco confusos quanto à natureza do ensino de Jesus, de onde Seus ensinamentos provêm, e em nenhuma outra parte essa ocorrência se faz mais presente do que nas Bem-Aventuranças. As palavras de Jesus não foram inspirações momentâneas, algum tipo de *insight* ou de revelação repentina. Mas o ensino de Jesus, na maior parte das vezes, tomava a forma de exposição ou aplicação e elucidação das Escrituras.

As Bem-Aventuranças estão enquadradas nesse fato. Mais especificamente falando, Jesus tomou alguns temas registrados nos Salmos, no livro de Isaías e aplicou-os em Seus discípulos. Ele estava ressaltando o que a Palavra de Deus nos diz sobre o que é a vida bem-aventurada. O “novo” elemento não eram as Bem-Aventuranças em si ou o fato de serem expostas por Jesus. A “novidade” estava no pano de fundo, Jesus discursava em um cenário no qual a Palavra de Deus fora obscurecida. As pessoas haviam perdido de vista onde a verdadeira bem-aventurança deveria ser encontrada.

A voz de Jesus precisa ser ouvida novamente *pelos cristãos*. Quão depressa nos desviamos da perspectiva de Cristo!

Podemos rapidamente pôr à prova o que acabou de ser dito. O que o seu coração tem determinado ser vital para a sua vida e seu caráter? Quais são as oito coisas que você mais deseja ver desenvolvidas e progredidas em sua vida? Talvez seja uma boa ideia montar uma lista. Contudo, ela estaria a favor do que Jesus declarou? Sua lista inclui pobreza de espírito, humildade, fome e sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, um espírito

pacificador e uma disposição para ser perseguido por causa de Jesus? Ou você acha que a verdadeira bem-aventurança deve ser encontrada em outro lugar ou em outras coisas?

Nosso Senhor diz que todas as demais supostas bênçãos não passam de miragens no deserto. Elas podem prometer muitas coisas, mas nada conseguem produzir, a não ser decepção e frustração. A única vida que Deus abençoa é aquela marcada por Seus valores, característica daqueles que pertencem ao reino de Deus.

Os cristãos se diferem de muita formas, mesmo na personalidade, nos interesses, na origem social e nas habilidades intelectuais. Quão diferentes nós somos uns dos outros! Ainda assim, de acordo com o Novo Testamento, todos pertencemos à mesma família e temos os mesmos traços, somos consanguíneos, e estes estão listados nas Bem-Aventuranças.

Quantas e quantas vezes fui surpreendido e fiquei encantado ao encontrar cristãos que admiro e respeito pelo serviço que prestam e pelo ministério que exercem — homens e mulheres, em vários aspectos, muito diferentes uns dos outros, cujas personalidades, no entanto, expressam características consonantes, demonstrando pertencer, assim, à mesma família, à de Cristo. Isso é possível porque o mesmo Cristo transforma o Seu povo à Sua semelhança sem eliminar a identidade individual de cada crente. Isso, sim, é bênção em abundância!

As três bem-aventuranças iniciais descrevem o cristão como alguém pobre de espírito, que chora e que é manso. Há um elemento em comum nessas características, e é o reconhecimento de que quem somos na presença de Deus é quem realmente somos; nem mais, nem menos. Somente estes pertencem ao reino de Deus e recebem o encorajamento e o conforto de Sua graça. Somente eles têm seus prantos transformados em folgedos (Sl 30.11) e entram na realidade da terra prometida a Abraão (uma figura de Cristo e de Sua autoridade sobre todas as terras).

O POBRE DE ESPÍRITO

A pobreza de espírito não se trata de condição financeira ou depressiva, embora muitos acreditem nisso, ainda que não seja verdade. Alguns cristãos doaram todas as suas posses com base nesta bem-aventurança, contudo um homem pode nada possuir e, ainda, não ser pobre de espírito. A pobreza de espírito também não é uma autoimagem negativa, na qual baixa estima, introversão e morbidez predominam. Novamente, um homem pode estar marcado com todas estas características e, contudo, nada entender sobre o que Jesus quis dizer.

No Antigo Testamento, a expressão *os pobres* beira a termo técnico, utilizado para designar um grupo específico de pessoas. O Salmo 34.6 menciona este “aflito”; ele clama ao Senhor, o Senhor então o ouve e o salva. No Salmo 40.17, o autor se descreve como “pobre e necessitado” e pede ao Senhor para que se lembre dele e o salve. Outras passagens, à semelhança das anteriores, enfatizam que ser pobre é ser fraco, e ser necessitado é ser destituído e impossibilitado de proteger e salvar a si mesmo. Os pobres são os necessitados e os cativos que “buscam a Deus” como único refúgio e salvação (Sl 69.32–33). Eles são, reconhecendo-se como tais, os arruinados deste mundo, confiando, por isso, no Senhor como única esperança de proteção e libertação.

Mas o que é pobreza de espírito? Ao falar sobre os “pobres de espírito”, Jesus salienta não estar se referindo aos que carecem de bens materiais. A falta de posses terrenas até pode conduzir alguém à pobreza de espírito, mas ambos os pontos são distintos. Na verdade, a pobreza material pode vir a endurecer nosso orgulho. Jesus, aqui, está descrevendo a pessoa que enxerga a própria escravidão espiritual, consciente da dívida por conta de seus pecados (ver Mt 6.12) e sabe que, em si mesma, está desamparada perante a presença de Deus. Tudo o que ela pode fazer é clamar por misericórdia e depender do Senhor.

Ninguém seria cristão sem este espírito, o qual repousa sobre cada cristão. É o mesmo espírito do filho pródigo, que, arrogante e autoconfiante por ter sua parte da herança, deixou seu pai, mas, quando completamente arruinado e falido, “caiu em si” (Lc 15.17). Em humildade de espírito, esvaziado de todo o seu orgulho, ele voltou à casa do pai, desta vez de mãos vazias e não mais cheio de si, visando somente aquilo que agradaria a seu pai conceder-lhe. É assim com o cristão:

Nada em minhas mãos trago,
Só à Cruz me agarro;
Nu, me achego a Ti por vestimenta;
Desamparado, olho a Ti por graça;
Imundo, à fonte eu corro;
Lava-me, Salvador, ou morro.

(A. M. Toplady)

Nos capítulos iniciais de Romanos, Paulo dá a entender o modo como este novo espírito nasce em uma pessoa. Descobrimos que, longe de sermos autossuficientes e aceitos em Sua presença, nós, por natureza, nos rebelamos contra Deus. Nós violamos Seus mandamentos. Tudo o que temos feito, presumindo merecer Seu favor, simplesmente nos impossibilita de permanecer dignos em Sua presença. Somos completamente culpados, desde a língua em nossa boca, com que praticamos o engano e falamos falsidades, a nossos pés, que não conhecem o caminho da paz, cujos caminhos são marcados por ruína e miséria (Rm 3.13–17). “Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.10–12).

O que acontecerá se levarmos a sério esta sentença proferida por Deus e a aplicarmos em nossas vidas, tendo em mente Seu trono de justiça e veredicto? Paulo não nos deixa à mercê de nossa própria imaginação: toda boca será calada e silenciada, e o mundo

inteiro — incluindo nós mesmos — será condenado culpado diante de Deus (Rm 3.19). Nós, que temos orgulho de nossa suficiência ou daquilo que fazemos; nós, que agradecemos a Deus por não sermos como outros pecadores, nós não teremos absolutamente nada que declarar Àquele que nos julgará. Permaneceremos diante dele envergonhados, em silêncio, completamente perdidos.

Quando Deus nos leva a compreender que essa é a nossa real condição perante Ele e a reconhecemos como verdadeira, então a pobreza de espírito nasce em nosso coração. Agora de olhos abertos, fora da ilusão e do engano em que nos encontrávamos, vemos que nossa única esperança está no Senhor. Somos meros homens e mulheres destituídos de qualquer justiça própria, sem nenhum recurso com o qual poderíamos apelar diante de Deus. Somos seres falidos, devedores no tribunal divino. Nossa súplica deve ser por misericórdia.

Somos exortados, em nossos dias, a desenvolver todo tipo de espírito, exceto a pobreza espiritual. Mas, se formos achados sem ele, seremos levados à ruína espiritual, como Jesus advertiu a Igreja de Laodicéia: “pois dizes: estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3.17). Estaremos em perigo de sermos vomitados da boca de Cristo, considerados nem quentes nem frios. São muitos os ensinamentos que nos dizem como sermos cheios do Espírito, mas onde poderemos aprender o que significa ser esvaziado espiritualmente — esvaziado de autoconfiança, presunção e justiça própria?

A triste realidade é que sabemos pouquíssimo da bênção de que Cristo fala (e que Ele dá), pois geralmente estamos cheios demais de nós mesmos e de nossos próprios meios de conseguirmos alguma bênção. A bem da verdade, a prontidão que muitos de nós têm em externar o que acham e pensam é a constatação mais lamentável do quão carente somos da pobreza espiritual. Mas o homem agora pobre de espírito é aquele que foi silenciado por

Deus, buscando dizer somente o que, em humildade, tem aprendido dele.

Se você deseja ser rico e gozar de um reino, primeiro perca tudo — incluindo a si mesmo e o seu egocentrismo — e torne-se pobre de espírito.

OS QUE CHORAM SÃO CONSOLADOS

O lamento e o pranto consistem na tristeza e no sofrimento oriundos de grande perda. Nós costumamos associar esse tipo de sentimento — e a bem-aventurança que diz ‘aqueles que choram serão consolados’ — ao luto. Porém, essa ligação entre perda e sofrimento é, na realidade, a forma mais dolorosa e genérica de uma experiência tomar forma, e a maioria das pessoas sofre quando perde alguém. A profunda frustração que sentimos em alguma amizade, ou pela perda de um emprego, ou quando fracassamos em algum teste também são formas de sofrimento.

Jesus está, com o que é dito aqui, nos dando um encorajamento vago, superficial, garantindo que certamente a tristeza, mesmo após longa espera, perderá forças? Ele estaria dizendo: “Prossiga. Em breve seus problemas irão embora. O tempo curará todas as dores”? Pensar assim seria fazer uma leitura bastante superficial do Sermão do Monte.

Jesus está falando da vida no reino de Deus. A pobreza que Ele descreve se encontra no espírito do homem, não em seu bolso. Do mesmo modo, a tristeza narrada por Jesus é a aflição que o homem sente pela pecaminosidade que reside em seu próprio ser; é o arrependimento daquilo que a pessoa já provou ser desagradável ao Senhor. Agora, atordoado ao descobrir a pobreza de espírito que nela há, esta pessoa aprende a lamentar a própria miséria.

Aqui, então, está mais uma característica do cristão. Ele não apresenta justificativas para seus pecados, nem os atenua ou os ignora. O cristão não contrapõe numa balança seus pecados àquilo

considerado por ele como suas melhores qualidades, ou aos frutos de seu serviço. Antes, ele clama com Paulo “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”, e, por conseguinte, é consolado pela resposta: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” que há livramento, conforto e consolo (Rm 7.24–25).

Bem como acontece com as demais graças espirituais, também é possível que sejamos enganados quanto à verdadeira natureza do lamento que é próprio de um espírito pobre. O chorar as próprias misérias em pobreza espiritual *jamaís*, e haja ênfase aqui, deve ser igualado ao espírito meramente cabisbaixo e depressivo. Alguns, por natureza, são melancólicos, deixando-se abater em seus espíritos facilmente. Tornamo-nos introvertidos e desenvolvemos uma autoimagem inferiorizada, o que pode influenciar o modo como vemos e tratamos os outros, influenciando mesmo a maneira como levantamos a cabeça ou caminhamos. Mas todas essas atitudes podem ser características de uma pessoa absorta em si mesma, mas não pobre de espírito.

Em contraste, o homem que genuinamente lamenta por causa de seu pecado já foi afastado de si mesmo para enxergar a Deus em Sua santidade e graça. Foi isso — haver enxergado a Deus — que o fez lamentar. Paradoxalmente, a mesma visão que o homem tem de Deus e, por conseguinte, o faz lamentar é a que também lhe trará conforto. O Deus contra quem ele pecou é o Deus que perdoa a pecadores!

Há um exemplo clássico, referente a essa questão, no Salmo 130. O salmista sente-se oprimido ao pesar-lhe a percepção de seus pecados. Ele se vê diante do tribunal de Deus e confessa: “Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?” (v. 3). Não é meramente o medo de ser descoberto que o oprime; mas o que o enche de vergonha e tristeza é compreender que ele ofendeu ao Senhor.

Ainda assim, o salmista, achando-se então na presença de Deus, também aprendeu o surpreendente fato de que em Deus há perdão, e que, portanto, Ele deve ser temido (Sl 130.4). O pecador odeia o pecado que nele persiste e pranteia por isso, pois é uma ofensa a Deus. E ainda maior é seu lamento porque este mesmo Deus é o Deus que perdoa pecados!

Alguns cristãos parecem nunca descobrir esta realidade de vida no reino de Deus. É a *graça* que nos faz lamentar por nossa pecaminosidade. Sim, a lei de Deus nos convence do pecado (assim como convenceu Paulo; ver Rm 7.7–12). Mas é a graça de Deus que derrete nosso coração e nos conduz à atitude correta a respeito do pecado, em tristeza, vergonha e pranto.

Não seria este um retrato obscuro de o que significa ser cristão? Notoriamente, trata-se de um contraste — e talvez de um antídoto — com a noção contemporânea de que ser cristão significa sentir-se constantemente eufórico, com o emocional sempre “elevado”. Mas, por sua vez, seria verdadeiro afirmar que o cristão vive constantemente em um estado de prantos e lamentos, sempre clamando “Desventurado homem que sou!” (Rm 7.24)?

Três pontos devem ser enfatizados aqui. Primeiro, o cristão se entristecerá estando ciente do próprio pecado, caso contrário entristecerá o Espírito Santo (Ef 4.30). Mas a profundidade, consciente e psicológica, dessa tristeza pode variar bastante. A sensibilidade ao pecado não significa necessariamente que o cristão estará em constante estado de desespero.

Segundo, é preciso lembrar-se de que nenhuma bem-aventurança deve estar isolada das outras. Jesus descreve toda a vida cristã neste sermão. Não deveríamos fragmentar Seu ensino, isolando estes princípios uns dos outros.

Além do mais, passar por uma experiência espiritual completa significa que, também, nossas emoções responderão ao Evangelho, e cada vez mais, não menos.

Aquele que é filho do reino conhece alegrias maiores tanto quanto lamentos mais profundos; ele sabe bem o que é ser mais sensível ao pranto, mas também conhece conforto mais intenso, agora que pertence ao Senhor. Suas emoções tornam-se mais sensíveis — não menos.

Referente a isso, pense em Paulo. Tendo por ponto de partida o Novo Testamento, a impressão que passa não é a de que ele, ao ser trazido para o reino de Deus, foi transformado de um jovem seco, apático — emocional, espiritual e psicologicamente amarrado, preso a um número limitado de emoções naturais ao ser humano — num homem cuja sensibilidade das emoções foi expandida, em altura, largura e profundidade, ao máximo? Na devida proporção, isso é verdade também para todos nós. O processo da expansão espiritual envolve dor — a dor de descobrir os efeitos de nossos pecados, a vergonha e a tristeza ao compreender quão distorcidos somos. Esta é a primeira etapa para se descobrir o conforto e consolo do Evangelho.

Jesus interpretou o que acabo de dizer declarando ser este o cumprimento da promessa de Isaías sobre o ministério do Messias que havia de vir:

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim [...] O Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados [...] a curar os quebrantados de coração, e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado (Is 61.1–3; Lc 4.16–21).

O MANSO HERDA A TERRA

A pobreza de espírito e o prantear sobre o pecado exercem influência persuasiva em nossa vida, cujos efeitos imediatos são transformar-nos em seres *mansos*.

A palavra *mansidão* é notoriamente de difícil definição. Certamente não é fraqueza de caráter. Ao contrário, é uma força humilde que faz parte do homem que aprendeu a submeter-se às dificuldades (experiências difíceis e pessoas difíceis), sabendo que em tudo Deus está cooperando para o seu bem. O homem manso é o homem que compareceu ao julgamento de Deus e abdicou de supostos “direitos”. Ele aprendeu, em gratidão à graça de Deus, a submeter-se ao Senhor e a ser gentil com pecadores.

As Escrituras fornecem duas ilustrações singulares de mansidão. Moisés é a primeira. Ele era o homem mais manso de sua época (Nm 12.3). Contudo, o registro da vida deste homem nos ensina que *esta não era a sua disposição natural*, mas uma qualidade que Deus forjou em seu caráter durante muitos anos e com muita paciência.

Moisés, enquanto jovem, pode ter sido autossuficiente e, como muitos homens imersos na autossuficiência, impetuoso e obstinado. Atos 7.25 parece indicar que Moisés tinha a impressão de que Deus o estava chamando para liderar os israelitas e libertá-los da escravidão do Egito. Ao matar o egípcio que estava maltratando um israelita, ele “pensou que seu povo compreenderia que Deus o estava usando para resgatá-los” (At 7.24).

Foram necessários quarenta anos na solidão e no isolamento do deserto — quarenta anos cuidando de ovelhas ao invés de pastorear Israel — para que o espírito natural de Moisés fosse subjugado por Deus e a Ele submisso, agora preparado para o chamado que recebeu, vindo da sarça ardente (Ex 3.1ss.). Devem ter sido anos de provação para Moisés; ele provavelmente entrou em desespero por não saber se algum dia seria útil no serviço a Deus. Quarenta anos servindo como pastor de ovelhas deram-lhe tempo suficiente para refletir e lamentar sobre seus próprios pecados, para aprender a ter paciência e a ser submisso à vontade de Deus.

Esta mansidão “do reino” diz muito respeito ao que Deus opera em nós, embora raramente reconheçamos esse operar. Deus deseja

que sejamos mansos, mas talvez antes será necessário que Ele quebre nosso orgulho, destrua aquilo que nos faz pensar sermos autossuficientes e que nos humilhe debaixo de Sua mão forte, para então nos usar para a Sua própria glória. Ele envia provações, revela as ambições secretas que temos escondido em nosso coração e traz à luz a confiança que depositamos em nós mesmos. Assim, conforme nos transforma, Ele pacientemente desenvolve em nós esse caráter de mansidão. Agora, sim, Ele nos usará para a Sua própria glória e para abençoar a vida de outras pessoas.

O segundo modelo de mansidão registrado nas Escrituras é o do Senhor Jesus Cristo. Ele é “manso e humilde de coração” (Mt 11.29). Na verdade, esta mansidão é basicamente a única qualidade pessoal a respeito de si mesmo à qual Jesus deu atenção especial. Ele é de fato, no sentido bíblico, “Jesus benigno, manso e suave”. Se desprezamos tais palavras (escritas por Charles Wesley), arriscaremos desprezar aquilo que Jesus declarou de si mesmo. E não apenas isso, mas também deixaremos de nos atentar ao que Deus deseja operar em nossa vida.

A mansidão é de especial importância aos servos de Jesus Cristo. Tanto que Isaías assim descreve Jesus, como o Servo de Deus: [que] “Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça” (Ele não chama atenção para si.) “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fuma; em verdade, promulgará o direito.” (Is 42.2–3). Todos os servos de Jesus são chamados para partilhar destas mesmas qualidades.

Eis o porquê de, ao ser confrontado por uma congregação à qual, podemos pensar, “demonstrar força” seria conveniente, o apóstolo Paulo apela aos coríntios “pela mansidão e benignidade de Cristo” (2Co 10.1). Por igual motivo, Paulo enfatiza para Timóteo que o servo do Senhor deve seguir a mansidão e a benignidade (1Tm 6.11). O instruir do servo de Deus deve ser suave; ele não deve ser briguento (2Tm 2.24–25).

É provável que não haja característica mais bela no cristão do que a mansidão. Esta fortalece a masculinidade, adorna a feminilidade; é uma joia polida pela graça. É muito rara, contudo. Acaso seria porque poucos de nós sabem o que significa ser pobre de espírito? Porventura por que não sabemos o que lamentar e pranteiar pelos próprios pecados quer dizer?

Pobreza de espírito, lamentar e pranteiar sobre o pecado, mansidão espiritual — todas essas marcas, que repousam sobre aqueles que têm a vida do reino, podem ser imitadas. Podemos falsificá-las. No entanto, à semelhança de uma pedra que, lançada ao ar, parece desafiar a lei da gravidade, subindo enquanto perde velocidade até que, repentinamente, despenca e, por fim, volta ao chão, assim sucede a toda imitação barata da graça de Deus. Elas “são incineradas” quando retornam à atmosfera deste mundo. Essas imitações não conseguem se manter em um mundo caído. Somente o que é verdadeiro subsistirá.

E como estas marcas surgem dentro de nós? Nosso capítulo se inicia com a resposta bíblica a tal pergunta. Somente o conhecimento de Deus e de Sua presença é que nos revelará quem realmente somos. Quando compreendemos quem somos perante Deus e assim olhamos para Ele em busca de graça e salvação, então nos tornamos pobres de espírito, então pranteamos por nossos pecados, então, enxergando quem e como de fato somos, curvamo-nos à Sua vontade em todas as coisas. E assim que experimentamos a ternura de Sua graça, passamos a ser mansos e suaves para com o próximo.

3

CHEIO DE JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

MATEUS 5.6–7

Mt. 5 ⁶*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.* ⁷*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*

* * *

Nós temos duas necessidades espirituais básicas. A primeira é conhecer a nós mesmos, descobrir quem realmente somos na presença de Deus. E a Palavra revela isto:

“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.12–13)

Quando a Palavra de Deus é exposta no poder do Espírito, somos forçados, sob influência desta, a nos enxergarmos em toda a nossa pecaminosidade. Assim, descobrindo a nós mesmos, tornamo-nos pobres de espírito, pranteamos por nossos pecados e nos tornamos humildes perante Deus. Até aqui foi isso que Jesus já nos ensinou no tocante às Bem-Aventuranças.

Temos, no entanto, outra necessidade espiritual ainda maior. Já absortos *em* nós mesmos, agora precisamos ser *desarraigados* de

nós mesmos. Martinho Lutero disse que o problema básico do homem é que ele é *“incurvatus in se”* — voltado a si mesmo, egocêntrico. O operar de Deus em dar-nos o verdadeiro conhecimento de nós mesmos não tem por objetivo aumentar nosso egocentrismo, mas, ao contrário, é o caminho para enfraquecê-lo. Uma vez descoberta a inexistência de outros meios com que possamos salvar a nós mesmos, aprendemos a buscá-los em outro lugar — em Cristo —, a fim de satisfazermos nossas necessidades e, também, satisfazermos as necessidades do mundo em que vivemos.

A quarta e a quinta bem-aventuranças nos dizem que aqueles que têm fome e sede de justiça serão fartos, e aqueles que são misericordiosos alcançarão misericórdia. Essas duas bem-aventuranças têm um significado crucial na gama de graças descritas por Jesus. Ambas ressaltam que, embora devamos descobrir quão profunda é a nossa necessidade, Deus não deseja que nossa vida fique paralisada por nosso senso de sermos seres necessitados. Em vez disso, Ele quer que nos esqueçamos de nós mesmos e nos voltemos à Sua justiça e retidão; e havendo encontrado Sua justiça e retidão, que nos voltemos àqueles que ainda carecem de misericórdia.

Essa transformação de um coração dominado por si e absorto no próprio ego para um coração que se volta e olha para Deus e para os outros indica o momento de transição da imaturidade para a maturidade na experiência espiritual. Na vida terrena, a diferença entre a infância e a maioridade se dá quando paramos de ser guias de nós mesmos e aprendemos que possuímos um lugar, uma posição neste mundo. De forma análoga na vida espiritual, o cristão maduro é alguém cuja vida é centrada em Deus e em Sua vontade, e que busca servir ao próximo pela graça de Deus.

FOME E SEDE

Fome e sede são necessidades físicas básicas. E esta era uma realidade ainda mais intensa na Palestina à época de Jesus, onde a água era escassa e a comida, às vezes, insuficiente. Por esta razão, Ele usa justamente estes termos para descrever com que intensidade o cristão anseia pela *justiça de Deus*.

A ideia de justiça ocorre com certa regularidade neste sermão. É um dos temas principais: os cristãos, de tempos em tempos, podem ser perseguidos por causa da justiça (5.10); eles devem ter uma justiça que exceda a justiça dos escribas e fariseus (5.20); eles fazem atos de justiça (6.1); e, acima de tudo, os cristãos devem buscar o reino de Deus e a sua justiça, na certeza de que tudo que lhes é necessário será acrescentado (6.33). Mas *o que* é a justiça de Deus?

O conceito por trás da palavra bíblica *justiça* é bem provavelmente “conformidade a uma norma”. Dada a norma, justiça é a condição em que as coisas são o que devem ser. No Antigo Testamento, a justiça é associada ao pacto de Deus. Ele é fiel ao Seu pacto. Referente ao que Ele promete, Deus sempre faz o que Ele tem de fazer, a saber, Ele sempre cumpre o que prometeu. Por isso, Sua justiça pode ser expressa em julgamento ou em salvação.

Nós costumamos associar a justiça de Deus unicamente à condenação, mas a Escritura não limita a justiça desta forma, declarando que “o efeito da justiça será paz” (Is 32.17), e explicando em Isaías 45.21 o que isso significa, que Deus é um “Deus justo e Salvador” (e não “*mas também* um Salvador”).

Ter fome e sede de justiça é, portanto, algo multifacetado. Significa, em primeiro lugar, ansiar por ter um relacionamento com Deus correto e, conseqüentemente, por ser justo diante dele. E ainda mais, também significa ter o desejo de viver de forma justa perante Ele nesse mundo, desejando ver relacionamentos corretos e restaurados na vida dos demais. Em um mundo caído, ter fome e sede será algo contínuo na vida cristã.

A justiça [retidão] por que buscamos (nosso relacionamento com Deus ser o que e como deve ser) encontra três dimensões. Primeiro, ela nos é concedida pelo próprio Jesus. Nós pecamos, mas Deus fez Cristo pecado por nós, a fim de que nele (por meio da fé) recebessemos justiça (2Co 5.21). Este é o cerne do Evangelho. Falta-nos justiça e retidão, mas Deus no-las concede.

Esta foi a descoberta que mudou a vida de Martinho Lutero. Estudando Romanos, ele empenhou-se e lutou contra a declaração de Paulo, a qual diz que a justiça de Deus é revelada no Evangelho. Para Lutero, isso sugeria que Cristo estava diante dele no papel de juiz hostil. Aliás, na versão latina da Bíblia de Lutero, a palavra *justiça*¹ foi traduzida por “*justitia*” (justiça). O simples pensar em Cristo o aterrorizava.

No entanto, passado certo tempo, Lutero começou a descobrir o que Paulo realmente queria dizer. Ele compreendeu que Paulo não estava retratando Cristo no papel de juiz, mas de Salvador. O relacionamento correto com Deus, sobre o qual Paulo escreveu, foi oferecido por Cristo como um presente, um dom. A partir daquele momento, Lutero chamou as palavras de Paulo de “os portões de entrada para o próprio Paraíso!”. Agora ele, sem dúvida, passou a ter fome e sede de justiça, e Deus o satisfaz!

Mas essa é somente uma dimensão da justiça e retidão de Deus pelas quais devemos ansiar. Há um segundo aspecto. Não podemos receber a Cristo como nosso Salvador (tal qual Lutero), se não estivermos dispostos a que Ele de fato seja precisamente o que Ele é — *Salvador*. Como tal, Ele nos salva do poder do pecado e de sua influência. Ele não traz unicamente remissão dos nossos pecados, mas também opera em nós para vivificar-nos em nosso relacionamento correto com Deus. Assim, em Romanos 5.21, Paulo declara que a graça de Deus reina em nossas vidas *pela* justiça. A graça não é um presente somente! Ela é o rei soberano que reina sobre nós em Jesus Cristo. Ela reina, e reina mediante a justiça e retidão, nunca à parte.

Uma vida reta é do que temos fome e sede, bem como do perdão. Se assim não for, então nosso suposto anseio por um relacionamento correto com Deus é contraditório. Não podemos receber o presente de Deus (perdão) enquanto negligenciamos Suas exigências (uma vida reta). Uma das grandes tragédias encontradas dentro da igreja nos dias de hoje é o fato de que passamos a crer no que Dietrich Bonhoeffer chamou de “graça barata” — um Salvador que nos deixa da mesma forma que já éramos, mas não nos salva verdadeiramente do pecado.

Por vezes a distinção entre cristãos “carnais” e cristãos “espirituais” têm encontrado justificativas por Paulo aparentemente afirmá-la em 1Coríntios 3.1–4. Mas, ao contrário do que se possa pensar, o objetivo de Paulo é declarar que pessoas cuja vida não manifesta justiça e retidão na prática não estão simplesmente agindo como cristãos “inferiores”; *eles estão se comportando feito pessoas que nem sequer são cristãos*. Elas contradizem a justiça salvífica de Deus.

O terceiro aspecto da perfeita justiça de Deus, pelo qual também ansiamos, envolve nossa busca por vê-la estabelecida em todos os lugares. Devemos desfrutar de um relacionamento correto com Deus. Devemos ser moralmente íntegros com nossa vida. Devemos desenvolver relacionamentos corretos com as demais pessoas, tratando-as de tal modo. Devemos encorajar integridade moral e relacionamentos corretos no mundo em que vivemos, por meio do trabalho de evangelismo e em tudo o que fazemos, objetivando reformar a sociedade e conformá-la aos ensinamentos de Cristo. O evangelismo, o fazer missões e o servir à reforma social não devem ser considerados alternativas para o cristão, são trabalhos que caminham juntos. Cada qual é uma aplicação do desejo de vermos a justiça de Deus prevalecer no mundo. Isso é o que queremos dizer quando oramos “faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10)!

Mais do que qualquer outra coisa, a perfeita justiça implica *relacionamentos corretos* — seja o nosso relacionamento com

Deus, seja com as demais pessoas, seja com o mundo de modo geral. Eis a razão por que a busca pela justiça [de Deus] jamais deve tornar-se uma caça implacável: o senso de necessidade nasce na pessoa, então ela passa a pedir por justiça e retidão, pedido este que se estende ao compreendermos o quanto o mundo é necessitado. O anseio por justiça e retidão procede de um coração quebrantado. Por esta razão, ter fome e sede de justiça liga-se a outra bem-aventurança, a qual, por sua vez, nos leva à mais doce característica do verdadeiro cristão.

SENDO MISERICORDIOSO E RECEBENDO MISERICÓRDIA

Jesus declara que os misericordiosos são bem-aventurados porque receberão misericórdia.

Tais palavras nos deixam numa situação um tanto quanto problemática. Jesus quer dizer que nós receberemos misericórdia somente se, antes, formos misericordiosos? Com certeza, é isso o que Ele quer dizer. Disso, contudo, não se implica que a *causa* de recebermos misericórdia é porque fomos misericordiosos, como se tivéssemos merecido a misericórdia de Deus. Ser misericordioso é o resultado natural do receber a Cristo e do experimentar a graça de Deus. Se não somos misericordiosos, logo não recebemos a misericórdia de Cristo e, portanto, não podemos esperar receber misericórdia no dia do julgamento final.

Quanto ao que Jesus fala sobre misericórdia, não há nenhum problema, de modo algum. Esse uso das palavras ocorre *mais tarde* em Seu ensino: aqueles que perdoam os pecados dos outros serão perdoados (Mt 6.15). Isso não significa que merecemos perdão por perdoar aos outros, mas, ao contrário, significa que, a menos que perdoemos ao próximo, não haverá evidência de que nós mesmos tenhamos sido perdoados.

Um ponto similar é usado na parábola sobre o credor incompassivo (Mt 18.21–35). Aqueles que são compassivos, havendo sido perdoados de uma dívida no valor de um milhão, não

devem então exigir e reivindicar que lhes sejam restituídos alguns poucos centavos de alguém que lhes deve. Certamente, pessoas podem e conseguem agir de tal forma (o credor na parábola, por exemplo). Mas se assim procedem, é sinal de que elas ainda não compreenderam o privilégio que lhes foi concedido. E da mesma forma é no reino de Deus.

Costumamos dizer que se deve demonstrar misericórdia. Mas o que é misericórdia? Acaso seria bondade? A misericórdia inclui bondade, mas é mais que isso. Certa pessoa expressou essa diferença de maneira um tanto pitoresca, mas com precisão: a bondade é um amigo lhe telefonando quando você está bem; já a misericórdia é um amigo lhe telefonando enquanto você está doente.

É na Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30–37) que é expressa a melhor ilustração do que significa misericórdia. No final da parábola, Jesus pergunta qual dos três viajantes (um sacerdote, um levita, um samaritano) provou ser o próximo do homem que fora atacado por salteadores. Um intérprete da lei respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10.37). O samaritano ilustrou o significado de misericórdia.

Deve-se notar duas coisas no exemplo de misericórdia que o samaritano é para nós.

1. *A misericórdia atenua as consequências do pecado na vida das pessoas (tanto do ofensor quanto do ofendido).* O samaritano se responsabilizou pelo homem ferido. Ele ministrou ao corpo débil e machucado daquele homem, e fez todo o possível para prover restauração e cura. O samaritano não lidou com o que causou a necessidade do ofendido, perseguindo os salteadores (ele não buscou retaliação). Ele não reclamou sobre a falha da sociedade em suprir a necessidade daquele homem (tal protesto não era a solução apropriada para a condição do ofendido). Em vez disso, o samaritano buscou trabalhar no contexto da necessidade imediata colocada em seu caminho e fornecer alívio.

Certamente há espaço para procurar obter justiça. E, também, há lugar para a queixa profética quando a sociedade não toma partido do necessitado. Contudo, nem uma nem outra representam o exercer misericórdia. Misericórdia é arregaçar as mangas, curvar os joelhos e, daí, fazer o possível para restaurar a dignidade da pessoa em questão, cuja vida foi debilitada pelo pecado (seja nos próprios pecados, seja alguém vítima dos pecados de outra pessoa).

Não é de admirar que a igreja primitiva costumasse pensar no próprio *Jesus* como o Bom Samaritano! Ao se deparar com caniços feridos, Ele não os quebrou; Ele os curou. Quando se chegava a homens cujas vidas eram como o pavio que fumega, Ele não os apagava; Ele os incitava às chamas, agitando-os. Jesus restaurou o fraco e o esmagado. Ele nunca os ignorou, nem, pior, neles pisou (Mt 12.18–21).

Você é como Jesus nesse sentido? Você já se deteve em socorro do ferido e doente? Ou sempre achou um motivo para passar pelo outro lado (Lc 10.31, 33)?

2. A misericórdia não se esconde atrás de escrúpulos antibíblicos a fim de se proteger do serviço custoso. O sacerdote e o levita que passaram longe do homem machucado sem dúvidas tiveram razões para fazê-lo. Eles tinham a própria vida de que cuidar. Eles poderiam revirar o homem só para achá-lo morto, tornando-se cerimonialmente imundos. Como, então, eles poderiam continuar com sua “rotina normal”? Mesmo que tocar em um cadáver envolvesse impureza religiosa, Jesus teria ignorado esse fator (Lc 7.14; 8.53–54). É preferível se arriscar e tornar-se cerimonialmente imundo a falhar em mostrar misericórdia ao necessitado! Afinal, não é pecado encontrar-se imundo a cerimônias, mas, invariavelmente, é pecado não demonstrar misericórdia.

O que explica o comportamento impiedoso do levita e do sacerdote? Um motivo foi que recusaram pagar o preço de serem incomodados; outro foi que não quiseram morrer para seus próprios

planos nem se conformar à providência de Deus. Já o samaritano, ele estava preparado. No que se refere a isso, ele era como Jesus.

Muitas vezes subestimamos a importância da misericórdia na vida cristã. Muitas vezes nós a tratamos como “algo extra”, ou mesmo talvez como um “extra-opcional”. Todavia as Escrituras tratam disso como necessidade divina, o que ignoramos para nosso próprio ego espiritual.

A misericórdia não é trazida à luz unicamente no Novo Testamento. Por acaso o sacerdote e o levita não conheciam a Palavra de Deus, que declara por meio de Oséias: “Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6.6)? Eles certamente conheciam Miquéias 6.8: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”.

A passagem mais esclarecedora provavelmente está no Salmo 109, cujo maior deslumbre se encontra na descrição que o salmista dá de seu inimigo:

“Porquanto não se lembrou de usar de misericórdia [ou *de demonstrar misericórdia*],
mas perseguiu o aflito e o necessitado,

como também o quebrantado de coração,

para os entregar à morte. Ele não encontrou prazer na bênção”
(Sl 109.16–17).

Este “inimigo” encontrado no Salmo 109 era, durante o período do Novo Testamento, considerado uma figura de Judas Iscariotes (veja a citação do Salmo 109.8 em Atos 2.20). E há traços de impiedade na vida de Judas. Quando Jesus, em Betânia, foi ungido por Maria

com um perfume caríssimo, Judas reclamou amargamente: “Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? [...] Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava” (Jo 12.1–6). Ele não demonstrou nenhuma misericórdia.

A falta de misericórdia é a marca daqueles que traem a Jesus. Judas descobriu, conforme Provérbios 21.13 ensina, que “O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido”. Judas não era misericordioso; ele, portanto, não recebeu misericórdia.

Demonstrar misericórdia aos pobres e necessitados é o critério e a marca de uma conversão verdadeira a Cristo. Se somos vazios de misericórdia, não pertencemos a Cristo, e, dado isso, Ele nos dirá no último dia (não importando o que mais tenhamos realizado): “nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.23).

Como afirmamos ser cristãos, se, ao mesmo tempo, demonstramos tão pouca misericórdia? Por que somos tão egoístas, escolhendo um estilo de vida conveniente, mas não um estilo de vida abnegado, tecido por demonstrações de misericórdia? Acaso é porque sentimos não ser tão necessário? Seria porque nossa compreensão das riquezas da bondade de Deus para conosco é superficial? Não deve haver outra explicação. Aquele a quem muito foi perdoado, este muito ama. Aquele que sabe ter recebido misericórdia, este demonstra misericórdia. E os misericordiosos já são grandemente abençoados, pois receberão misericórdia do próprio Deus.

NOTAS

¹ O autor, aqui e em outras partes do livro, usa *righteousness*, cujo sentido é de ‘perfeita retidão moral’ (e não *justice*, com o sentido de juízo condenatório), para referir-se à ‘justiça’ que é por Cristo imputada ao pecador. Daí, portanto, que é feito este contraste no período. (N. do. T.)

4

PUREZA, PAZ E PERSEGUIÇÃO

MATEUS 5.8–12

Mt. 5 ⁸*Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.*

⁹*Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.*

¹⁰*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.* ¹¹*Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.*

¹²*Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.*

* * *

Você não pode escolher quais das bem-aventuranças deseja tornar realidade em sua vida mas deixar outras de lado. As Bem-Aventuranças vêm como um todo, e não como uma gama de opções. A todo cristão é dado manifestar cada graça. Uma bem-aventurança flui em direção à outra, de acordo com o que já foi visto: os pobres de espírito lamentam e pranteiam por seus pecados, por resultado são marcados pela humildade própria àqueles que conhecem a verdade acerca de si mesmos na presença de Deus. Tais homens e mulheres têm fome e sede de justiça, e são saciados. Uma vez satisfeitos unicamente porque o Senhor lhes concedeu misericórdia, estes agora são misericordiosos para com os outros.

Mais três palavras de Bem-Aventurança vêm em seguida: aos puros de coração, aos pacificadores e aos perseguidos. Elas também são parte, dão forma e pertencem ao retrato preciso que

Jesus fornece de como é o discípulo maduro. Tornados puros de coração (cujo significado examinaremos mais cuidadosamente), vemos a Deus. Mas Ele é o Deus da paz (1Ts 5.23; Hb 13.20), e é mediante o sangue da Sua cruz (Cl 1.20). Ver quem Ele é, é ter o desejo de conduzir outros à paz dada por Ele. Os puros de coração são, portanto, também, pacificadores. Mas daí o que eles descobrem? Que, bem como Jesus, eles também estão sendo perseguidos. E ainda assim eles podem se regozijar, pois isso os coloca ao lado dos profetas de Cristo já perseguidos antes.

PUREZA DE CORAÇÃO

Quem são os puros de coração? À primeira vista, Jesus parece pensar em pessoas cujo coração é moralmente limpo. Sem dúvida, Suas palavras têm a profecia de Ezequiel como pano de fundo: “Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne” (Ez 36.25–26).

Porém, tal pureza, da qual o Antigo Testamento fala, não diz respeito somente a uma questão de limpeza (apesar de envolvê-la), mas, também, a uma questão de compromisso do nosso coração e da nossa vontade para com o Senhor.

Por trás dessas palavras se encontra o Salmo 24.4–6. Aqueles que podem permanecer na presença santa de Deus têm “mãos e coração limpos”. Eles não elevaram sua alma aos ídolos. (Note a mesma ênfase nas palavras de Ezequiel). A impureza em questão aqui é a impureza da condescendência e do comodismo. O coração impuro não é simplesmente impuro; ele é *irresoluto* e *dividido*. É característico do homem de “ânimo dobre” descrito por Tiago (Tg 1.8, 4.8); este é um homem, portanto, inconstante em todos os seus caminhos.

O filósofo e teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard expressou bem, no título de um de seus livros, o que Jesus quis dizer: Pureza de Coração é Desejar Uma só Coisa [*Purity of heart is to will one thing*]. Ser puro de coração é ser intransigentemente dedicado a Cristo! Esta é a maneira verdadeira de ver (ou de ‘conhecer’) a Deus.

Ser puro de coração significa não permitir que nada se interponha entre nós e a visão que temos de Cristo. Ele é um grande Salvador e Senhor. Coisas grandes, no entanto, podem ser completamente obscurecidas pelas pequenas, se estas forem trazidas perto o suficiente de nossos olhos. A questão, portanto, não é quão importante as coisas são em si mesmas, mas quão de perto fixamos nosso olhar nelas. Entendemos que este mundo não tem nada a que ser comparado com Jesus Cristo e a tudo que Ele nos oferece. Contudo, quando aproximamos demais este mundo e o que ele nos oferece de nossos olhos, nós não mais vemos a Cristo e Sua glória tão claramente. O valor deste mundo cresce desproporcionalmente. Logo nos expomos ao perigo, tropeçamos e caímos.

O ensino de Jesus aqui nos provê um simples teste de força para a nossa vida cristã. *Quão claramente vemos a Deus em toda a Sua glória?* Nós o vemos tão claramente como costumávamos vê-lo? Ou Ele está agora obscuro e distante? Nós, com um compromisso de todo o coração, mantivemos nítida a visão que tínhamos dele? Somos nós puros de coração?

SENDO UM PACIFICADOR

Jesus diz que os pacificadores entram na bênção da aliança divina. Eles serão chamados filhos de Deus. A lógica de Jesus não é difícil de ser seguida. Deus é descrito nas Escrituras como o Deus da paz. Como tal, Ele fez paz conosco por meio de Cristo; Ele nos reconciliou a Ele mesmo (2Co 5.19–21). Restabelecer a paz é parte do caráter gracioso de Deus. Aqueles que agora são membros de

Sua família partilharão da mesma imagem e semelhança em família. Os filhos de Deus serão pacificadores.

Semelhantemente às outras bem-aventuranças, esta tem sido mal-interpretada e muitas vezes tirada de contexto. Jesus não está falando do mero cessar com as hostilidades entre as nações. Ele está falando a respeito do cessar com a hostilidade entre o homem e Deus. Esta é a paz que Ele veio estabelecer.

A palavra do Antigo Testamento para paz é *shalom*. Esta é uma palavra rica e transmite a ideia de completude, saúde, bem-estar. Ela beira a ser traduzida por “salvação”. Aqueles que fazem paz são aqueles que verdadeiramente buscam o *shalom*, a salvação, de seus companheiros.

Oculto de maneira lógica no que Jesus declara acerca dos pacificadores encontra-se um pensamento recorrente no Novo Testamento: o evangelismo não é opcional — algo por que apenas alguns membros da comunidade em comunhão devem demonstrar interesse. Evangelismo (seja qual for o formato) é parte integrante do ser cristão.

Como isso pode ser deduzido daquilo que Jesus declarou? É muito simples. Aqueles que trazem paz são chamados filhos de Deus. Uma vez que todos os cristãos são filhos de Deus, todos os cristãos devem participar da obra que é a pacificação.

Isso não quer dizer que estamos todos igualmente munidos em todos os aspectos do evangelismo individual. Significa apenas que todos nós, cristãos, partilhamos da mesma responsabilidade que é viver vidas e proferir palavras que contribuam para a conversão do nosso próximo. Paulo enxergou esse ponto como uma dívida que devemos ao mundo (Rm 1.14). A igreja cristã seria mais saudável (e, mais consciente de que somos filhos de Deus, portanto mais feliz!), se partilhasse da convicção de Paulo.

Há, ainda, outra dimensão da paz que os filhos de Deus trazem enquanto pacificadores. Os filhos de Deus buscarão a paz *uns com*

os outros, paz esta que se dá na comunhão entre a família de Deus.

Isso geralmente faz parte dos votos de um ministro quando este é instituído. Ele promete manter “a paz da igreja”. Parece fácil falar, mas, na realidade, é algo bastante desafiador. Muitas igrejas são destruídas porque membros, ou líderes, fogem de suas responsabilidades precisamente neste ponto. Eles não consideram a obra de trazer paz apropriada quando se trata de pôr a mão na massa. Eles se esquecem de que aqueles que destroem o templo de Deus serão destruídos por Deus (1Co 3.17). Para estes homens, a própria sabedoria e os próprios caminhos são mais importantes que a vontade de Deus, Ele que deseja paz e harmonia entre o Seu povo.

Certamente há ocasiões em que o erro deve ser eliminado, e momentos nos quais homens devem se posicionar a favor da verdade do Evangelho. Mas não é estranho que as igrejas que experimentam grandes rupturas são, boa parte das vezes, as mesmas que proclamam com maior vigor fidelidade à infalibilidade da Palavra de Deus?

A amargura e a contenda são estranhas a comunidades evangélicas? Infelizmente não! Tais sentimentos não estavam ausentes em Roma, ou em Corinto, ou mesmo em Filipos, no primeiro século. E continuam a aparecer, nos dias de hoje, mostrando a cara feia e causando problemas em nossas reuniões. Com bastante frequência as causas são o orgulho e o desejo de poder e posição. Quão lentos demonstramos ser para aprender que somos uma família e que a vontade do Pai é a de que convivamos em harmonia.

Paulo se valeu de duas maravilhosas descrições para destacar o ensinamento de Jesus. Em Colossenses 3.15, Paulo escreve: “Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos”. Podemos ilustrar essa declaração: a paz é o árbitro que toca o apito em todo caso de infração. Paulo não quer dizer que devemos sentir uma paz lá no

fundo, lá no âmago. Se a sentimos ou não, isso está além do mérito. Mas ele quer dizer que Deus nos chamou à paz. Portanto, a paz, a harmonia e o bem-estar da comunhão que temos uns com os outros devem ter primazia. Nós iremos subordinar outros fatores a serem considerados (nossa vontade, nossa posição, nossos desejos naturais) ao *shalom* da comunhão.

Alguns cristãos nunca agem dessa forma. Eles parecem não saber ou não se importar com o fato de que Jesus orou para que o Seu povo vivesse em unidade assim como Ele e o Pai viviam (Jo 17.20–21). Romper a paz na comunhão de uma igreja é desprezar tanto as orações quanto a bênção de Cristo.

Em Efésios 4.3, Paulo se vale de outra descrição vívida. No contexto de instar-nos a praticar a humildade, a paciência e a longanimidade, ele acrescenta: “esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”. A paz é o vínculo — o “laço” — que ata todos nós. Por natureza e por instinto, jamais agiríamos como um só corpo. Apesar disso, a paz de Deus pode levar-nos a assim proceder.

John Owen, o puritano, usa uma excelente ilustração: imagine um homem recolhendo madeira para sua lareira. Ele encontra uma boa quantidade de galhos, mas são de formatos e tamanhos variados — alguns são longos e finos, outros pequenos e grossos; alguns são retos mas outros tortos. Ele os junta e os amarra com uma corda e, em um feixe, facilmente os carrega para casa.

Da mesma forma a igreja. Que grupo variado somos nós! Como Cristo nos levará para casa? Ele nos ata com o vínculo da paz! Corte-o, e você terá cortado o laço que o próprio Cristo amarrou.

Com honestidade, você pode afirmar que busca fiel e sinceramente a paz da igreja de Cristo?

PERSEGUIÇÃO

O clímax das Bem-Aventuranças por pouco não se parece com um anticlímax. Do auge somos levados de volta ao início — Deus nos promete o Seu reino. É-nos dito que seremos perseguidos. É bem possível que Jesus tenha compreendido quão surpreendente esse fato soou aos discípulos; e, assim, Ele enfatizou o ponto que queria passar aplicando-o diretamente aos Seus seguidores.

Seria isso o oposto do que imaginávamos? Homens e mulheres que são pobres de espírito, que lamentam e pranteiam por seus pecados, que vivem vidas de graciosa mansidão, que buscam pela justiça de Deus, que demonstram misericórdia aos outros, que são puros de coração e que buscam a paz entre Deus e o homem — não seriam pessoas assim recebidas de braços abertos? Afinal de contas, esses são exatamente os homens e mulheres de que o mundo precisa!

O mundo em que vivemos supõe que receberá os cristãos de braços abertos — até conhecer um cristão genuíno pela primeira vez. Até então, o mundo é ignorante quanto à verdadeira resposta que ele próprio daria ao Evangelho. O mundo supõe ser bem-disposto para Jesus Cristo e para Deus.

Mas as Escrituras nos dizem o contrário: o mundo está em rebelião contra Deus. O próprio Jesus disse que, tendo os homens o perseguido, eles também perseguiriam Seus seguidores (Jo 15.20). Jesus lhes disse: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim” (Jo 15.18).

Os cristãos são perseguidos por conta da justiça, por causa de sua lealdade a Cristo. Verdadeira lealdade a Ele gera atrito no coração daqueles que somente o adoram da boca para fora. A lealdade lhes incomoda a consciência e os deixa com apenas duas alternativas: seguir a Cristo ou silenciá-lo. Muitas vezes, a única maneira que eles encontram para silenciar a Cristo é silenciando Seus servos. A perseguição, seja mais, seja menos sutil, é o resultado.

Já vimos que o Evangelho produz um estilo de vida caracterizado por justiça e retidão. Na prática, isso significa integridade absoluta, seja em casa, seja no local de trabalho, seja até mesmo em momentos de lazer, integridade esta que desafia a indiferença moral do mundo, o que não seria diferente em nossos tempos. Não fazer as coisas que “todo mundo faz” desperta a consciência dormente e apática deste mundo. Mais que isso, a irrita, causa incômodo, mesmo raiva.

Você não imaginaria que a simples honestidade poderia ser um estilo de vida perigoso até ter de pô-la em prática no cotidiano do mercado de trabalho! A retidão exige do cristão que trabalha para terceiros o tempo e a energia pelos quais é remunerado; ele deve isso, com justiça, a seu empregador. Trabalhar com empenho significa integridade moral. Mas como podem ficar irados os demais empregados quando essa integridade é demonstrada!

Nós, no começo da vida cristã, precisamos digerir a realidade da perseguição. Estarmos conscientes nos salvará do desencorajamento e da desilusão. Seguimos um Salvador *crucificado*. Não deveríamos estranhar quando nos depararmos com a ardente provação (1Pe 4.12). Em vez disso, deveríamos aprender a nos regozijar por termos sido considerados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Cristo (At 5.41). O reino de Deus é nosso!

Esta, portanto, é a vida abençoada por Deus. Você a conhece? Se não, deixe que as palavras de William Cowper tornem-se suas também:

Onde está a bem-aventurança que conheci
Quando o Senhor pela primeira vez vi?
Onde está a visão, que a alma revigora,
De Jesus e da Palavra?

Volta, ó Santo Pombo! Volta
Doce mensageiro do descanso!
Detesto os pecados que te fizeram prantear,

E do meu peito arrancaram o Santo.

O ídolo mais querido que conheci,
Seja qual ele for,
Ajuda-me a arrancá-lo do trono que pertence a Ti
E a adorar somente ao Senhor.

Então de Deus próximo estará meu caminhar,
Calmo e sereno será meu semblante;
Então a luz mais pura iluminará o viajante
Pelo caminho que ao Cordeiro há de levar.¹

NOTAS

¹ Tradução livre. *Where is the blessedness I knew/ When first I saw the Lord?/
Where is the soul-refreshing view of Jesus and his word?/ Return O Holy Dove!
return/ Sweet messenger of rest! I hate the sins that made Thee mourn, And drove
Thee from my breast./ The dearest idol I have known,/ Whate'er that idol be,/ Help
me to tear it from Thy throne,/ And worship only Thee./ So shall my walk be close
with God,/ Calm and serene my frame;/ So purer light shall mark the road/ That
leads me to the Lamb.* (N. do. T.)

5

BEM-AVENTURANÇAS FUTURAS NO AGORA

MATEUS 5.1–12

Mt. 5 ¹ Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; ² e ele passou a ensiná-los, dizendo: ³ Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. ⁴ Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. ⁵ Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. ⁶ Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. ⁷ Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. ⁸ Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. ⁹ Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. ¹⁰ Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. ¹¹ Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. ¹² Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

* * *

Nos três capítulos anteriores, centramos nossa atenção nas marcas características e no estilo de vida daqueles que experimentam as bênçãos, ou bem-aventuranças, do reino de Deus. Foi importante fazê-lo, pois, como cristãos, muitos de nós acabam não sendo o tipo de homens e mulheres que Deus deseja que sejamos — discípulos resolutos, manifestando a vida e a graça do próprio Senhor Jesus Cristo.

Ainda assim, se dermos ênfase somente ao caráter daqueles que conhecem as bênçãos do Senhor, estaremos fragmentando o ensino que Jesus nos deu durante o Sermão do Monte. Ele não está, afinal de contas, afirmando o que deveríamos ser, e sim descrevendo *em que o poder do reino de Deus nos transforma*. Jesus sabe que o Seu povo manifestará as marcas do Reino, porque é Ele quem se responsabiliza. Mas tais características são tão contrárias às propensões de nossa natureza que Ele precisa enfatizar veementemente que é este o caminho a ser trilhado para chegarmos à Bem-Aventura. Não são os ricos, os felizes, os fortes, os impiedosos que são verdadeiramente abençoados; mas são os pobres de espírito, os mansos, são aqueles que têm fome e sede de justiça, pois a estes é dado ver e enxergar quão carentes e necessitados são de qualquer qualidade — somente estes conhecem a bênção de Deus e, por resultado, suas muitas bem-aventuranças!

Assim, é importante meditarmos mais sobre a bênção que Jesus nos promete. Ao fixarmos nossos olhos nas Bem-Aventuranças, descobriremos o porquê de ser adequado considerá-las conjuntamente, objetivo deste capítulo. Elas se encaixam, são partes de um todo. As bênçãos das Bem-Aventuranças estão ligadas umas às outras; análogo a isso, da mesma forma todas as marcas que a presença do reino produz em nós devem ser vistas em nossa vida.

O próprio Jesus deixa isso claro começando e terminando as Bem-Aventuranças com a mesma promessa de bênção: “Deles é o reino dos céus” (versículos 3 e 10). Nos versículos 4–9, esta bênção, que é a principal, é melhor explicada e ilustrada em uma série de seis bênçãos específicas: eles serão consolados (v. 4), herdarão a terra (v. 5), serão fartos (v. 6), alcançarão misericórdia (v. 7), verão a Deus (v. 8), serão chamados filhos de Deus (v. 9).

Em termos mais simples, o ensino de Jesus significa o seguinte: Seus discípulos já — aqui e agora — entraram no reino. Sim, Seu reino ainda será consumado. Sim, ainda será revelado em sua glória

final. Sim, nós ainda aguardamos pelo dia em que será ouvido o clamor de muitas vozes: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15). Ainda assim, todas as bênçãos esperadas *para o futuro* nesse reino *já* estão sendo experimentadas pelo povo de Cristo *no agora!*

Paulo trabalha essa ideia de uma forma um pouco diferente quando escreve aos cristãos em Éfeso, uma cidade dominada pelos pecados do reino deste mundo. No entanto, os cristãos de Éfeso pertencem a outro Rei — Jesus. O ar que respiram, espiritualmente falando, pertence à cidade de Deus. A “luz e poder” que neles está provêm da comunhão com Ele. Eles estão “em Cristo Jesus” bem como “em Éfeso” (Ef 1.1). Assim, Paulo lhes escreve dizendo que Deus “nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo” (Ef 1.3).

Em sua primeira carta aos cristãos em Corinto, Paulo lhes diz que eles foram resgatados “deste mundo perverso” (Gl 1.4) e trazidos à vida para o “século vindouro” (1Co 10.11). Em outras palavras, eles — e nós — já desfrutavam dos poderes do reino dos céus!

As pessoas que, à época de Jesus, ouviram-no ensinar as Bem-Aventuranças entenderam de Suas palavras o seguinte:

“O futuro é agora. O reino de Deus e suas bênçãos, cuja vinda vocês esperavam que se daria no final dos séculos e no final da história, já estão aqui, aqui e agora. Entrem em meu reino. Experimentem o poder que ele tem de transformar vidas. Experimentem das bênçãos do futuro *agora!*”.

Izaak Walton (mais conhecido por ser autor do manual de pesca, em prosa e verso, do século dezessete *The Compleat Angler* [O Pescador em sua Completude e Técnicas]), escreveu a respeito de um dos mais excelentes contemporâneos cristãos da época, Richard Sibbes,

A este homem abençoado

O justo louvor seja dado:
O céu nele era encontrado
Antes que no céu ele houvesse entrado.¹

Apesar de serem versos singulares, são igualmente verdadeiros para todos os demais cristãos, uma vez que já recebemos o Espírito celestial como penhor de que entraremos, com todo o nosso ser, em nossa herança (Ef 1.13–14). A vida cristã não é “o ópio do povo”, entorpecendo nossos sentidos no tempo presente na esperança de coisas melhores no tempo que está por vir. Não, mas, diz Jesus, é bênção no presente momento e ainda mais bênção no porvir!

O que são, então, essas bênçãos, estas bem-aventuranças compartilhadas por aqueles a quem Jesus diz: “Deles é o reino dos céus”?

CONSOLO PARA OS QUE CHORAM

Por meio do profeta Isaías, o Senhor havia prometido consolo (força, vitalidade) a Seu povo que passava pelo exílio. A segunda metade desta profecia prevê o povo de Deus feito cativo ao reino deste mundo, e representa Deus provocando um novo êxodo de Seu povo e os levando de volta à terra prometida. As palavras que a iniciam são as seguintes: “Consolai, consolai o meu povo” (Is 40.1).

Em Isaías 61.1–3 (a passagem toda parece transparecer as Bem-Aventuranças), essa promessa atinge o clímax nas palavras do Messias que haveria de vir:

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a

fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória.

Tais palavras se cumpriram em Jesus. Ele as leu na sinagoga em Nazaré, acrescentando: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.16–21). As promessas do novo êxodo são nossas em Cristo. (Em Lucas 9.31, o autor utiliza a palavra grega êxodo para referir-se à morte e ressurreição de Jesus).

Nós pranteamos nossos pecados também por sentirmos a culpa e a vergonha, trata-se de sentir pesar, experimentar a separação entre nós e Deus. Mas Jesus é Aquele que exalta a cabeça do Seu povo (Sl 3.3). Ele vem até nós com graça e poder, coloca Sua mão debaixo de nosso queixo e diz “Levante seus olhos, você que está abatido e aflito; olhe para mim. Eu sou a Ressurreição e a Vida. Em mim há perdão e remissão dos pecados. Por meio de mim, você é resgatado para a comunhão com o Pai. Você não precisa permanecer pesaroso a vida toda, você não precisa carregar esse fardo, esperançoso contra qualquer esperança de que algum dia ele será removido. Não! Eu carreguei este fardo. Mas agora há consolo. Ponha de lado as vestes de lamento. Regozije-se! Seja consolado!”.

Jesus ilustrou essa bem-aventurança na parábola do fariseu e do coletor de impostos. Ele os retratou ambos em oração. O fariseu declarava pública e orgulhosamente seus próprios feitos. Para ele, não havia por que lamentar! Já em contraste, o coletor de impostos sentia-se tão envergonhado que nem mesmo seus olhos aos céus conseguia levantar. Ele manteve-se distante de todos os demais, batia no próprio peito e dizia “Ó Deus, sê propício a mim, [literalmente, ‘o’] pecador!” (Lc 18.13). Jesus então disse que foi o coletor de impostos quem voltou para casa justificado perante Deus.

Você consegue imaginar o silêncio estonteante entre aqueles ouvintes? Jesus obviamente havia estragado o ápice da história que estava contando.

Pelo contrário! Ele estava falando “a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros” (Lc

18.9). Jesus estava ensinando que o homem que lamenta sobre seu pecado — contrário a todas as expectativas — não é condenado, mas perdoado e redimido. Esta é uma bênção que vai além de qualquer expectativa.

A HERANÇA QUE O MANSO RECEBE

Deus, ao dar forma ao homem, criou-o para que reinasse sobre a terra, instituindo-o mordomo. Deus lhe deu o domínio sobre todas as coisas (Gn 1.26–28), mas o homem quis ainda mais, sucumbindo à tentação da serpente: “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gênesis 3.5. A segunda parte da frase parece dizer “capaz de discernir as coisas por si só”).

Deu-se início à queda do homem. Criado para governar a terra para Deus, ele tentou tomá-la para si. Como consequência desse seu ato, o homem perdeu aquilo que tentou roubar, perdendo também a dignidade que Deus havia lhe conferido. Em vez de curvar-se em mansidão aos pés do gracioso Mestre, e é isso que as criaturas e os filhos de Deus têm o dever de fazer, o homem arrogantemente tentou usurpar o lugar de Deus.

Deus, através de pequenas porções, revelou a Seu povo desde a antiguidade muitas alusões ao fato de que um dia esta tragédia seria revertida. Assim, Ele inclui nas promessas do Antigo Testamento, para Israel, o dom da “terra”. Por vezes o povo israelita soberbamente considerou-a um direito inerente a Israel, a despeito do modo como nela habitavam, fosse em mansidão, não fosse em mansidão diante de Deus. Vez após outra, Deus teve de ensinar ao povo que o orgulho sempre perde aquilo que tenta obter. O líder de Israel ser o homem mais manso da Terra (Nm 12.3) deveria tê-los ensinado uma grande lição, especialmente ao compreenderem que a entrada na Terra Prometida foi-lhes negada porque abandonaram a mansidão no ápice de um momento crítico (Nm 20.12).

Jesus era — e é — manso e humilde de coração (Mt 11.29). Ele se submeteu à vontade de Deus e às duras experiências que

haveriam de cair sobre o Servo Sofredor. E é por isso que Jesus é apto para declarar a Seus discípulos que toda a autoridade nos céus e na terra pertencia — e pertence — a Ele (Mt 28.18). Agora, pela missão que a Igreja opera, Ele reivindica o que lhe pertence por direito: não só a terra prometida da Palestina, mas o mundo inteiro (ver Sl 2.8 e Hb 2.5–9).

Um dia o governo soberano de Jesus será visto publicamente. Por enquanto, é visto somente pelos olhos da fé. Mas porque é visto pelos olhos da fé, o povo de Deus já está seguro de que este mundo pertence a Cristo; Ele o adquiriu de volta para o Seu povo. Ele deseja que sejamos Seus mordomos outra vez! Isso é parte do que Paulo quer dizer quando escreve:

Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados (Rm 8.18–19, NVI).

Mas, mesmo agora, o cristão já experimenta parcialmente disso. Ele sabe que, apesar do estado caído em que se encontra, esta terra não é seu inimigo, tendo em vista sua futura transformação. Esta terra não mais é o lugar solitário (até mesmo sinistro) que um dia já foi. Esse é o mundo que Deus criou e a Ele pertence; Deus prometeu transformá-lo — e também ao homem, a fim de torná-lo apto para habitar no mundo que Deus criou, recebendo-o por herança.

Podemos desfrutar da criação de Deus sem nos tornar prisioneiros dela! Dado que herdaremos a terra, podemos habitá-la, no presente momento, como seus mordomos, submetendo-nos mansamente ao propósito de nosso Pai celestial.

CHEIO DE JUSTIÇA

Cristo promete que aqueles que têm fome e sede de justiça serão *fartos*, ou *satisfeitos* (Mt 5.6). Já vimos que tal justiça significa

“relacionamentos corretos” — com Deus, com o próximo e com nós mesmos. A promessa de Jesus aponta ao fato de que dela desfrutaremos no agora, e não só quando chegarmos ao “novo céu e nova terra”, quando “o lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente” (Is 65.17, 25). Todo o reino do Messias de Deus será, desde o seu início, marcado por relacionamentos corretos (Is 11.1–9; Lc 1.75). Nós já fomos justificados pela fé, ou feitos justos, como nos é dito (Rm 5.1); já sabemos que o reino de Deus consiste em justiça (Rm 14.17); nós, no presente momento, já somos cheios dos frutos de justiça que nos são providos por Jesus Cristo (Fp 1.11)!

Os que são cheios de justiça serão perseguidos por essa razão (Mt 5.10). Apesar disso, Jesus nos promete ao lado da perseguição uma bênção: “Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, *no presente*, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna” (Lc 18.29).

Isso é o que Jesus quer dizer quando afirma, no Sermão do Monte, que tudo do que precisamos nos será dado, se priorizarmos o reino de Deus e sua justiça sobre nossa vida (Mt 6.33). Milhões de cristãos durante a história podem testemunhar que Sua promessa é inequívoca.

Ele nos envolve com relacionamentos corretos. Temos Deus por Pai e o povo de Deus por família: pais e mães para guiar-nos e ajudar-nos; irmãos e irmãs para estarem ao nosso lado; filhos e filhas para deles cuidarmos e os encorajarmos. Em toda tribo, língua e nação Deus terá do Seu povo, e todos nós somos uma família. Na própria esfera cristã em que vivemos, nós experimentamos a restauração à verdadeira comunhão e amizade. Somos inseridos numa comunidade que cuida, que ama, que cura e que serve, em uma comunidade onde há relacionamentos restaurados segundo a reta justiça, relacionamentos edificantes que bem provavelmente são apenas um antegozo do que ainda está por vir. E que antegozo glorioso!

RECEBENDO MISERICÓRDIA

Temos visto que misericórdia é Deus inclinando-se ao homem, este que se encontra em sua fraqueza e total incapacidade, a fim de trazer-lhe cura e restauração. Ele é o Bom Samaritano, que ata as feridas, leva o fardo e ministra cura às necessidades do ferido que fora atacado pelos salteadores (Lc 10.33–35). Isto é o que Deus faz por nós em Jesus Cristo.

A carta aos Hebreus descreve Jesus como um “misericordioso e fiel sumo sacerdote” (Hb 2.17). Para tanto, Cristo foi feito como um de nós em todos os sentidos, resultando, “pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, [portanto] é poderoso para socorrer os que são tentados” (Hb 2.18).

Os misericordiosos receberão misericórdia (Mt 5.7). Pense no que essa bem-aventurança significa. Diferente do sacerdote na parábola do Bom Samaritano, que não estava disposto a arriscar ser contaminado, o filho de Deus veio para participar de nossas fraquezas, e mesmo experimentar das tentações por que passamos. Porque as experimentou, Ele nos compreende. Aliás, porque suportou cada uma de todas as tentações, Ele provou da plenitude das Suas forças. Mas por que ele passou por tudo isso? A fim de que pudesse “socorrer aqueles que são tentados”!

A misericórdia de Deus em Cristo vem em nosso socorro quando caímos, levantado-nos; ela nos protege e nos defende quando estamos fracos ou desamparados. A misericórdia de Deus derrama o óleo da cura em nosso coração, em nossas feridas, consciência e personalidade. A misericórdia de Deus provê o lugar de descanso e o encorajamento de que carecemos pela comunhão de Seu povo (Judas escreveu aos primeiros cristãos da igreja primitiva: “E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida” [v. 22]). Naquele último dia, este mesmo Deus trará cura e restauração plenas ao transformar-nos à imagem de Cristo (Fp 3.20–21; 1Jo 3:2). As misericórdias do Senhor são de eternidade em eternidade!

VENDO A DEUS

Aquele que é puro de coração — isto é, quem deseja conhecê-lo e servi-lo — verá a Deus (Mt 5.8). O que isso poderia significar? As Escrituras declaram que homem nenhum jamais viu a Deus, porque Ele é Deus invisível (Jo 1.18; Cl 1.15; 1Tm 1.17; Hb 11.27). Como, então, os puros de coração podem ver a Deus? Jesus quer dizer que, por algum novo método, nos céus, “veremos a Deus”?

A pista para compreendermos o que significa ver a Deus muito provavelmente se encontra nas passagens do Antigo Testamento que relatam as experiências daqueles que são “puros de coração”. O Salmo 24.3–6 mostra que os puros de coração têm o privilégio de subir ao monte do Senhor e entrar na presença de Deus em Seu santo lugar. Eles buscam a Deus e dele recebem a bênção. O Salmo 73.1 declara que Deus é bom para com os limpos de coração. Nos versículos 24–28 do Salmo, Asafe (o autor) nos conta como ele chegou a essa conclusão: “Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória [...] Quanto a mim, bom é estar junto a Deus”.

Ambas as passagens acima dão ênfase aos privilégios e às alegrias da comunhão consciente e do conhecimento de Deus e de Sua presença. Essas porções fazem referência ao dia quando o Seu povo será levado à glória de Sua presença, em uma compreensão ainda mais profunda da proximidade e da santidade de Deus.

De vez em quando — em visões extraordinárias —, alguns profetas do Antigo Testamento, dentre os quais Isaías é um exemplo, “[viram] o Senhor sentado em um alto e sublime trono” (Is 6.1). Ezequiel viu “a aparência da glória do SENHOR” (Ez 1.28). Esses foram vislumbres da revelação que ainda há de vir. Mesmo no Antigo Testamento, aos puros de coração foi prometido que estes “veriam a Deus”.

Jesus confirma essa declaração, mas vai além. A bênção de pertencer ao reino de Deus é esta: dadas as proporções, aquele dia

tão esperado, em que veremos a Deus, já chegou. Nas palavras de João, “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Quando Filipe disse a Jesus “mostra-nos o Pai, e isso nos basta”, a resposta de Jesus foi: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (Jo 14.8–9).

Em Jesus, Deus se faz visível. Sua identidade, porém, permanece encoberta daqueles de coração dobre. Somente aqueles cujo coração é purificado pela fé “veem” a Ele como Ele realmente é. Conhecer a Cristo é conhecer a Deus, é “ver a Deus” (Jo 17.3), significa experimentar a visão de Deus no agora e provar de Sua glória. Por isso Pedro, que havia visto a glória de Deus no Monte da Transfiguração, escreveu que o Espírito de glória e de Deus permanece nos cristãos (1Pe 4.14). A percepção da presença de Deus que teremos no futuro *já está* em nós. Como Moisés — mas em um sentido mais profundo — vemos Aquele que é invisível e aprendemos a perseverar até o fim. E, por fim, naquele grande dia, veremos a Sua glória de uma forma ainda mais clara (Hb 11.27).

CHAMADOS FILHOS DE DEUS

As Bem-Aventuranças não são ordenadas aleatória e acidentalmente. Elas têm início e fim, dando-nos a certeza de que o reino do céu é nosso mediante Jesus Cristo. Apresentar as razões para a ordem listada, entretanto, não é nada fácil. Fosse assim, os comentaristas teriam oferecido menos explicações!

A bênção última é ser chamado filho do Deus vivo. Isto parece ser um anticlímax depois da promessa de que veríamos a Deus? Na verdade, não, mas trata-se de um clímax maravilhoso, pois não há privilégio maior que poderíamos experimentar do que esse — ver a Deus *na posição de nosso Pai*. A bênção implica o fato de que, no reino de Deus, somos restaurados àquilo para o que fomos criados — filhos de Deus (ver Lc 3.38). Vemos a Ele como crianças que

amam e confiam em seu Pai e que sabem que Ele suprirá todas as necessidades.

Jesus se demora neste ponto durante a metade deste Seu sermão tão desafiador. Agora cientes, particularmente desta bênção, Ele diz, seremos libertos tanto da hipocrisia quanto da ansiedade, que nos paralisa diante das preocupações passageiras desta vida. Acima de tudo, uma vez que os filhos herdaram as riquezas do pai e, também, suas características, a bem-aventurança aqui citada resume todas as demais. Ela nos diz que Deus fala conosco com estas palavras:

“Meu filho ... tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu”
(Lc 15.31).

Quão bem-aventurado é o homem ou a mulher que de Deus pôde ouvir tais palavras!

NOTAS

[1](#) Tradução livre. *Of this blest man,/ Let this just praise be given:/ Heaven was in him/ Before he was in heaven.* (N. do. T.)

6

O CRISTÃO NO MUNDO

MATEUS 5.13–16

Mt. 5 ¹³ Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. ¹⁴ Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; ¹⁵ nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. ¹⁶ Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

* * *

É na pessoa de Jesus Cristo que o reino de Deus é chegado, cujo poder e influência, porém, tornam-se visíveis somente na esfera onde o mundo menos espera vê-los — no pobre de espírito, entre aqueles que lamentam e pranteiam pelo pecado, e na comunidade perseguida dos seguidores de Jesus. São estes que de Deus recebem a bênção final.

As Bem-Aventuranças atingem seu clímax com uma alusão clara do conflito existente entre o reino de Deus e os reinos deste mundo. Há oposição e, inclusive, perseguição ao povo de Cristo. A verdadeira Igreja é diferente demais para que este mundo consiga tolerá-la. O mundo vê o reino de Deus como uma ameaça aos caminhos que trilha, e assim procura destruí-lo.

Se essa é a resposta deste mundo, como então aqueles que pertencem ao reino de Deus devem viver nele? E como eles podem viver de modo a causar impacto entre os homens, para a glória de

Deus? É para essas perguntas que Jesus dá atenção enquanto expõe Seu sermão.

Jesus se vale de duas figuras extraídas do dia a dia daquele tempo para ilustrar o que significa ser cristão em uma sociedade pagã: os cristãos são como o sal; os cristãos são como a luz. O que o sal e a luz eram para a vida no primeiro século na Palestina, os cristãos são para a sociedade em que vivem.

O SAL DA TERRA

O que Jesus quis dizer quando afirmou que os cristãos são sal? Perceba que Ele disse: “*Vocês são o sal da terra*”. O modo do verbo é indicativo (uma declaração ou um fato), não imperativo (uma ordem a fim de que algo seja feito). Jesus não está instando Seus discípulos que se tornem algo que não são, mas está dizendo o que os cristãos já são enquanto cidadãos do reino. Infere-se, portanto, que, sendo uma nova criatura, gerada por Deus, o cristão deve ser essa nova pessoa e agir de acordo com sua nova natureza.

Jesus está falando no contexto da perseguição que Seus discípulos sofrem. Como o sal, os cristãos podem parecer pequenos e insignificantes, impotentes numa sociedade sedenta por poder. No entanto, eles têm a habilidade de influenciar cada um de seus segmentos e de permeá-la por completo. O sal é barato, seu valor é mínimo. Mas o mesmo sal tem propriedades excepcionais que, de longe, ultrapassam seu “valor”. Assim também são os membros do reino de Deus. Como com o sal, haverá tempos quando suas verdadeiras utilidades se tornarão claramente evidentes.

Ainda mais óbvio é o fato de que o sal, à época de Jesus, era um conservante vital. Nós, mesmo no mundo moderno, estamos familiarizados com seu uso para preservação da carne, impedindo que ela se estrague. Lembro-me de ser apresentado a uma iguaria tradicional enquanto na África do Sul, conhecida como “*biltong*”, pequenas fatias de carne salgadas e secas. Viajantes de gerações passadas, percorrendo longas distâncias, carregavam essa carne

seca. Tão efetivo era o processo de conserva que, na prática, a carne raramente recebia prazo de validade!

Embora, aqui, pouca explicação seja necessária, o ponto em questão exige uma radical e custosa aplicação prática. O cristão cuja vida manifesta as características do “bem-aventurado” causará impacto sobre a sociedade, esta que, se deixada a si mesma, apodrecerá, putrefará. Sem a influência do Evangelho, a sociedade sofrerá de decadência moral e ficará pútrida, imprópria para o consumo de cidadãos comuns.

Outros dois usos bíblicos para o sal pegam este mesmo princípio e o aprofundam um pouco mais. Ezequiel 16.4 faz alusão à prática judaica de esfregar sal em bebês recém-nascidos. Muito provavelmente, essa prática não dizia respeito à pureza cerimonial, mas à higiene. Já era do conhecimento geral que doenças e mesmo a morte poderiam sobrevir, se a higiene fosse ignorada.

Supondo ser esta mesma prática que nosso Senhor tinha em mente, Sua ilustração seria aplicada da seguinte maneira: empenhe-se por ser sal no meio em que você se encontra, em cada oportunidade, o quanto antes. Esteja disposto a pagar o preço que for necessário em termos de reação contra o mundo. É importante, se nossas vidas devem causar impacto moral nas demais pessoas, que vivamos como cristãos entre elas e deixemos explícita nossa posição, desde o começo.

Este mesmo princípio toma proporções ainda mais profundas quando ilustrado em Juízes 9.45. Tendo Abimeleque derrotado a cidade de Siquém, ele “a assolou e a semeou com sal”. O uso do sal era simbólico e, talvez, também um movimento efetivo, que tornaria o solo infértil para o futuro.

Isso é exatamente o que o cristão faz quando se posiciona por Deus no meio em que vive; ele faz com que esta sociedade, seus amigos na escola, seus companheiros na universidade, seus colegas de trabalho, ou aqueles com quem pratica esportes sejam um solo menos frutífero para outras influências pagãs. Certamente,

agir deste modo por si só não fará com que a sociedade nasça de novo, mas ao menos dificultará que hábitos, atitudes e palavras pecaminosos sejam norma entre seus amigos, colegas e companheiros.

Determinado amigo meu foi condecorado por contribuir com uma famosa exploração. Ele conquistou sua medalha em virtude de uma pesquisa e do avanço do conhecimento científicos. Mas não foi essa, com tanto tempo de serviço, sua maior contribuição na equipe de exploração. Dizia-se, porém, que ele “mantinha a festa *limpa*”.

Enquanto cristãos, podemos facilmente ficar desesperados por conta de nossa fragilidade e insignificância, seja como indivíduos, seja enquanto número na sociedade. Porém, jamais devemos ceder à mentira de Satanás de que seremos eficazes só se estivermos em grande número e demonstrando poder externo. A ilustração que Jesus dá sobre o sal é um lembrete encorajador de que algo aparentemente barato e insignificante pode e consegue influenciar o ambiente em que se encontra desproporcionalmente às nossas expectativas.

Por vezes isso ocorre em abrangência nacional. É dito, com certa razão, que a única coisa que salvou a Inglaterra de uma revolução tão horrível e sangrenta quanto a revolução Francesa foi o avivamento evangélico que sobreveio da pregação e do ensino de homens como John Wesley e George Whitefield, durante o século dezoito.

Do mesmo modo, embora em proporções menores, isso ocorrerá, e com maior frequência, numa abrangência mais restrita: seus companheiros usarão um linguajar mais moderado; o nome de Jesus não será tão facilmente blasfemado; aqueles com quem você trabalha passarão a ter algum tipo de consciência sobre o padrão de trabalho que eles devem prestar; a conversação de homens e mulheres será colocada sob controle; o respeito ao próximo será mais rotineiro. Sua vida enquanto cristão salvará pessoas de se entregarem às pressões imorais pelas quais nosso mundo

contemporâneo é caracterizado. *Quando você é o sal da terra, você preserva, você conserva a sociedade.*

Nós também estamos familiarizados com uma outra propriedade do sal: ele não só conserva, mas também *tempera, condimenta*. O sal concede sabor. De acordo com o *The Oxford English Dictionary*, um dos significados da palavra *temperar* é “conferir sabor, dar gosto”. Os cristãos devem ter sabor!

Jesus certamente tinha isso em mente. “Temperar” a sociedade não se trata de ter a personalidade de um velho ranzinza e mesquinho, cuja presença traz ondas de depressão, cuja entrada no local manda a alegria embora. Pelo contrário, a presença do povo de Deus deve “acrescentar sabor” à vida, das mais variadas formas. Afinal de contas, chegamos aos nossos amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou de estudo como pessoas que já estavam, estão — e permanecem — na presença de Jesus Cristo, Aquele que nos deu vida abundante (Jo 10.10). Tudo em nós deveria expressar quão atrativo e quão santo é o nosso Senhor.

O próprio Jesus tinha este “sabor”. Sua presença por si só animava o povo. Obviamente, não havia conciliação com aqueles que não o seguiam, mas até mesmo eles reconheciam haver características na vida de Jesus que não poderiam ser explicadas em termos naturais.

O *sabor* que Jesus transmitia não era nem de longe esse gosto pobre, barato, fraco e, na maioria das vezes, de um “prazer” ou “carisma” egocêntricos, coisas que normalmente encontramos mascaradas de cristianismo, hoje em dia. A atratividade de Jesus não chamava a atenção para Si mesmo; não precisava, porque era genuína. Você não precisa chamar atenção para as qualidades que são verdadeiras; elas falam por si próprias.

Paulo nos diz que em particular nossas *palavras* devem ser temperadas com sal (Cl 4.6). Ele explica o que quer dizer com isso em uma passagem paralela (em Efésios 4.29): “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para

edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem”.

É interessante notar que é neste contexto que Paulo nos insta a não entristecermos o Espírito Santo. Por que neste contexto? Porque nossas palavras são uma das melhores formas de avaliar a condição em que nosso espírito se encontra. E assim como podem causar muito dano (Jr 3.3–12), nossas palavras também podem ser veículo de grande bênção: sendo apropriadas, elas têm a capacidade de auxiliar e fortalecer (Ef 4.29); elas podem trazer ânimo aos de espírito abatido, podem dar novas perspectivas a toda uma vida. Além disso, elas são o meio pelo qual Cristo se faz conhecido — perceba, porém, que tudo isso se dá não somente por aquilo que falamos, mas também pelo *modo como* falamos.

As palavras são como o sal: se em pouca quantidade, não conseguimos sentir o sabor do alimento; se em muita, o sabor do sal torna-se desagradável ao paladar. Como o sal, nossa vida e nossas palavras devem carregar o “sabor” de Jesus Cristo. Se nós mesmos somos deixados em grande quantidade — o muito de nós mesmos e de nossas palavras —, também seremos de sabor desagradável ao paladar das demais pessoas. Logo, seja como Cristo; do contrário, os outros não serão capazes de identificar a diferença entre o sal e a carne, entre a pobreza de um testemunho nosso e a bondade do nosso Senhor Jesus, bondade esta que os de fora são chamados a provar (Sl 34.8).

Jesus, enquanto usava toda essa ilustração, possivelmente tinha em mente ainda outro uso do sal, também presente na cultura daquela época. Os sacrifícios eram acompanhados de sal, sal este chamado de “o sal da aliança do teu Deus” (Lv 2.13). Este sal da aliança era um *símbolo de fidelidade*. O fato de Deus ordenar o Seu povo a incluí-lo provavelmente tem por objetivo um simbolismo, queria dizer que Deus desejava uma resposta da parte do povo, um sinal de que os sacrifícios seriam oferecidos com o coração fixo em conhecer e servir ao Senhor.

Havendo tudo mais passado, é isso que faz do cristão alguém diferente! Ele é fiel, tanto ao Senhor quanto aos demais. Ele é de confiança. O cristão é como José na corte de Faraó, Daniel na corte de Nabucodonosor, João Batista na corte do rei Herodes. O cristão é diferente — às vezes de forma frustrante, irritante, inconveniente —, mas é, também, o único, no fim das contas, digno de confiança para falar toda a verdade. É isso o que significa ser o sal da terra.

Ao perder o sabor que lhe é próprio, o sal torna-se inútil. Jesus diz que o sal insípido deve ser lançado fora e ser jogado no caminho para que seja pisoteado (Mt 5.13). Ao invés de influenciar o paladar dos homens, este sal que não salga é pisado. O mesmo vale para nós que professamos ser cristãos. Ao deixarmos de ser diferentes, deixamos de ser cristãos.

Quão vagarosos costumamos ser para aprender essa lição. Há momentos em que caímos na armadilha do mundo e somos chantageados ao ouvir: “A menos que eu ache sua vida atraente *nos meus próprios termos*, não responderei à mensagem do Evangelho”. Se, porém, damos ouvidos e nos submetemos a isso, tornamo-nos prisioneiros de uma chantagem perpétua.

Ouçó alguns cristãos testemunhando a outras pessoas da seguinte forma: “Não pense que ser cristão roubará sua diversão. Eu posso desfrutar das mesmas coisas que você desfruta. Tornar-se cristão não se trata duma série de não!” Boa parte disso pode ser verdade, mas por qual motivo deveria a igreja preocupar-se tanto com declarar ao mundo que ela mesma não é lá tão diferente deste mundo? A igreja, agindo assim, torna-se ineficaz e sem razão de ser.

Jesus ressalta que a capacidade em nós de preservar e conservar o mundo a fim de que este possa ver a Cristo em nós *reside* no fato de sermos diferentes. Isso não significa que os cristãos estarão sempre dizendo “Olhe pra mim, eu sou diferente”. Não, mas o cristão “deixa” sua própria luz brilhar perante os homens; ele não precisa acendê-la e apagá-la ininterruptamente para trazer à luz o

fato de que ele mesmo é, e sem se sentir envergonhado disso, diferente.

Certa pessoa expôs esse ponto da seguinte forma: Jesus nos disse para sermos pescadores de homens, não mergulhadores do serviço secreto! Devemos viver na superfície deste mundo, dando testemunho a homens e mulheres; não fomos feitos para ficar fora de vista, espiando debaixo da água. Se nós, em nossas vidas, não apresentamos a “isca” moral que nos diferencia do mundo, logo não mais somos o sal da terra.

Este é exatamente o argumento de Jesus na oração em João 17.15–19. Ele não ora para que sejamos tirados deste mundo (fosse assim, como poderíamos testemunhar dele?). Mas, no lugar disso, Jesus ora pedindo que, ainda aqui, sejamos mantidos santos, para que quando formos enviados ao mundo, mostremos-lhe Cristo.

Como isso é possível? O que é que ajudará os cristãos a manterem a capacidade de “salgar”, de conferir sabor? Orando ao Pai, Jesus explica: “Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou [...] Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.14, 17).

Parte da “palavra” que Jesus deu aos discípulos é o ensino do Sermão do Monte. Este ensino tem o poder de nos transformar em sal para o mundo e de nos manter habilitados e fiéis no serviço que prestamos a Jesus. Havendo entregue nossa vida ao poder impactante de toda a Escritura, cuja mensagem é a mensagem de um Cristo completo, de um Cristo em Sua integralidade, por conseguinte toda a nossa vida passará a irradiar o poder e a graça que esta mensagem tem para salvar.

A LUZ DO MUNDO

A segunda descrição que Jesus dá do Seu povo é que ele é a luz do mundo.

O próprio Jesus é a luz do mundo (Jo 8.12), a grande luz que veio ao povo que estava em trevas (Mt 4.16). Aqueles que pertencem a Ele são tirados do reino das trevas e transportados ao Seu reino de luz (Cl 1.12–13). Consequentemente, nós também fomos feitos “luz no Senhor” e devemos viver como filhos da luz, não tendo relação nenhuma com as obras das trevas (Ef 5.8–14); pelo contrário, devemos expô-las à luz que irradia de nossas vidas, luz esta que ilumina as trevas que nos cercam.

Jesus, explicando o que quer dizer, vale-se de mais duas ilustrações. A primeira é uma cidade que não pode ser escondida, pois está firmada sobre um monte; a segunda, uma lâmpada que não se pode esconder, pois foi feita com o objetivo de conferir luz às pessoas dentro de uma casa.

Mesmo nessa era moderna em que vivemos, de geladeiras e congeladores sofisticados, ainda compreendemos os efeitos do sal — ou a falta dele — sobre nossas refeições. A menos, porém, que tenhamos experimentado a vida rural, será um pouco mais difícil de nossas emoções sensibilizarem-se ao conceito de trevas. Habitantes das zonas urbanas de hoje raramente experimentam a escuridão absoluta, isso se é que alguma vez já a experimentaram.

Eu morei por certo tempo na ilha que fica mais ao norte do Reino Unido. É a ilha onde Robert Louis Stevenson modelou sua famosa *Ilha do Tesouro*. A ilha se situa tão ao norte que durante o inverno o sol não nasce até cerca das 9 horas da manhã, e começa a se pôr por volta das 15 horas. Então a escuridão chega. E que escuridão aquela! Era impossível enxergar mesmo os dedos da mão ou os traços de alguém, se a pessoa não estivesse perto o bastante que desse para apalpá-la. Conversar na escuridão podia se transformar, sem sombra de dúvida, em uma experiência tenebrosa!

Contrastando, hoje, caso o indivíduo esteja minimamente próximo de alguma cidade, sempre haverá o brilho da luz emitida aos céus. E caso a cidade esteja localizada em regiões altas, sua luz poderá

ser vista a muitos quilômetros de distância, e iluminará a escuridão que a rodeia.

Não há dúvida de que os ouvintes de Jesus moravam em comunidades rurais. Aquelas pessoas estavam habituadas ao que a escuridão de fato significava e à relevância de uma cidade fundada sobre um monte. Talvez por instinto, elas tenham pensado que esta cidade de que Jesus falava fosse Jerusalém. Porque iluminava, era ela o centro da fé daqueles ouvintes. Jesus, no entanto, deu àquele fato uma mudança dramática quando disse ser Ele — e não Jerusalém — a luz do mundo, e que Seus discípulos haveriam de compartilhar desta missão.

Poucas coisas neste mundo são mais importantes para o cristão do que compreender a dimensão que as trevas tomam ao seu redor. O problema de viver nas trevas está no efeito que elas causam sobre a capacidade de se enxergar com clareza e nitidez. Fica difícil distinguir um objeto de outro. A pessoa perde a direção, fica sem rumo. E isso é também verdade no âmbito moral. Nas palavras de Jesus: “se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!” (Mt 6.23).

Vivemos, atualmente, em um mundo assim. Os homens perderam o direcionamento moral e estão cegos às terríveis consequências que sobrevirão. Chamamos o mal de bem. Tornamo-nos moralmente confusos. Algumas pessoas podem fazer campanhas contra o armamento nuclear por se preocuparem com o futuro da humanidade, ao passo que também são aquelas a favor do aborto, negando assim futuro a milhões de membros embrionários da humanidade. Que lógica é essa? Que tipo de iluminação — ou diria de “iluminismo”? — leva o homem moderno de volta às práticas que eram abomináveis na época em que ele descreve, com o maior cinismo, como “a Idade das Trevas”?

De que maneira este homem moderno investe sua vida gloriosa, agora que escapou da fé cristã? Curiosamente, apesar de não ter

tempo para ler a Bíblia a fim de examinar cuidadosamente a fé que rejeitou, ele investe uma média de quatro horas por dia em devoção a uma caixa com um vidro na frente! (Quão estranho é o fato de este homem, que rejeita a fé cristã em termos “modernos”, “filosóficos” ou “científicos”, não ter a menor ideia do que aquela fé, que ele rejeitou, verdadeiramente é!)

O homem está tão completamente cercado pela própria escuridão moral que não consegue ver a insensatez moral e espiritual em que se encontra. Se ele ao menos morasse a 150 quilômetros de alguma cidade, talvez o céu noturno de sua vida fosse iluminado, de modo que ele visse a profunda necessidade espiritual na qual vive e assim se arrependesse! *Vocês, Jesus diz, são a cidade da qual esse homem precisa.*

A ênfase dada aqui é desenvolvida mais profundamente na segunda ilustração: a lâmpada que foi feita para e deve dar luz àqueles que estão no interior da casa. A lâmpada não foi projetada com o propósito de ser escondida. O cristão, agora luz no Senhor, deve para Ele brilhar. A santidade do cristão, ou suas “boas obras”, será então vista, e, por conseguinte, pessoas serão conduzidas a glorificar a Deus através de seu testemunho.

Pedro ecoa este pensamento quando declara que somos um povo escolhido para proclamar as maravilhas daquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. Pedro nos encoraja a viver “mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1Pe 2.12).

A regenera o na vida dos homens   obra soberana da graça de Deus. Nós, cristãos, não somos capazes de trazer alguém   novidade de vida. Contudo,   de nossa responsabilidade viver a nova vida, a fim de que outros sejam desafiados por nosso viver. Cabe a nós brilhar por Jesus Cristo, de sorte que nosso próximo também enxergue a salva o que Ele concede, manifesta na esfera

prática, na realidade factual do cotidiano. Jesus está dizendo o seguinte: nós, cristãos, temos a responsabilidade de manifestar uma vida de luz à imagem e semelhança da vida de Cristo àqueles que nos rodeiam. Não podemos esconder tal luz debaixo de uma capa.

Por fim, um último ponto deve ser esclarecido acerca daquilo que Jesus declara sobre o papel do discípulo neste mundo. É aceito por muitos que o Evangelho de Mateus é, dos quatro Evangelhos, o mais “judeu” em caráter. No entanto, perceba até onde chegam a influência e o testemunho da igreja, que não se restringem à comunidade do pacto (ou seja, os judeus). Os discípulos devem ser a luz do *mundo*, isto é, seu dever não é esconder ou restringir a luz de Deus, mas deixá-la brilhar a todos.

A implicação é clara. Agora no Sermão do Monte, o que Jesus faz é enfatizar aquele desafio já exposto com tanta clareza na grande comissão (Mt 28.18–20): nossa influência deve abranger o mundo todo; subtrair-nos a esse dever, seja na proporção que for, equivale a restringir o poder, a autoridade e a graça do Senhor Jesus Cristo. Ele nos diz que nos cabe alcançar o mundo inteiro com o Evangelho; devemos proclamá-lo e vivê-lo onde quer que estejamos. Todo homem há de ouvi-lo e vê-lo, o Evangelho sendo proclamado e vivido.

Cumprir o dever que nos cabe exigirá de todo o nosso ser devoção e coração completa e permanentemente entregues a Ele e a Seu serviço. Essa devoção custará tudo. Decerto, aqueles que são “a luz do mundo” não darão a Cristo nada menos que isso, a Ele, que é a luz que as trevas jamais poderão derrotar (Jo 1.5).

Mais adiante, Cristo explicará com mais clareza o que é viver na luz e brilhar como a luz do mundo.

7

JESUS, A LEI DE DEUS E O CRISTÃO

MATEUS 5.17–20

Mt. 5 ¹⁷ Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. ¹⁸ Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. ¹⁹ Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. ²⁰ Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

* * *

John Newton, o comerciante de escravos convertido e autor do hino *Amazing Grace* [Maravilhosa Graça], foi, além de tudo, um correspondente excepcionalmente sábio; muitos contemporâneos buscavam seu conselho espiritual. Em uma de suas cartas, ele escreveu: “A base da maioria dos erros que cometemos na religião é o fato de que somos ignorantes acerca da natureza e do desígnio da lei [de Deus]”.¹ Isso continua sendo verdade nos dias de hoje. O papel que a lei de Deus exerce sobre nossa vida talvez seja a maior causa de dúvidas para boa parte dos cristãos. E é por isso que as palavras de Jesus em Mateus 5.17–20 são tão importantes. Aqui, Ele nos explica o lugar que a lei deve ter na vida cristã.

O que é a lei, afinal? É consenso chamar os cinco primeiros livros do Antigo Testamento de “a lei”, distinguindo-os dos livros dos “profetas” (ver Lc.16.16). De forma mais geral, nas Escrituras as

palavras para lei (*torah* em Hebraico, *nomos* em Grego) podem significar também muitas outras coisas — mandamento, princípio, instrução, assim por diante. O significado a ser dado à palavra que designa *lei*, portanto, poderá ser determinado somente quando seu uso for examinado em cada contexto.

O que, então, *Jesus* quis dizer por lei no Sermão do Monte? Ele utiliza a distinção comum entre a lei e os profetas (v. 17). Ele também fala a respeito dos mandamentos e ordens da lei (v. 19). No caso, aqui Ele se refere particularmente ao conceito de lei enquanto mandamentos específicos que Deus deu ao Seu povo a fim de regulamentar toda uma vida — moral, religiosa, social e política. O que Ele declara na passagem 5.21–48 dá ênfase àquilo que Ele declara acerca do papel da lei; Ele tem em mente os *mandamentos que Deus deu ao Seu povo por meio do ministério de Moisés*.

A essa altura do Sermão, Jesus já deixou bem claro no que consiste pertencer ao reino de Deus. O que Ele já disse é estonteantemente suficiente. Mas, de certa forma, o que Ele *não* disse se mostra ainda mais deslumbrante. Ele não falou nada a respeito da lei e da importância de guardá-la; nada sobre as interpretações que as tradições davam à lei e a importância de observá-las. Nenhuma palavra saiu de Sua boca incentivando reverência aos escribas e fariseus.

Quer dizer, então, que Jesus estava destruindo a lei? Ele, certamente, estava ensinando que o caminho de salvação e a entrada no reino de Deus não se davam por ato meritório através da obediência à lei. Os seguidores de Jesus não sentiram ter angariado méritos, mas eram pobres de espírito, lamentavam por seus pecados, e, portanto, recebiam consolo e o reino de Deus. Aos fariseus e escribas que ouviam Jesus falar, isso tudo deve ter soado feito o abolir da religião e de tudo aquilo que eles defendiam. Até então, Jesus havia dito que é pela graça de Deus que a Seu povo era dada a permissão de entrar no reino de Deus; Ele não havia feito nenhuma menção sequer da lei!

O medo que os fariseus sentiam foi passado para outros mais, desde aquele dia. A preocupação deles era a seguinte: tire a lei como o meio de obter méritos e ninguém levantará um dedo para guardá-la. A lei ficará frouxa e não mais “agarrará” as pessoas; elas viverão conforme bem entendem, como a seguinte cantiga descreve:

*Livre da lei,
Que condição abençoada!
Posso pecar, sim, quanto quiser
E ainda reter minha vida perdoada.*²

Mas nada poderia estar mais distante do ensino de Jesus, e o restante do Sermão evidencia isso. Os cristãos não são antinomianos, vivendo vidas moralmente dissolutas. Os cristãos, pelo contrário, têm sede e fome de justiça, de uma justiça que ultrapassa a dos fariseus e mestres da lei (5.20).

Paulo, havendo se deparado com objeção igual à que Jesus teve de enfrentar contra Seu ensino, o qual declara ser a salvação somente pela graça, dá um resumo do que o Evangelho ensina: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3.31). Mais tarde, em Romanos, Paulo explica a mesma questão, e ainda mais profundamente, quando nos diz:

Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8:3–4).

Jesus esclarece o papel que a lei deve ter no reino de Deus dizendo quatro coisas.

A VALIDADE CONTÍNUA DA LEI

Jesus não veio para ignorar ou abolir as Sagradas Escrituras do Antigo Testamento. Se ao menos os fariseus dessem ouvidos ao que Jesus estava falando, teria-lhes sido claro esse fato, pois boa parte do ensino de Cristo nas Bem-Aventuranças emprega a linguagem e o ensino do Antigo Testamento. Nem a lei nem os profetas foram negligenciados pela vinda de Jesus; ao contrário, foram cumpridos (5.17).

Leitores do Evangelho de Mateus já estão habituados com o modo como Jesus cumpre os profetas. Os capítulos iniciais são permeados pela ideia de cumprimento: “Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta” (Mt 1.22, ver 2.6, 15, 17, 23; 4.14). Mas de que forma a lei é cumprida quando sabemos que não somos justificados perante Deus por nossos esforços em tentar guardá-la?

A lei faz três coisas. Ela manifesta o caráter e a vontade de Deus para a vida do homem. Ademais, a lei nos ensina o verdadeiro caráter do ser humano. A intenção de Deus para o homem é que ele viva de acordo com a lei do Senhor. Por fim, a lei também nos ensina o caráter da salvação.

Se a vida conformada à lei do Senhor é o propósito de Deus para o homem, então, quando restaurados à comunhão com Ele e vivemos em Sua vontade (consequências da salvação), alcançamos tal propósito. Nas palavras de Paulo, os requisitos da lei serão cumpridos em nós conforme andamos segundo o Espírito. Em vez de contradizer o Evangelho, a lei de Deus, devidamente compreendida, anda de mãos dadas com ele.

Os fariseus não só não compreenderam o Evangelho (ao qual se opunham conscientemente), mas também não compreenderam a lei (a qual eles acreditavam guardar!).

De todas as coisas que Jesus possa ter dito concernentes à lei, Ele deixou claro que não veio para aboli-la.

O CUMPRIMENTO PRESENTE DA LEI

Os cristãos já estão familiarizados com a ideia de que Jesus cumpre as profecias do Antigo Testamento. Como Paulo diz, “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o “sim”; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio” (2Co 1.20). Jesus nos expõe o verdadeiro significado das promessas do Antigo Testamento. Antes que Jesus viesse, o povo de Deus as conhecia e nelas cria, certamente. Mas somente quando Ele as cumpriu então é que o Seu povo foi capaz de dizer: “agora eu as compreendo”.

Jesus declara que isso é também verdade em se tratando da lei de Deus. Esse costuma ser um ponto negligenciado. Em Mateus 5.17, Jesus ensina que, se desejamos saber o que a lei realmente quer dizer, devemos olhar para Ele e para o uso que Ele faz dela, porque Ele cumpre, ou “realiza”, a lei (5.18). *Mas como?*

Jesus cumpre a lei em Sua doutrina, ou ensino. Ele revela o real significado dos mandamentos de Deus. Os fariseus acusaram Jesus de “abolir” a lei. Contudo, eram eles que faziam isso. A tradição da época cujas interpretações da lei se faziam presentes a todo tempo conferiram aos preceitos divinos, os quais têm poder para esquadriñar o coração dos homens, um tom enfraquecido. Foi então quando Jesus expôs as Sagradas Escrituras (em Mateus 5.21–28, por exemplo) é que o verdadeiro poder da lei de Deus pôde ser sentido. Jesus não enfraqueceu a lei. Pelo contrário, Ele a libertou da jaula em que os fariseus haviam-na aprisionado, dando-lhe permissão para atacar nossos pensamentos e motivações mais secretos, para dilacerar a ingênua presunção de que somos capazes de guardá-la com nossas próprias forças.

Jesus cumpre a lei em Suas obras e em Seu estilo de vida. Ele demonstra o verdadeiro significado da lei.

Não nos são dadas muitas informações a respeito da vida particular dos fariseus nos evangelhos, mas conseguimos ter a

impressão de que eles não estimulavam muito a alegria do povo! A obediência à lei era, para eles, tarefa árdua e o ministério destes homens, conseqüentemente, depositava fardos pesados nos ombros daqueles que os seguiam. Nas palavras de Jesus, “Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mt 23.4).

Mas, nos ombros de Jesus, a lei de Deus não era um fardo; muito pelo contrário, ela estava escrita em Seu coração. Razão por que a igreja primitiva enxergava tão claramente em Jesus o cumprimento do Salmo 40.8: “agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (ver Hb 10.7). Jesus se deleitava em fazer a vontade de Deus; cumpri-la lhe era “comida e bebida”: “Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4.34).

Jesus cumpre a lei em Sua morte. Jesus, suportando a pena e o castigo que sobrevêm a todo aquele que transgride a lei, prova que a santidade da lei é veraz; Ele toma o nosso lugar diante do trono de justiça de Deus.

Costumamos pensar que é no Monte Sinai, onde Moisés recebeu os dez mandamentos, que tomamos consciência do quão solene qualquer violação da lei pode ser, pois ouvimos o trovão e vemos os raios de luz da santa presença de Deus. Com efeito, entretanto, é somente na cruz que conseguimos enxergar o que verdadeiramente significa ser maldito e condenado por quebrar a aliança de Deus. Nela, pendurado, Jesus clamou “Deus meu, Deus meu, fui abandonado. Por quê?”. Seu clamor, devido ao abandono divino, que penetrou nas trevas da tarde em que foi crucificado, verdadeiramente nos diz: “Essa é a pena, esse é o castigo que cai sobre qualquer que transgride a lei. Esse é o significado da lei de Deus, veja quão terrível é sua execução”.

A morte de Jesus, porém, tem ainda mais a nos ensinar acerca da lei. Sua morte dá forma ao prisma que nos permite enxergar a lei de

Deus em suas partes integrantes.

Para o crente do Antigo Testamento, a lei era a lei. Toda sua vida era vinculada à lei de Deus. Ele não a encaixava em estereótipos, deixando que apenas certas partes de sua vida fossem governadas pelo que chamamos de lei moral, lei cerimonial, lei civil. Não faria sentido fazê-lo, porque o Estado, a Nação ou a Igreja eram apenas maneiras diferentes de olhar para uma coisa só. Logo após a morte de Cristo, no entanto, isso já passou a não mais ser verdadeiro.

A morte de Cristo (seguida da Ressurreição e do dia de Pentecostes) foi o marco de uma nova era para o modo como Deus lida com o Seu povo. Um dos principais elementos dessa “novidade” foi seu caráter universal. A igreja e a nação de Israel não mais eram duas formas de dizer a mesma coisa, ou duas visões diferentes do mesmo grupo de pessoas.

Mantendo essa ideia, os autores do Novo Testamento reconheceram que, por meio da morte de Jesus, alguns elementos da lei de Deus haviam sido cumpridos *a fim de que fossem abolidos*. As cerimônias da lei — os sacrifícios diários, semanais, mensais e anuais — foram abolidas porque seu verdadeiro significado era o de prefigurar o sacrifício que o próprio Cristo viria a realizar. Havendo Cristo realizado o sacrifício pelo pecado, sacrifício este válido para todo o sempre, nenhum outro sacrifício seria necessário (Hb 10.11–18). Segue-se, portanto, que o elemento *cerimonial* da lei deixou de estar sobre a igreja.

Sem contestação, isso significa que os seguidores de Jesus conseguiram ver algo no cumprimento da lei que o crente do Antigo Testamento conseguiria ver somente com grande dificuldade, isso, claro, se ao menos conseguisse ver que: parte da lei dada por meio de Moisés deveria durar só até a vinda de Cristo. Por consequência, a igreja primitiva passou a compreender progressivamente que Jesus havia abolido o ensinamento ritualístico do Antigo Testamento sobre animais e alimentos “puros” e “impuros”. (Ver Atos 11.4–11, depois Marcos 7.19 e Romanos 14.14).

Ainda, a morte do nosso Senhor revelou mais outro elemento da lei: havia aspectos dela que se aplicavam à nação de Israel, mas que, agora, passaram a ser irrelevantes à igreja como povo de Deus. A igreja já não era governada pelo mesmo código civil que governava o povo de Israel. É evidente que a igreja primitiva não considerava para si a responsabilidade de apedrejar filhos obstinados ou aqueles que cometiam adultério. Agora, a igreja deveria “entregar a Satanás” tais pessoas, “a fim de que o espírito [do pecador] seja [(fosse)] salvo no Dia do Senhor [Jesus]” (1Co 5.5; ver 1Tm 1.20).

Jesus cumpre a lei em Seus discípulos. Jesus cumpre a lei escrevendo-a no coração de Seus discípulos, mediante o ministério do Espírito. Isso é central na promessa da nova aliança: “Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias [...] lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” (Jr 31.33). Conforme andamos no Espírito, cumprimos a vontade do Espírito, e não os desejos da carne (Gl 5.16). Fazemos o que a lei requer (Rm 8.3–4) e nos deleitamos nela.

A lei de Deus não mais é uma regra externa que consideramos pesada. Queremos obedecer a Deus, porque Ele nos deu um novo coração comprometido com Ele e com Seus caminhos. Essa costuma ser uma das primeiras descobertas feitas pelo recém-convertido. Antes ele lutava contra a lei de Deus, mas agora descobre que tem um coração para a obedecer. Assim é que, também, Jesus começa a mostrar o significado da lei em Seus seguidores.

É um grande erro, então, pensar que Jesus aboliu os mandamentos e nos ensinou que “tudo de que nós precisamos é amor”. Amar *significa* cumprir a lei (Rm 13.10). A bem da verdade, no Novo Testamento, é João, o “apóstolo do amor”, que evidencia a posição tão importante que a lei ocupa para o crente. Para mostrar que o amor e a lei harmonizam-se na vida cristã, ele ecoa com frequência as palavras de Jesus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15); e “Se guardardes os meus

mandamentos, permanecereis no meu amor” (Jo 15.10). Sabemos que conhecemos a Deus, se obedecemos a Seus mandamentos (1Jo 2.3). Aqueles que guardam os Seus mandamentos permanecem em Deus, e Deus neles (1Jo 3.24). Amar a Deus significa guardar os Seus mandamentos (1Jo 5.3).

A este respeito, a vida cristã é como uma poderosa máquina a vapor das ferrovias do passado, do tipo que Casey Jones usava para conduzir uma locomotiva a vapor. Elas precisavam de combustível para o fogo gerar energia, sim, mas também precisavam de trilhos para direcionar essa energia. O amor a Cristo, no poder do Espírito, é a energia da vida cristã. Mas este amor precisa de trilhos a serem percorridos, se é que se deseja chegar ao destino proposto.

A lei de Deus nos fornece tais trilhos. É por isso que, em muitos lugares, o Novo Testamento faz alusão ao ensino de Êxodo 20 (a entrega dos Dez Mandamentos por meio de Moisés). Esses mandamentos são o caminho sagrado que devemos trilhar. Em vez de nos restringir, esses trilhos nos dão a liberdade de nos movermos em direção a Deus.

A PROFUNDA ESPIRITUALIDADE DA LEI

Algumas daquelas pessoas, ouvindo Jesus pregar o Sermão do Monte, simplesmente presumiram que Ele estava reduzindo o padrão da moralidade de Deus. Talvez outros esperassem que isso fosse verdade! Então Ele disse algo que deve ter soado devastador a todos os ouvintes: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (5.20).

Essa foi uma declaração assustadora. Afinal de contas, era conhecida a frase que dizia “se somente a dois homens fosse permitida a entrada no céu, então, certamente, um deles seria mestre da lei e o outro, fariseu”. Talvez fosse difícil dizer qual dos dois era superior, mas com certeza nenhum outro senão esses

chegaria à candidatura! Tendo de lidar com uns 248 regulamentos e 365 proibições, a salvação era garantida exclusivamente aos profissionais! Somente a justiça de um escriba ou a de um fariseu, presumia-se, conseguiria atingir a meta.

O que Jesus quis dizer? Com certa frequência é aceita a seguinte explicação: essa justiça que os fariseus possuem não lhes dará entrada ao reino do céu. Somente a dádiva da justiça de Deus ao homem poderá fazê-lo (cf. Rm 1.16–17). Isto é, sem dúvida, o que Jesus quis dizer, mas as implicações aqui não são sempre compreendidas por completo. Jesus Cristo não só nos justifica compartilhando conosco de Sua justiça; Ele também nos santifica e nos transforma, tornando-nos justos. Em outras palavras, nossa justiça de fato deve exceder à justiça dos fariseus. Pois se não somos mais justos do que eles, não somos justos de forma nenhuma.

Os versículos seguintes (5.21–48) ilustram o que Jesus quis dizer. A justiça farisaica era uma justiça superficial; já a justiça cristã deve ser verdadeira, esta deve ser a verdadeira conformidade do coração à lei de Deus. Nossa obediência à lei não deve ser meramente externa e cerimonial, mas verdadeira e espiritual. Nossa compreensão da lei de Deus não se trata de um mero entendimento da tradição, não é algo superficial (o limpar o lado de fora do copo, mas não o interior do coração [Mt 23.25]).

Esse é o cumprimento prático da lei que distingue os discípulos de Jesus. Eles compreendem que a lei é espiritual (Rm 7.14). Eles respondem à lei, e não com as próprias forças, mas no poder do Espírito, que limpa e renova seus corações.

A FUNÇÃO DISTINTIVA DA LEI

Jesus disse: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os

observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus” (5.19).

Com estas palavras, Jesus está invertendo Seu ensino anterior, de que entramos no reino de Deus pela graça? Claro que não. Ele, com isso, está dizendo que nosso proceder perante a lei de Deus é um indicador de nossa atitude para com o próprio Deus. Se tratamos a lei despretensiosamente e encorajamos outros a fazerem o mesmo (se temos uma atitude decidida e intransigente de antagonismo em relação à lei divina), demonstramos ser estrangeiros à promessa da nova aliança em Cristo. Mas se amamos e guardamos até mesmo o menor dos mandamentos do Senhor e encorajamos outros a procederem de igual forma (se deliberadamente nos propusermos à obediência), temos uma marca clara de que amamos a Cristo e pertencemos ao Seu reino.

A lei não é a base sobre a qual angariamos méritos para a salvação, mas ela provê um teste para distinguir aqueles que pertencem ao reino da salvação daqueles que estão fora dele. É o teste verdadeiro para saber se somos “nascidos de novo” ou não. Se sim, então a lei de Deus foi escrita em nosso coração, e a obedecemos alegremente; caso contrário, até podemos fingir que vivemos uma nova vida, mas um dia finalmente a máscara cairá e desprezaremos algumas leis de Deus (pode ser que desprezemos o que Jesus chamou de “o menor desses mandamentos”). Depois, passaremos a encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo, e, por fim, seremos proibidos de entrar no reino dos céus.

João diz que o pecado é iniquidade (1Jo 3.4). Mas, já longe disso, o cristão se afastou do pecado para uma vida de pureza. Por essa razão o apóstolo Paulo diz: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3.31).

NOTAS

[1](#) *The Letters of John Newton*. London, Banner of Truth Trust, 1960. p. 40.

[2](#) Tradução livre. *Free from the law,/ O blessed condition!/ I can sin as I please,/ And still have remission.* (N. do. T.)

8

O PURO DE CORAÇÃO

MATEUS 5.21–32

Mt. 5 ²¹ Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. ²² Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. ²³ Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴ deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta. ²⁵ Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. ²⁶ Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo. ²⁷ Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. ²⁸ Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. ²⁹ Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. ³⁰ E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. ³¹ Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. ³² Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.

* * *

Jesus veio para cumprir a lei, não para destruí-la. Na verdade, como já vimos, Jesus ensina que a lei de Deus é uma ferramenta essencialmente diagnóstica. Quer a guardemos, quer a transgridamos; quer encorajemos outros a transgredi-la, quer a guardá-la, será esse um indício da verdadeira condição espiritual na qual nos encontramos. Esse é o padrão avaliador no reino de Deus (Mt 5.19), mas não o padrão para nele entrar. Ao invés de dispensar a justiça, Jesus diz a seus discípulos que, a menos que a justiça deles exceda a dos fariseus e mestres da lei, eles certamente não entrarão no reino dos céus.

O que, então, devemos fazer com as declarações contidas em Mateus 5.21–48? Elas estão sobre a mesma base, na qual um contraste é feito entre o que foi “dito aos antigos” e o que “Eu [Jesus] vos digo” (Mt 5.21–22, 27–28, 31–32, 33–34, 38–39, 43–44).

A princípio, pode parecer que Jesus está contradizendo o ensino da lei do Antigo Testamento. Muitas das coisas que Ele nos diz terem sido “ditas aos antigos” aparentam ser citações diretas das páginas do Antigo Testamento. O que às vezes tem levado estudiosos à conclusão de que Jesus está, na verdade, dispensando os ensinamentos do Antigo Testamento e introduzindo, de modo geral, uma nova dimensão de fé — uma fé do coração, uma fé que é interna e não externa, graciosa, não legalista. Afinal, João não diz “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1.17)?

Contrastar o ensino de Jesus com a lei desta maneira é um erro, contudo. É injustiça ao que Jesus realmente diz nestes versículos, uma grande injustiça à lei de Deus. Esses são pontos tão importantes que vale a pena gastar um tempo pensando sobre eles, pois compreender o lugar da lei na vida do cristão é um dos assuntos mais cruciais para os discípulos de hoje.

Por que este *contraste*, ou até *contradição*, entre o ensino de Jesus e o ensino da lei faz tanto desserviço à lei de Deus? Tal contraste sugere que a lei (e, nesse sentido, a religião do Antigo

Testamento) era meramente externa. Mas basta ler alguns poucos Salmos para que vejamos como essa ideia se distancia da verdade. O povo de Deus amava a lei do Senhor; eles compreendiam que ela fala ao coração. Não se trata de mero código externo, mas a lei divina penetra nas partes mais íntimas do ser e esquadrinha os pensamentos e planos mais secretos (ver Sl 19.7–14 e 119.70–72). Lendo a exposição de Jesus e as reflexões de cristãos sobre a lei do Antigo Testamento, percebemos que não há contradição; supô-la foge do argumento que Jesus está desenvolvendo. Ele não está dispensando a lei ou a contradizendo. Jesus não poderia fazê-lo, e por uma série de razões importantes.

1. Jesus acabou de dizer que não veio para abolir a lei, mas para cumpri-la. Ele enfatizou que nem um i ou til desapareceriam até que tudo fosse cumprido. Se estivesse dismantelando o ensino da lei nos versículos seguintes, Ele faria mais que isso; Ele estaria dismantelando Seu próprio ensino.

2. O contraste básico encontrado nestes versículos não é somente entre o que é dito, mas também entre as pessoas que disseram. Jesus contrasta o que foi dito por *outras pessoas* com o que *Ele* diz. Suas palavras são bastante enfáticas: “Mas *eu* digo”. Ele usa tanto o verbo na primeira pessoa do singular — *legō* —, “Eu digo”, quanto o pronome na primeira pessoa do singular — *egō* —, “Eu”, para dar ênfase. Poderíamos traduzir por “*Eu mesmo digo*”. A questão em jogo aqui diz respeito à autoridade, não meramente ao conteúdo.

3. Mas ainda mais importante é o fato de que as palavras *ditas ao povo anteriormente* não são, necessariamente, citações das Escrituras. Algumas delas de fato são, mas há também acréscimos às Escrituras, e em um caso ocorre contradição das Escrituras: devemos amar o nosso próximo (Lv 19.18), mas o Antigo Testamento não dá um mandamento geral ao povo de Deus para “odiar o inimigo” (Mt 5.43). Isso sugere claramente

que Jesus não está colocando Seu próprio ensinamento diretamente contra o ensinamento do Antigo Testamento.

4. A bem da verdade, Jesus não nos dá uma série de contradições. Ao invés de dispensar a lei de Deus, é claro que Ele, por meio de Seu ensino penetrante, fornece uma exposição minuciosa e escrutinadora da lei.

5. O verdadeiro contraste nessa seção está entre o significado da lei *de acordo com Jesus* e o significado da lei *de acordo com a tradição religiosa e os antigos mestres*. Pode ser que as palavras *o que foi dito aos antigos* devam ser traduzidas por “*pelo povo há muito tempo*”, isto é, aquilo que foi dito pelos mestres religiosos, não pelos autores das Escrituras.

Fica claro que Jesus introduz essas várias declarações com uma frase que difere de Sua introdução habitual quando citando a Bíblia. Ele não diz “Está escrito”, mas “Foi dito”. Tendo em vista as ênfases à natureza escrita da lei de Deus apresentadas no versículo 18 (onde Ele fala sobre o *i* ou um *til*), Jesus não está se referindo, aqui, a textos próprios das Escrituras, mas ao ensino da tradição rabínica.

Não é por acaso que esses contrastes são colocados no contexto de Jesus como o cumprimento do Êxodo: Ele é o Filho que Deus chamou do Egito (Mt 2.15); Ele passa pelas águas em Seu batismo (Mt 3.13–17); Ele é provado no deserto (Mt 4.1–11); Ele expõe a lei de Deus nas regiões montanhosas (Mt 5.1). Ao invés de dispensar o ensino que Deus havia dado por meio de Moisés, todo o ministério de Jesus é identificado por Mateus como o cumprimento do ensino de Deus.

Se, então, Jesus deve ser ouvido aqui como o Verdadeiro Mestre das Palavras de Deus, qual é o Seu ensino? No restante deste capítulo olharemos para os primeiros três elementos da exposição que nosso Senhor faz.

HOMICÍDIO SEM FACAS

A lei proíbe o homicídio. Mas era característico aos teólogos da época (como agora!) perguntar “O que isso significa exatamente? Quando um homicídio constitui, na verdade, homicídio?”. As discussões e distinções chegaram ao inevitável resultado de suavizar o ato do homicídio em certas ocasiões e condições.

Jesus aponta que, ao fazê-lo, toda a força da Palavra de Deus é destruída. Jesus explica que o mandamento não só proíbe o ato externo, mas também cada pensamento e palavra que buscam destruir a vida de um homem. Além do mais, como quando qualquer outro mandamento proíbe algo, Jesus está nos ensinando que deveríamos tomar todo cuidado possível para promover o contrário daquilo que foi proibido. Nesse caso, ao invés de cometer um homicídio pela mão ou pela boca, deveríamos buscar com todas as nossas forças ter relacionamentos corretos com todos os nossos irmãos.

Para Jesus, matar com uma faca, envolver-se no assassinato do caráter de alguém por meio da raiva ou menosprezar o outro chamando-o de “tolo” são parte e parcela da mesma doença espiritual. Ele certamente não quer dizer que não há diferença entre fofocar e esfaquear, mas que ambas as ações revelam a mesma animosidade de coração para com o nosso próximo.

Há momentos quando os homens são tolos. O próprio Jesus declarou isso (Mt 23.17; Lc 12.20). E a Escritura nos ensina a reconhecer esse fato (Sl 14.1; 49.10; Pv 1.7, 22, 32). Jesus, aqui, não tem em mente tal rebelião obstinada contra Deus, mas, sim, o menosprezo deliberado contra alguém em virtude da animosidade e do ódio de nosso próprio coração, e o desejo de ter domínio sobre a pessoa ofendida e sobre o nosso próprio coração. Isto é homicídio.

Não é somente no âmbito dos escândalos sórdidos da mídia que tais assassinatos públicos ocorrem. Assassinatos assim não são desconhecidos no meio de cristãos professos. Os homens erguem impérios dentro das igrejas, bem como o mundo faz, e não toleram qualquer tipo de rivalidade. Com o espírito dos fariseus, eles supõe

falsamente que podem manter as mãos limpas, mesmo arruinando a reputação de alguém; com simples palavras, pensam estar encobertos por “falar a verdade”.

Quão cuidadosos precisamos ser quando manifestamos o gênio e a língua! Não à toa, o Novo Testamento dá ensinamentos claros sobre controlar o que falamos (Mt 12.34, 15.18; Ef 4.29, Tg 3.1–12). Nossas palavras são indício de nossa real condição espiritual.

Jesus reconheceu que não temos noção para julgar quão descuidados conseguimos ser no falar e como isso é grave; nesse sentido, Ele declara que não somos confiáveis. Com nossos próprios lábios ferimos pessoas, daí tentamos tratá-las com medicamentos brandos demais, uma vez que não vemos o rastro de cadáveres que deixamos para trás. É por isso que Jesus arromba nosso torpor moral, dizendo-nos quão sério tudo isso é aos olhos de Deus. Ele usa uma linguagem que compreendemos imediatamente: a raiva incorre em julgamento; usar termos de desprezo (como *raca*) faz o perpetrador merecer a condenação pela mais alta corte (5.22); chamar alguém de tolo nos qualifica para o inferno.

Jesus provavelmente não está colocando esses pecados em uma balança de seriedade para o reino de Deus; Ele simplesmente enfatiza, com descrições vívidas, que *estes são muito mais sérios do que a maioria de nós imagina*. Na verdade, nossa insensibilidade à verdadeira seriedade destes pecados indica como nossos sentidos espirituais estão embotados.

Nos versículos seguintes (23–26), enfatizam-se, por meio de duas ilustrações, a *necessidade* e a *urgência* da reconciliação, que deve substituir animosidades existentes. Aqui, Jesus nos mostra que se exige o contrapeso positivo daquilo que é proibido pela Palavra de Deus. Uma vez que *não* devemos nos envolver em assassinio, seja físico, seja verbal, *devemos, sim*, nos envolver na reconciliação interpessoal.

Imagine um homem na igreja. Ele está prestes a expressar devoção ao Senhor em louvor e ofertas. Mas ele não tem gozado da

comunhão com o seu irmão. Há desarmonia nesse relacionamento. Jesus diz que o homem deve deixar sua oferta, ir e se reconciliar com seu irmão para só então retornar à adoração a Deus, agora de consciência limpa e com inteireza de coração.

Jesus está dizendo que a única coisa que importa na adoração é o relacionamento correto com nossos semelhantes? Dificilmente! Ele reconhece que nosso relacionamento com Deus tem a primazia, mas nós sempre nos apresentamos diante de Deus como seres que se relacionam, correta ou incorretamente, com nossos semelhantes. O que somos diante de Deus está ligado ao modo de nos relacionarmos com os demais. E, caso estejamos em inimizade com alguém, como poderíamos nos acercar à presença do Senhor com mãos e coração limpos? É absurdo cogitar que Ele considerará aceitável essa nossa oferta hipócrita.

O obedecer é melhor do que o sacrificar (1Sm 15.22). Como Pedro demonstra, esse princípio se estende também ao lar e à família: os maridos devem tratar suas esposas com respeito e como herdeiras da graciosa dádiva da vida *a fim de que nada impeça suas orações* (1Pe 3.7). O princípio é claro: um relacionamento correto com nosso próximo é parte integrante do que é exigido no mandamento 'não matarás'. Relacionamentos do tipo são essenciais, sendo que nossa justiça deve ser mais profunda do que a dos escribas e fariseus.

Jesus nos dá outra ilustração. Dois homens estão a caminho da corte para que se encerre uma disputa entre ambos. Eles prosseguem brigando durante o caminho! Jesus diz que os dois deveriam encerrar a disputa *agora*, antes de se apresentarem ao juiz, na corte. Pode ser custoso encerrá-la agora; certamente exigirá humildade. Mas se a discussão continuar, talvez um deles finalmente se veja na prisão e incapaz de sair de lá até que tenha pagado até o último centavo (5.26).

Ler essas passagens *no devido contexto* nos livra da confusão em compreender o que Jesus está dizendo. Esses dois exemplos não

são partes de algum conselho, ou de leis, tanto para o comportamento da igreja como para resolver problemas judiciais! Pelo contrário, eles são ilustrações do quão vital é ter relacionamentos corretos com as pessoas. A ilustração do homem na igreja enfatiza a necessidade de reconciliação; a dos dois homens se dirigindo à corte, a urgência da reconciliação.

A animosidade é uma bomba-relógio; não sabemos quando ela será “acionada”. Devemos tratá-la rapidamente, antes que as consequências de nossa amargura saiam completamente de controle. A maioria dos relacionamentos destruídos entre as pessoas e seus próximos poderia ser preservada, se houvesse comunicação e atitude *no momento correto*. E Jesus diz que o momento correto é quando tomamos consciência de que estamos em inimizade com o nosso irmão (Mt 5.23).

Mais um ponto deve ser observado nesta seção. Jesus insta a que busquemos reconciliação quando algum “irmão tiver algo contra você” (5.23), ou quando “seu adversário (...) o está levando à corte” (5.25). Jesus está dizendo que devemos, à medida do possível, remover toda a base para qualquer tipo de inimizade. Ele, porém, não está instando a que compartilhem todos os pensamentos de nosso coração durante o processo de reconciliação. Nossos pensamentos e pecados secretos não são perdoados quando os contamos aos outros. Essa ideia tem levado muitos cristãos (e aqueles com quem conversaram) a situações desastrosas, às vezes infelizes. Jesus não está dizendo para lavarmos roupa suja em público, mas para tratar urgente e completamente qualquer conflito que tenhamos, antes que a situação cause assassinato espiritual.

ADULTÉRIO NO CORAÇÃO

A lei de Deus proíbe o adultério (Ex 20.14). A pena do Antigo Testamento para tal transgressão era a morte (Lv 20.10). No entanto, para fins práticos, os escribas reduziram a lei a “você não pode ser surpreendido no ato de cometer adultério”. Em alguns

casos, eles praticamente anulavam a tentação de cometer adultério ao possibilitar o divórcio com base nos motivos mais banais possíveis. Deuteronômio 24.1 exigia do homem cuja esposa “passasse a ser desagradável aos seus olhos por ter ele achado coisa *indecente* nela” que desse carta de divórcio a ela. Segundo alguns escribas, um homem poderia se divorciar de sua esposa, se ele então a considerasse “sem graça”, ou passasse a desgostar da comida preparada por ela. Uma lei que, evidentemente, visava resguardar as mulheres em Israel foi transformada em cláusula de escape para homens autoindulgentes.

Jesus põe termo a qualquer distorção da Palavra de Deus. Ele a deixa livre para falar com todo o seu poderio. A concupiscência que conduz o homem ao adultério também o conduzirá ao inferno. É melhor lidar com a concupiscência agora — negar a si mesmo agora — do que remoer-se por toda a eternidade. Longe de simplesmente proibir *alguns* atos de imoralidade, Jesus diz que a lei de Deus exige pureza e integridade em nosso coração e em nossos pensamentos para com os demais.

Salientamos anteriormente que a compreensão da lei de Deus é uma necessidade essencialmente urgente para os cristãos de hoje. Os versículos 27–30 fornecem ilustração vívida para essa questão. As relações sexuais tornaram-se a porta pela qual muitos cristãos professos têm passado, para sua própria destruição. Talvez os evangélicos tenham ingenuamente suposto que a transformação moral pela qual o mundo passou “jamais apareceria no meio deles”. Mas essa transformação tem acontecido, e por isso as revistas e jornais pastorais já estão repletos de discussões a respeito.

Jesus não faz suposições tolas. Ele conhece tudo o que está no coração dos homens (Jo 2.25). Ele sabe que ninguém está livre da tentação, e que nem sequer um ser humano é livre (ao menos nesta vida) da influência do pecado que habita dentro de cada um.

Sim, Jesus fala acerca do adultério, mas, a partir de Sua exposição, é evidente que Ele tem em vista *todo tipo* de imoralidade

sexual. Jesus ressalta que a raiz da imoralidade sexual é achada no coração. O homem que *olha* para uma mulher *desejando-a* já consumou o adultério em seu coração.

Deus criou o homem e a mulher a fim de que um sinta atração pelo outro, um precise do outro, para que se relacionem em dimensões física, espiritual e mental. Temos, pela graça de Deus, a habilidade de, em conjunto, reproduzir outros seres humanos, reprodução esta contextualizada dentro do relacionamento mais íntimo possível ao ser humano — física e espiritualmente. A dádiva que é a relação sexual é incontestavelmente boa. É um presente de Deus.

Apesar disso, a causa máxima para recebermos esta dádiva é o *companheirismo*. Deus deu a Adão e Eva no jardim do Éden, porque “não era bom que o homem estivesse só” (Gn 2.18). É nesse elo de comunhão, de comprometimento que a vida familiar deve ser estabelecida e nossos instintos sexuais encontrar satisfação.

A fim de tornarem-se uma só carne, “deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher” (Gn 2.24). No íntimo do relacionamento está o elemento de *comprometimento* — deixando os pais e se unindo a uma esposa ou a um marido. Essa é a ordem de Deus, e nós a violamos por nossa própria conta, arriscando destruir toda uma sociedade.

O mandamento contra o adultério é colocado nesse contexto. Com efeito, o adultério implica a violação de vários mandamentos de Deus. O ato de adulterar envolve desobediência ao mandamento específico que o proíbe; por conseguinte, envolve desobediência ao Senhor, a quem devemos adorar. O adultério envolve roubo — rouba-se o companheiro de outra pessoa —, resultado de cobiçar o que pertence a outro. Longe de ser um estilo de vida emocionante, o prazer de adulterar é o mesmo que o do roubo e da idolatria. É um ato cego e vil, e seria visto como tal, se as escamas que nos cegam fossem tiradas de nossos olhos e a tolice que nos dessensibiliza fosse eliminada de nosso coração.

Por essa razão o adultério é tão grave. Ele destrói vidas, despedaça famílias inteiras e despreza a Deus. Eis o porquê de ser uma transgressão considerada merecedora de morte no Antigo Testamento (Lv 20.10). Tal sentença objetivava o despertar do povo de Deus para a natureza mortal da imoralidade. Poucas coisas trazem mais dor a tantas pessoas na sociedade atual.

Como, então, conseguiremos viver nas esferas de nossa vida permanecendo fiéis à Palavra do Senhor? Jesus diz que devemos guardar nosso coração, se desejamos manter-nos firmes nele.

Obviamente, apreciar um homem ou uma mulher — estimar aparência, dons e talentos, favores e qualidades — não é, em si mesmo, um sentimento errado. Jesus não nos proíbe de *olhar*, mas de *cobiçar*. Jesus quer dizer que, quando reconhecemos em nós tendência ao pecado, devemos nos comprometer a manter-nos dentro dos limites que Deus estabeleceu para nós. Devemos guardar nosso coração e nossas atitudes — gestos e aparência — dentro desses limites.

Se somos homens, então, como Jó, diremos “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?” (Jó 31.1); se mulheres, faremos pacto semelhante com o Senhor. Não brincaremos com nossas emoções, e seremos escrupulosos em não fazer o mesmo com os sentimentos dos outros. Prometeremos tratar os demais cristãos como irmãos e irmãs em completa pureza (ver 1Tm 5.2). Deus nos conduz a relacionamentos no contexto de comprometimento com o próximo, e é só a partir daí que estaremos preparados para viver o que é apropriado somente no âmbito matrimonial.

Podemos reagir a esse ensino de muitas maneiras. Alguns o consideram como o cessar de todo divertimento e entusiasmo na vida. Essa restrição parece soar tão pesada e grave — e onde entra a alegria que a vida cristã deveria exhibir? Precisamente, é essa a questão. Jesus sabia que pecadores nunca viriam a conhecer a felicidade verdadeira e que perdura para sempre enquanto saciarem

os próprios desejos. A verdadeira felicidade, o gozo da ressurreição, estará sempre presente nos cristãos quando eles se revestirem da morte de Jesus para não mais viverem no pecado. Esse fator é, para o cristão, tão aplicável à pureza sexual quanto a qualquer outra área da vida.

Ademais, a infidelidade sexual é uma maneira precisa de arruinar o gozo matrimonial, quer seja antes, quer seja depois do casamento. Esse pecado ou endurece nosso coração e arruína um verdadeiro casamento cristão ou cauteriza nossa consciência e cria uma culpa: a qual *Deus* pode, de fato, perdoar, mas que *nós* provavelmente nunca seremos capazes de esquecer. O pior de tudo é que, disse Jesus, essa pode ser a primeira armadilha que nos conduzirá a encruzilhadas durante nossa peregrinação espiritual; trata-se de uma armadilha que pode nos perseguir durante toda a nossa vida enquanto peregrinos. A imoralidade sexual (como qualquer outro pecado) torna o arrependimento muito mais difícil. A incapacidade de se arrepender levou Esaú e Judas à destruição (Hb 12.17). Tenha cuidado com o engano causado pela satisfação momentânea; este engodo pode conduzi-lo a uma vida inteira de remorso.

Como, então, podemos manter nossos caminhos puros? As intensas ilustrações que Jesus apresenta dão-nos uma série de princípios gerais de grande importância.

1. Compreenda para onde as concupiscências do pecado o conduzirão, caso você ceda. Jesus declara que o inferno é para onde todo pecado nos direciona (Mt 5.29–30). Tenha essa verdade sempre em mente.

2. Lide com a verdadeira causa de seu pecado. Se é o olho direito que o faz pecar, Jesus diz, arranque-o. Podemos, em vez disso, substituir por alguma outra medida? Não, Jesus diz.

A maioria de nós compreende o que Ele quer dizer. Não obstante, oferecemos substitutos a Deus. Se somos capazes de preservar aquela nossa concupiscência favorita, então também

estaremos prontos a sacrificar outras coisas. Leremos mais a Bíblia, participaremos dos cultos de oração com maior frequência, nossa oferta será sacrificial. Podemos mesmo estar preparados para doar-nos em medida muito maior à obra do Senhor — que seja tudo, exceto arrancar nosso “olho direito”. Mas deixar de arrancá-lo não pode remediar nada, nem com ofertas substitutas de obediência e sacrifício.

3. Aja decididamente, imediatamente, mesmo que seja doloroso. Jesus descreve de forma terrível aquilo que outros autores do Novo Testamento chamam de “mortificação”. É como arrancar seu próprio olho ou cortar fora um membro do seu corpo. Causará dor, lágrimas e sangue. Haverá sintomas de abstinência depois da amputação. As consequências parecerão praticamente insuportáveis. Mas a natureza drástica da solução é simplesmente o que indica o perigo radical e absoluto do pecado. Não é um caso de negociação. A obediência não pode ser negociada, assim como céu e inferno também não podem.

4. Sobretudo, esteja consciente de que a concupiscência que habita em você não é tudo na vida, e pese na balança tudo o que será seu, se você abandonar suas influências. É melhor perder seu próprio olho e conservar seu corpo do que perder tudo perecendo no inferno, Jesus assevera.

O que acontece quando somos pegos em algum pecado específico? Tornamo-nos objetos de chantagem. Pensamos, ou Satanás diz: “Se você lidasse com esse pecado como Jesus disse para fazê-lo, o que sobrará para você? Pense na jornada imensa que é a recuperação espiritual. Pense nas coisas que você perderá, se disser não”. Tal é a natureza do engodo e da escravidão do pecado que este se torna a nossos olhos uma obsessão doentia. Ele exige de nós tudo o que pudermos dar.

Mas Jesus nos dá esperança apresentando-nos uma nova perspectiva. Arranque o olho que faz com que você peque, mas salve a sua vida. Sim, talvez você tenha cometido um pecado que

jamais será capaz de apagar da memória, mesmo que lhe seja perdoado. Mas, ainda assim, você terá dado passos rumo ao caminho da vida e se afastado das veredas que conduzem à morte. Não se deixe enganar ou ser enganado entregando-se ao desespero do pecado.

DIVÓRCIO

Temos visto que a Palavra de Deus tem sido distorcida por tradições religiosas. A passagem das Escrituras que tem por fim manter sob controle a rebelião própria do homem contra o propósito de Deus para o casamento foi distorcida para dar justificativas ao divórcio. Os corações duros, aos quais essa lei veio para reprimir, usaram-na para satisfazer seus próprios objetivos.

Jesus certifica que Deus odeia o divórcio (Mt 2.16). Somente uma exceção é feita nessa passagem: a infidelidade de um dos dois cônjuges. A palavra que Mateus usa é *porneia*. Na época que o Evangelho de Mateus foi escrito, a palavra em questão continha um significado bastante amplo para descrever a imoralidade sexual e infidelidade.

Em qualquer outra circunstância que não essa, o divórcio “torna” a mulher adúltera, e qualquer um que se case com uma mulher divorciada comete adultério. Jesus tem em vista o fato de que, naquela sociedade, a mulher divorciada poderia ser conduzida a casar-se novamente por fins de subsistência. Somente em caso de adultério esse recasamento não seria propriamente um outro caso de adultério.

Mas por quê? A explicação se encontra na lei do Antigo Testamento. A pena para o adultério na lei judaica era a morte (Lv 20.10). Obviamente, quando executada, o casamento chegava a um fim abrupto e o cônjuge mantido vivo estava livre para casar-se outra vez.

Na época de Jesus (quando a Palestina estava sob o controle de Roma), a pena de morte para essa condenação não era executada. O adúltero era mantido vivo. Entretanto, o ensino de Jesus parece sugerir a *retidão da ação, como se a pena houvesse sido executada*. Neste caso, o parceiro injustiçado estaria livre para casar-se novamente. Não havia contradição com a lei do Antigo Testamento nisso.

No passar dos séculos, os cristãos têm divergido sobre o significado dessas palavras em Mateus 5.31–32. É sábio, portanto, avaliar o ensino desses versículos ponto a ponto, indicando o que parece estar claro, e quais deduções cristãos extraíram deles.

1. A Escritura claramente ensina, e essa passagem certamente enfatiza isso, que o desígnio de Deus para o casamento é o compromisso permanente. A destruição do casamento constitui carnificina aos olhos de Deus.
2. Essa passagem nos fornece a correção de Jesus para o divórcio “por demanda” e as consequências desastrosas para a vida de famílias inteiras que decorrem dessa atitude.
3. A passagem enfatiza que o divórcio desprovido de bases bíblicas agrava o pecado em vez de tratá-lo, podendo acarretar ainda outros pecados ao invés de evitá-los.

Há grande concordância em se tratando desses três pontos. Muitos cristãos (incluindo o autor deste livro), porém, inseririam mais dois pontos, que também constam na *Confissão de Fé de Westminster*.

4. Jesus reconhece que a própria Escritura ensina que a imoralidade sexual pode destruir laços matrimoniais. No Antigo Testamento, o pecado sexual era posto sob controle pela pena de morte, libertando o outro cônjuge daquele casamento. Apesar de a pena não mais ser utilizada, seus *efeitos* ainda são relevantes.

5. Tendo em vista o contexto do Antigo Testamento, em que o casamento deixava de existir, também no Novo Testamento, alguém que se divorcia por conta da infidelidade matrimonial pode agir como se o outro cônjuge houvesse deixado de existir, e pode casar-se outra vez.

Em conclusão, devemos, porém, escrever com grande tristeza as palavras do nosso Senhor:

8 Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. 9 Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério] (Mateus 19.8–9).

Como, então, seremos capazes de nos manter fiéis aos laços matrimoniais? Jesus não se aprofunda a este respeito em Mateus 5.31–32, mas Sua resposta pode ser encontrada na seção anterior do sermão (v. 5.27–30).

O casamento é um pacto (ver Pv 2.17 e Ml 2.14). Entramos nele como promessa para a vida inteira, “prometendo desse dia em diante, na alegria ou na tristeza, na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença, até que Deus, mediante a morte, nos separe”. Não se manter fiel é viver uma mentira perante Deus e perante os homens. Ate-o, portanto, ao seu coração. Decida que nada irá violá-lo. Fortaleça-o genuinamente “tomando e mantendo” seu cônjuge, amando-o e apreciando-o pela graça de Deus. E arranque de seu coração tudo o que possa destruir a alegria do relacionamento entre vocês.

É melhor, diz Jesus, não encontrar um momento, um dia, uma semana, um mês, um ano de prazer do que perder tudo — a si mesmo, esposa, família, a graça — e finalmente ser lançado no inferno por desprezar a Palavra do Senhor.

Quem poderá ler esse ensinamento sem estremecer? Que Deus nos ajude a sermos fiéis — ao nosso cônjuge (se já somos casados), ao nosso possível cônjuge (se nos casarmos no futuro) — ou simplesmente ao próprio Deus (se permanecermos solteiros).

9

JURAMENTOS, OLHOS E INIMIGOS

MATEUS 5.33–48

Mt. 5 ³³ Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. ³⁴ Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; ³⁵ nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; ³⁶ nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. ³⁷ Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno. ³⁸ Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. ³⁹ Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; ⁴⁰ e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. ⁴¹ Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. ⁴² Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. ⁴³ Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. ⁴⁴ Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; ⁴⁵ para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. ⁴⁶ Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? ⁴⁷ E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? ⁴⁸ Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

* * *

Mestre incomparável, nosso Senhor extrai o verdadeiro significado da lei do Antigo Testamento, bem como, mais tarde, viria a demonstrar com maior clareza o significado dos profetas do Antigo Testamento (ver Lc 24.25–27, 44–47). Temos visto que o princípio de Jesus de cumprir, e não de destruir, a lei já foi expresso na antítese que Ele traça em Mateus 5.21–32. Ao invés de rebaixar o padrão, Ele demonstra quão profundo e relevante Seu ensino realmente é. O que à primeira vista aparenta ser um contraste é, na verdade, a aplicação e a explicação corretas.

As ilustrações que Jesus usa em Seu ensino parecem estar divididas em dois grupos de três, sendo a segunda tríade introduzida pela palavra *também*, no versículo 33. A divisão não é baseada em nenhuma diferença clara de conteúdo; na verdade, ela pode simplesmente fragmentar o material para fins didáticos. (O Sermão do Monte inteiro carrega indícios de que foi projetado para ser memorizado). Nos versículos 33–48, Jesus trata sobre o fazer juramentos, a retaliação, e nossa atitude ante nossos inimigos. Em cada uma dessas áreas, conforme veremos, Ele demonstra como o cristão é “diferente”, até mesmo “extraordinário”.

DIGA “SIM” OU “NÃO”

Fazer votos ou juramento era parte da vida para os contemporâneos de Jesus. Os dois tipos de promessas eram distintos. O *juramento* dizia respeito às ações futuras de um indivíduo, enquanto o *voto* estava relacionado a objetos e seus usos. Às vezes, porém, o efeito era um só e o mesmo. De acordo com o Antigo Testamento, ao fazer um juramento, o nome do Senhor não deveria ser usado falsamente (Lv 19.12). Com base nisso, os judeus desenvolveram uma “teologia do juramento”.

Jesus parece deixar de lado tudo isso dizendo “de modo algum jureis” (Mt 5.34). À primeira vista, parece ser uma proibição simples e direta sobre o fazer juramentos. Muitos cristãos já sustentaram essa visão, e alguns ainda a defendem. Estes, com base na própria

consciência e na obediência à compreensão que têm sobre os mandamentos de Jesus, se recusam a jurar, por exemplo, em um Tribunal de Justiça.

É muito improvável que fosse essa a intenção de Jesus, que, mais adiante em Seu ministério, já estava claramente preparado a falar sob juramento enquanto era julgado: “E o sumo sacerdote lhe disse: ‘Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus’. ‘Tu o disseste’ Jesus replicou (Mt 26.63–64). Enquanto sob juramento, Jesus rompeu o silêncio que havia mantido no início do processo (Mt 26.63), como que reconhecendo a natureza de estar sendo colocado sob juramento.

Na verdade, a questão que Jesus suscita é muito mais abrangente do que simplesmente jurar a um tribunal. O contexto sob o qual Suas palavras são proferidas enfatiza esse fato.

Jesus proíbe jurar pelos céus, pela terra, por Jerusalém e pela cabeça de alguém (Mt 5.34–36). Por que alguém faria isso para início de conversa? As pessoas seguiam jurando por tudo isso sem usar o nome de Deus; e, com base nisso, livrando-se de cumprir a promessa que haviam feito. “Com certeza”, eles argumentariam, “se eu tivesse jurado pelo nome de Deus a fim de manter minha promessa, eu a teria cumprido. Mas o fato de eu ter prometido pela terra indica que meu compromisso não era absoluto”. Jesus diz duas coisas a esse respeito.

Agir de tal modo consiste em total hipocrisia. Os céus são o trono de Deus e a terra, o estrado do Seus pés. Jerusalém é Sua cidade, Ele conta os fios de cabelo de nossas cabeças e lhes dá tonalidade e cor. Assim sendo, *nenhuma promessa pode ser feita, nenhuma palavra deve ser proferida sem que sejam feitas na presença de Deus.*

Agir de tal modo é, por natureza, desonestidade. Aquilo que se mascara de teologia é, em verdade, falsidade fétida. Jurar pelas coisas que Jesus listou é mera aparência. É simular seriedade,

estando, na verdade, com o coração repleto de engano, um coração completamente dobre. Jesus abomina a falsidade e a leviandade.

Como, portanto, o cristão deve viver? Por que ele jamais deve jurar? Seu “sim” deve *significar* “sim” e seu “não” deve *significar* “não”. O cristão não precisa convocar a Deus para que Ele testemunhe o que é dito, pois Deus o vê e está presente enquanto fala, conhecendo seu coração inteiramente. Qualquer coisa além dessa honestidade direta em nosso falar procede, diz Jesus, “do maligno”.

Você já ouviu uma daquelas maravilhosas conversas entre crianças, quando uma pergunta e a outra não responde? É mais ou menos assim:

“Você pegou meu biscoito?”

“Eu tava assistindo TV.”

“Eu não perguntei se você tava assistindo TV. Eu perguntei se você pegou meu biscoito.”

“Tem outro na caixa.”

“Você pegou *meu* biscoito? *Responda sim ou não!*”

Jesus quer que nossas respostas sejam um enfático “sim” ou “não” — sem ambiguidade nem adorno.

A verdade é sagrada, e a nossa fala deveria honrá-la.

Perdemos esse valor na vida cristã, em nossos dias, tanto quanto tememos que ele tenha sido perdido na vida pública? O nosso “sim” é verdadeiramente sim”? O nosso sim carrega compromisso definitivo? Ou tendemos a modificar a verdade e a simulá-la? A nossa palavra é confiável? Fazemos o que dizemos que iremos fazer? As pessoas podem confiar em nós enquanto modelos de integridade? Esses são os assuntos práticos do dia a dia que Jesus levanta, aqui.

Jesus nos mostra o que é que dará integridade ao nosso falar, e a manterá. Estamos a cada instante na presença de Deus. Ele nos vê

e nos ouve em todo o tempo. Toda promessa que fazemos, toda palavra que falamos, isso fazemos perante a Sua face.

Você, contemplando a visão completa da face de Deus, ainda viveria uma mentira em Sua presença?

DÊ A OUTRA FACE

De todo o Sermão do Monte, nenhuma das ideias nele presentes são mais frequentemente aludidas do que as seguintes: olho por olho, dê a outra face, ande uma milha a mais. Elas ainda são expressões vívidas na língua inglesa [portuguesa também]. Para alguns, são a essência do cristianismo. Essas declarações têm sido usadas para explicar e justificar o pacifismo, por parte de cristãos e dos incrédulos. Para o grande autor russo Leo Tolstoy (quem, afinal, exerceu grande influência sobre Mahatma Gandhi), tais palavras surtiram efeito revolucionário. Mas o que elas significam?

Cabe-nos lembrar de um princípio essencial ao estudo bíblico, o contexto em que a passagem aparece. Se não “ouvimos” o texto em seu devido contexto, podemos presumir que significa algo completamente diferente do que o narrador ou autor desejou dar a entender.

Lembro-me de, certo dia, haver dito a um colega: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Ele comentou comigo sobre um programa de computador criado para traduzir afirmações do inglês para o russo. Essa mesma frase foi colocada no programa. A tradução russa resultou em: “O uísque é mais forte do que a carne!”. Com certeza o programa de computador não “ouviu” o contexto da afirmação.

O mesmo perigo costuma ocorrer quando ouvimos as Escrituras sem manter o contexto em mente.

O contexto das palavras de Jesus é, como temos visto, o verdadeiro significado da lei de Deus, que o próprio Cristo expõe. A lei incluía o princípio “olho por olho” (Dt 19.21). E se Jesus está

então seguindo o padrão dos fundamentos anteriores alicerçados por Seu ensino, supomos que Ele continue explicando até chegar ao real *propósito* oculto sob a lei. Antes de tudo, devemos ver se é isso o que Jesus faz.

A qual o propósito essa lei servia, e que justiça manifestava? Certamente, servia para delimitar e, necessário fosse, restringir retaliações. Parece, no entanto, que a lei era empregada no propósito de se obter justificativas para retaliações, ainda que limitadas, e vingança. Tratava-se, portanto, de uma má compreensão do propósito ao qual a lei servia. Uma vez que a intenção era restringir a represália pessoal e a retaliação, para cumprí-la verdadeiramente caberia à pessoa ofendida não buscar vingar-se do ofensor. Da mesma forma, cumprir verdadeiramente a lei acerca do divórcio não significaria levá-la às últimas consequências, mas manter o casamento por toda a vida.

Quando Jesus fala aos filhos do Reino que não resistam ao homem mau, o pano de fundo é jurídico. Na verdade, a palavra *resistir*, no versículo 39, é um termo explicitamente jurídico e pode ser traduzido por “levado ao tribunal” ou “testemunhar contra”. Jesus expõe o desejo de Deus dessa forma: como cristãos, não se apoiem em seus próprios direitos legais, aproveitando ao máximo essa ou outras lei, sendo vantajosas.

Por trás disso se encontra o princípio pelo qual todo cristão é chamado a viver: não faça de seus *direitos* a base do relacionamento com o próximo. Esteja preparado para tomar uma posição modesta, de servo humilde; esteja preparado para pagar o preço de imitar a Jesus.

A passagem, na verdade, não trata de ser ou não possível ao cristão ingressar em profissões jurídicas ou militares. Pelo contrário, estes versículos desafiam os crentes a seguirem o exemplo de seu Mestre em relacionamentos pessoais. As ilustrações que Jesus usa parecem confirmar esse ponto.

1. Dê a outra face. Jesus retrata um homem que é estapeado no lado direito do rosto. Duas coisas se mostram importantes a esse respeito. Em primeiro lugar, um golpe assim era mais insultuoso do que crimes violentos; era ofensa de grandes proporções, pois se tratava de um tapa com a parte traseira da mão, algo ainda considerado terrivelmente ofensivo no Oriente Próximo. A multa cobrada por esse insulto excedia o salário anual médio de um homem. Em segundo lugar, o tribunal era o único lugar a se recorrer em se tratando dessa ofensa, à semelhança de hoje, quando alguém recorre por calúnia ou difamação de caráter.

O que Jesus quis dizer quando nos comanda “dar a outra face”? Estaria Jesus induzindo o cristão a, deliberadamente, escolher o caminho de maior sofrimento? Não, mas Jesus relembra Seus discípulos de modo figurativo que permanecer nos próprios “direitos” e buscar ter a dignidade reafirmada não é a resposta cristã a tudo quanto é insulto.

“Deixe que os insultos venham”, diz Jesus, “e reaja de modo a demonstrar que você não sinta necessidade de impor retaliações, pois sua reputação está segura com Deus, como filho. Reaja com graça — assim como seu Pai reage graciosamente ao insulto do pecado que você mesmo comete contra Ele. Alguém será ganho para o reino, se você exigir retaliações, se você exigir seus direitos?”. Como, dado que o próprio Rei desse reino não revidou?

2. Dê-lhe sua capa. Aqui, Jesus retrata um homem processado por conta de sua túnica. Dê-lhe também a sua capa, Ele acrescenta. É basicamente certeza que Jesus está, com isso, dando a entender um princípio básico a fim de deixá-lo tão vívido quanto possível. A intenção de Jesus não é dizer que um homem deveria ser deixado praticamente nu! O ponto em questão, contudo, é esclarecido quando nos lembramos de que a capa do judeu era, a seus olhos, essencialmente sacrossanta. Caso fosse tomada como penhor, a capa deveria ser devolvida antes do anoitecer (Ex 22.24), pois, para alguns, ela servia tanto de roupa para o corpo quanto cobertura para a cama.

Novamente, o argumento de Jesus é que quando Seus seguidores encontrassem oposição e perseguição, eles não deveriam permanecer em seus direitos legais. Pelo contrário, onde o pecado nos outros abunda, a graça deve superabundar ainda mais naqueles que seguem a Jesus. Desta forma, eles serão iguais a Seu Mestre (ver Rm 5.20).

3. *Caminhe mais uma milha.* O exército romano que ocupou a Palestina tinha o direito de forçar pessoas a ajudá-los — por exemplo, Simão de Cirene foi forçado a carregar a cruz de Cristo (Mc 15.21). Os judeus odiavam essa prática, porque ela ilustrava publicamente a humilhação de ser um povo subjugado. Não precisamos de muito para imaginar o quanto esse direito era usado de forma abusiva.

Quando você é “selecionado”, Jesus diz, e já caminhou os mil passos requeridos pelas normas romanas, prossiga. Carregue o fardo por mais uma milha! Nenhum soldado tem o direito de obrigá-lo a fazê-lo, mas faça voluntariamente, e assim ele verá que você está sob o domínio de outro Imperador e pertence a outro Império, de princípios infinitamente mais poderosos do que as leis romanas!

Os soldados romanos não seriam os últimos a presenciar vividamente o poder que os princípios do reino de Deus exercem. Há pouco tempo, pude ouvir o fiel testemunho da filha de um conhecido cristão da Ásia. Ela havia sido aprisionada por testemunhar de Cristo. Quando determinada autoridade de influência veio em seu favor a libertá-la, ela recusou. É dito que esta mulher preferiria permanecer na prisão, porque para lá foi confiada a testemunhar de Jesus Cristo. Longe de buscar retaliação, ela estava pronta a sacrificar o próprio direito à liberdade.

O ponto que Jesus enfatiza é claro: o cristão realiza o inesperado, pois a graça faz com que ele ou ela ganhem pessoas por meio do amor, ao invés de retaliá-las com base em seus *direitos*.

4. Dê àqueles que imploram ou pedem emprestado. Essa entrega não se tratava de um dever legal para os primeiros discípulos. Eles

não estavam sob nenhuma obrigação de dar. Mas Jesus lhes mostra que a lei que restringe o mal também visa nos ensinar a demonstrar um viver gracioso, equivalentemente oposto ao pecado antes proibido! Esse é o ponto que Paulo viria a enfatizar mais tarde, quando contrasta as obras da carne com o fruto do Espírito.

As obras da carne nos fazem inaptos para o reino de Deus, porque transgridem a lei de Deus (Gl 5.19–21); mas não há lei contra o fruto do Espírito, aquelas graças cujos opostos a lei proíbe! O amor é o cumprimento da lei (Rm 13.10). As pessoas ao nosso redor enxergarão de fato o que a lei dada por Deus significa tão somente quando demonstrarmos trato gracioso e sacrifício para com elas; elas, por conseguinte, entenderão que nossa cidadania é a do reino dos céus (Fp 3.20).

AME SEUS INIMIGOS

A Palavra de Deus ensina que os homens devem amar o seu próximo (Lv 19.18). É interessante notar que, aqui, a Escritura não indica nenhum conflito entre a lei e o amor. O amor é parte da lei e é nela ordenado! No entanto, à semelhança de muitos outros princípios bíblicos, este também foi, antes de tudo, examinado e, seguidamente, distorcido pelos mestres da lei, e da seguinte forma: a lei não é apenas verdadeira em si mesma, mas o seu oposto também será verdadeiro. Assim, se devemos *amar o nosso próximo*, segue-se que *devemos odiar nossos inimigos*. Muita discussão, portanto, ocorreu até que a pergunta “Quem é o meu próximo?” fosse respondida.

Quando questionado (Lc 10.29), Jesus não sacou uma réplica da manga. A resposta dada por Ele, ao contrário, tornou-se um dos grandes temas teológicos daqueles dias. A resposta de Jesus, bem como o Seu ensino até aqui já exposto, foi revolucionário no que representava um desafio moral aos discípulos.

É verdade que você deve amar o seu próximo, Jesus afirma. Mas a mesma lei buscava também restringir o ódio contra ele, e não o

justificar em se tratando daqueles que você nem mesmo considera como seu próximo. A lei é somente um ponto de partida, uma sombra lançada sobre a vida pecaminosa do homem. O desejo original de Deus para nós é que amemos todos os homens e que, neste mundo caído, amemos até os nossos inimigos.

Podemos verdadeiramente amar aqueles que têm sido hostis conosco? Não, enquanto vivermos pelos princípios do reino deste mundo, que, na melhor das hipóteses, nos ensina a ignorar nossos inimigos e, na pior delas, a retaliá-los. Somente o reino de Deus proverá motivação suficientemente forte para nos ajudar a amar nossos inimigos: seu Pai demonstra amor por Seus inimigos todos os dias dando sol e chuva tanto para justos quanto para injustos. Ele tem todo o direito de tomar vingança contra pecadores por afrontarem Sua criação. Contudo, ao invés disso Ele demonstra misericórdia e paciência. Devemos fazer o mesmo. Tal Pai, tal filho!

Podemos dizer de especial modo: “Tal Pai, tal Filho”. Esse não nos é um pensamento ilusório e vazio, pois o estilo de vida que Jesus encoraja aqui é o mesmo que Ele viveu. Quando Seus inimigos procuraram triunfar sobre Ele, qual foi a reação de Jesus? Ele os amou e orou por eles a fim de que fossem perdoados. Seu poder em capacitar Seu povo a fazer o mesmo é ilustrado na vida e morte de Estevão (Lc 23.24; At 7.60).

Jesus enfatiza esse ponto de forma incomum. Se amamos somente aqueles que nos amam, o que há de especial em nós? O que mostra que somos diferentes? Os coletores de impostos, segmento odiado pela sociedade judaica e condenado ao ostracismo, visto como traidores dentro do arraial, fazem o mesmo. Os pagãos seguem esse princípio.

O povo de Deus deveria ser diferente. Deveria ser óbvio que somos “*extra-ordinários*”, pois nosso Pai é “*extra-ordinário*”.

Isso é o que Jesus quer dizer quando nos diz para sermos *perfeitos* como o Pai é perfeito. Ele não supõe que podemos atingir perfeição moral nesta vida, mas, ao invés disso, se refere à maneira

como o amor do Pai é manifesto em perfeição pela forma como ama Seus inimigos. O homem que assim o faz mostra que o objeto do seu amor não o controla, mas é controlado por sua própria vontade e pelo compromisso que tem aos caminhos do Pai.

A marca da “perfeição” no cristão é unicamente esta: seu amor não é determinado pela beleza e atratividade encontrada no objeto amado. Seu amor não requer ser amado primeiro, para poder amar; seu amor não é direcionado somente àqueles cujo amor receberá em troca. Não, seu amor é controlado pelo conhecimento de que, quando ele próprio era inimigo de Deus e um pecador, o Pai o amou primeiro. Se o cristão deve manifestar o amor do Pai — o amor familiar —, então ele ‘irá e fará o mesmo’ (Lc 10.37).

Há algo assustador na pergunta que Jesus faz no versículo 47: “Que fazeis de *mais*?” Seu ponto de partida é que os membros do reino e família de Deus não se comportarão como “meros homens” (1Co 3.4). Toda a descrição que Jesus tece a respeito da família de Deus nas Bem-Aventuranças confirma que não somos pessoas ordinárias. Princípios diferentes governam nosso pensamento e nosso viver; marchamos ao som de outra música.

Quão trágico é o fato de que a igreja tem, tão frequentemente, buscado ser pouco diferente do mundo, sob o pretexto de atraí-lo. Mas há ainda mais acerca desse comprometimento com justificativas. Trata-se de uma má-vontade enraizada em nós em não desejar que Jesus Cristo nos ensine os princípios do Seu reino, porque há um alto preço a ser pago pela verdadeira vida cristã. Custa-nos *tudo*.

Por fim, é isso o que Jesus quer dizer quando nos chama a sermos perfeitos como o Pai. O ensino em Mateus 5.21–48 simplesmente deixa esse fato bem claro. Ele nos chama a darmos tudo para Ele e por Ele — não importa qual seja o custo.

Veja bem, há somente um fundamento pelo qual alguém amará o próximo como a si mesmo (essência do ensino de Jesus nesta seção). Você já sabe que fundamento é esse. Jesus lhe disse:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Lc 10.27).

Você ama a Deus? Honesta e sinceramente?

10

VIDA COM O PAI

MATEUS 6.1–8, 16–18

Mt. 6 ¹ Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. ² Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ³ Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; ⁴ para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. ⁵ E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ⁶ Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. ⁷ E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. ⁸ Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

* * *

¹⁶ Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ¹⁷ Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, ¹⁸ com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

* * *

A transição do quinto para o sexto capítulo do Evangelho de Mateus nos introduz a uma nova seção do Sermão do Monte, além de nos proporcionar um ponto apropriado para pausarmos um pouco nosso estudo dos capítulos até aqui expostos e nos determos a uma das características mais importantes — o que as passagens tem a ensinar a respeito de Jesus enquanto pregador e mestre.

Jesus é o mestre e pregador modelo para a igreja. Devemos, portanto, nos atentar ao conteúdo e ao estilo de Seu ensino, se desejamos aprender a comunicar o Evangelho como Jesus.

O Sermão do Monte possui todas as marcas de um ensino grandioso. Em primeiro lugar, este sermão é marcado por sua *unidade* temática. Jesus nos ensina sobre a vida no reino de Deus. Note que desde o início do Sermão, quando descreve aqueles que pertencem ao reino, e até chegar à conclusão, quando desafia a integridade de nosso próprio relacionamento com o reino, Ele não se desvia do tema ao qual se propôs. Ele não sai pela tangente. Pelo contrário, o peso e o poder de Seu ensino — aquela “autoridade” que a primeira audiência a estar presente sob Suas palavras reconheceu (Mt 7.29) — eram o efeito cumulativo da unidade que a instrução de Cristo compreendia. Jesus conhecia a mente humana e entendia como Deus criara o homem de modo a pensar e compreender. O ensino de Jesus ser marcado por unidade de pensamento nos é bastante significativo.

Já em segundo lugar, o ensino de Jesus é caracterizado por *progressão* de pensamento. Seu sermão não é uma série de elementos isolados num tema em comum. Na verdade, não é difícil verificar o modo como unidade sobre unidade *se fundamentam* no Sermão, expandindo e desenvolvendo o fluxo da mensagem. A parte final da ilustração sobre o construtor prudente e o construtor imprudente pode ser aplicada ao próprio Jesus, Ele que é o construtor máximo, ou Mestre. Jesus escava fundo para, com as Bem-Aventuranças e com Seu ensino, estabelecer alicerces sólidos nas qualidades da retidão do povo de Deus. Depois, Ele constrói

sobre este mesmo fundamento uma símile do estilo de vida próprio ao cristão. Há desenvolvimento a cada instante.

Em terceiro lugar, Jesus usou *ilustrações e aplicações sábias*. Convém perceber que Seu ensino não era ilustrado por histórias a respeito de si mesmo (uma característica que vem aparecendo em muitas pregações nos últimos cem anos, mais ou menos). Na verdade, as ilustrações de Jesus têm uma função muito diferente das várias ilustrações utilizadas hoje: as ilustrações de Jesus não visam entreter, apesar de algumas serem cômicas, nem visam meramente trazer a atenção das pessoas. Suas ilustrações, porém, têm o propósito de abrir a consciência do ouvinte e ajudá-lo a compreender sua real condição espiritual perante Deus. Por isso a aplicação e a ilustração andam de mãos dadas no sermão de Jesus.

Muitos de nós que ensinam e pregam fariam bem em estudar esses e outros elementos do ministério de nosso Senhor, fariam bem se empregassem tempo examinando quão fiel é a abordagem de nosso ensino à abordagem do nosso Mestre. Pode ser que este esforço seja um exercício bastante rigoroso, mas produz frutos ricos e duradouros no serviço cristão que prestamos.

Alguns características são, particularmente, bem ilustradas em Mateus 6.1–18. Jesus havia enfatizado a *qualidade* da retidão de Seus discípulos (5.20). Ele a ilustrou com base no ensino da lei de Deus; e, agora em Mateus 5.21–48, Jesus amplia o profundo significado espiritual e moral. A justiça que Deus busca está no coração. Ela não é secundária nem superficial, mas profunda e duradoura.

Quão tentador é para alguns dos ouvintes de Jesus pensar: “Que maravilha — uma justiça que é interna. Podemos deixar de lado essa coisa de disciplina. Isso é o que os fariseus pensam ser necessário para o bem-estar espiritual verdadeiro. Deixe-nos, ao invés disso, ser puros e santos em nosso interior”.

Mas Jesus não faz dicotomia entre o que é “exterior” e “interior”. O homem verdadeiramente justo manifesta sua justiça em atos justos.

Ademais, a verdadeira justiça é manifesta, diz Jesus, nas disciplinas que o discípulo mantém. Jesus as chama de “atos de justiça” (6.1). Ele não diz “cuide não realizar ‘atos de justiça’”, nem mesmo “cuidado para não realizar ‘atos de justiça’ diante dos homens”, mas, na verdade, diz “cuidado para não realizar seus ‘atos de justiça’ diante dos homens *com o intuito de ser visto por eles*”.

Ao dizer isso, Jesus nos atenta às motivações. O *porquê* de fazer algo é tão importante quanto *aquilo* que fazemos.

Jesus, além do mais, esclarece mais outro equívoco generalizado com o que é dito aqui. O princípio que Ele expõe em Mateus 6.1 é ilustrado de três maneiras diferentes: *dar* (6.2–4), *orar* (6.5–15), *jejuar* (6.16–18). Jesus aponta, naquilo que declara sobre cada uma desses feitos, que sacrifício, autodisciplina e abnegação são exigidos na vida cristã. Ele parte do princípio de que nossa vida terá de ser bem organizada, devidamente estruturada, e que alcançaremos domínio crescente sobre nossos desejos. *Jesus não supõe que isso virá “naturalmente”*; ao contrário disso, Ele as vê como atitudes intensamente deliberadas na vida daqueles que são Seus discípulos.

Atualmente, e em proporções extraordinárias, muitos cristãos se enganam achando que, para a experiência cristã significar liberdade, não mais precisamos fazer qualquer tipo de esforço a fim de sermos espirituais. Nós simplesmente “fazemos o que sentimos” e “somos nós mesmos”. Viver de qualquer outra forma — por exemplo, separar uma quantia definitiva e sacrificial de dinheiro destinada à obra do Senhor, ou guardar tempo específico durante o dia para a oração, ou deliberadamente renunciar as demais coisas ao buscar a face do Senhor — é considerado “legalismo” e “escravidão”. Jesus, no entanto, assevera que disciplinas do tipo são básicas para ao menos se ter vitalidade espiritual. E Jesus não era legalista!

Além das lições mais abrangentes que, daqui, podemos extrair, devemos, também, focar nossa atenção aos detalhes do ensino de

Jesus. Pode-se dividi-lo em três fundamentos: as ilustrações que Ele usa; o perigo espiritual que Ele descreve; e o remédio que Ele prescreve.

ILUSTRAÇÕES

Jesus nos provê três ilustrações bem vívidas: nosso relacionamento com os outros em doar; nosso relacionamento com as necessidades que temos em nossa oração; e nosso relacionamento com nós mesmos em jejum secreto. Cada uma das ilustrações aponta para o fato de que o nosso relacionamento fundamental é com Deus.

Jesus descreve um homem que é a essência da caridade — ou é isso que ele gostaria que os outros pensassem. Ele se propõe a dar um presente. Então ele contrata um músico — um trompetista. Afinal de contas, se é para ofertar aos pobres, é necessário chamar a atenção deles para prover-lhes mantimento. Por qual outra razão alguém contrataria um trompetista e daria presentes publicamente? Por que mesmo?!

Mas, Jesus diz, isso deixa de ser caridade aos olhos de Deus. Torna-se *barganha*! Esse homem não *ajuda* os pobres tanto quanto os está *usando* como muletas. Este homem já recebeu todo o seu galardão (6.2). A linguagem que Mateus usa aqui é a mesma linguagem que aparece em contratos da antiguidade. Quando os homens dão a fim de serem vistos por seus companheiros, então Deus escreve sobre de suas vidas: “Está pago”.

Hoje, não carecemos de trompetes. Em vez disso, fazemos uma coletiva de imprensa. Por que doadores (tanto aqueles que doam grandes quanto os que doam pequenas quantias) parecem sentir a necessidade de que os outros saibam de suas doações? Com certeza, o *valor doado* permanece em segredo. Afinal, ninguém deveria dar aos necessitados publicamente! As pessoas podem pensar que fizemos isso para angariar reputação.

Mesmo alguns de nós que não estão em posição de convocar uma coletiva ou emitir comunicados de imprensa ainda encontram maneiras de “deixar escapar” que doamos para “uma causa”. Às vezes, a maneira mais sutil de fazê-lo é deixar os outros saberem quantas bênçãos recebemos desde que começamos a doar certa porcentagem de nossa renda (da *renda bruta*, obviamente!). Quão sutil é o nosso desejo por reputação.

Dê!, Jesus diz. Mas quando o fizer, *esqueça-se de si mesmo*. E se *esqueça dos outros*. Mantenha aquilo que deu entre você e o Senhor, e faça-o “como para o Senhor”.

Jesus fala sobre outro homem. Ele não se envergonha de ser um homem de oração. Na verdade, ele nunca está mais feliz do que quando pode orar nas reuniões de oração. Ele, obviamente, é um “homem de oração”.

Infelizmente, porém, ele ora mais em público do que em particular. Além do mais, ele ora mais eloquentemente, mais fervorosa e intimamente em público do que em particular. Será que todo esse zelo pela oração é motivado por desejos de “ser visto pelos homens” (Mt 6.5)? Ele certamente já recebeu o que deseja.

Ore!, Jesus diz. Mas quando o fizer, *esqueça-se de si mesmo*. E se *esqueça dos outros*! Tranque-se em secreto e discretamente com o Senhor. Ele vê o que você faz em secreto e isso é tudo o que importa.

Jesus fala ainda de outro homem. Ele é conhecido por sua enorme autodisciplina. Mas espere um momento! Ele sempre parece tão melancólico por causa do grande esforço que emprega na autodisciplina? Aquela expressão em seu rosto precisa ser tão deprimente enquanto vê crianças rindo e brincando? Mesmo assim, não há como negar o quão piedoso ele aparenta ser. Ninguém nunca o viu sorrir.

Há mais de uma maneira de o hipócrita “desfigurar seu rosto” (6.16). O homem que assim deseja pode tornar conhecido o quão

difícil ele acha servir ao Senhor. Ele certamente receberá o seu galardão. E ainda serão muitos os ingênuos que cairão nessa.

Jejue!, Jesus diz. A autodisciplina do jejum é essencial na vida cristã. Mas quando o fizer, seja um ser humano normal. Tome banho. Use loção pós-barba e sorria (6.17!). Faça seu jejum perante o Senhor, não perante os homens.

O PERIGO

Estas são ilustrações vívidas. Jesus deseja salientar a Seus discípulos que há perigos na vida espiritual, quando cristãos se lhe submetem. A conversão não remove a presença do pecado do nosso coração, ainda que a iniquidade seja destronada de nossas vidas. O pecado ainda exerce engano sobre nossa mente.

Jesus certamente tinha os fariseus em mente ao se valer de tantas ilustrações verbais. Os fariseus foram “leigos” que haviam criado um movimento duzentos anos antes do ministério de Jesus. Eles sempre foram minoria na sociedade, mas aparentemente se reuniam em convenções no objetivo de fortalecer uns aos outros na grandiosa missão que tinham. Eles se preocupavam com a pureza. Santidade prática era o alvo. Em particular, a vida destes homens era marcada por boas obras de caridade, oração habitual (três horas diárias) e dízimo. Eles eram, em essência, um “movimento de santidade”, como o nome fariseu (“o separado”) sugere.

A visão que Jesus tem dos fariseus deveria servir de alarme para os cristãos evangélicos. Provavelmente haja uma tentação especial da qual aqueles que são zelosos por vidas santas podem tornar-se presas: retendo a aparência externa de vida espiritual, enfatizando a importância de supostas “marcas da graça”, mas carentes do poder e da graça de Deus. Muitos cristãos têm um bom começo na busca por vidas santas, à semelhança dos fariseus, mas, com o passar do tempo, tornam-se iludidos pelo desejo de ganhar reputação perante os homens, em vez de tê-la perante Deus.

Aqueles homens tornaram-se hipócritas (6.2, 5,16). A palavra grega que Mateus usa aqui — *hupokritēs* — dá luz ao que Jesus está dizendo. É uma palavra pertencente ao mundo do teatro, e sugere a natureza do problema que homens assim apresentam. A religião deles era teatral, não genuína.

No drama do mundo antigo, uma parte importante da peça de teatro era preenchida pelo coro [*chorus*]. Assim como se dá em óperas e musicais, o papel do coro era tecer comentários acerca do que estava sendo apresentado pela peça. Na verdade, o *hupokritēs* era “aquele que respondia ao coro”. Foi exatamente isso o que os fariseus começaram a fazer. Os feitos religiosos destes homens haviam deixado de responder a Deus; ao invés disso, seus olhos se voltaram ao “coro” da opinião dos homens.

No teatro antigo, os atores não usavam maquiagem, mas vestiam máscaras, representando os papéis interpretados. Que imagem viva isso nos dá a respeito do hipócrita. Ele finge ser uma coisa, enquanto o tempo todo é algo completamente diferente. As atitudes externas dão a entender que todo o seu coração está centrado no Senhor, enquanto seus desejos íntimos estão focados no reconhecimento e no louvor de homens.

É fácilmo esconder a hipocrisia, porém o difícil é tratá-la. A hipocrisia está profundamente arraigada no coração humano, sendo-nos possível identificá-la no modo como reagimos ao louvor ou à crítica. Podemos, com muita modéstia, usar de todas as palavras espirituais *corretas* quando somos elogiados por nosso serviço, ainda que no íntimo estejamos como homens sedentos. Podemos receber críticas em aparente humildade, enquanto internamente fervemos de ressentimento e determinamos jamais esquecer a dor que nos causaram. Em ambos os casos, esquecemo-nos de que a única coisa que importa é o que Deus pensa.

O REMÉDIO

Por que os homens sofrem essa transformação? Por que *nós* nos tornamos assim? Muitas respostas podem ser dadas a essa pergunta.

Deixamos de compreender e lidar com o nosso próprio coração, um dos erros mais frequentes cometido por cristãos. Tornamo-nos vítimas daquilo que o Novo Testamento chama de o “engano do pecado” (Hb 3.13).

Como o pecado nos engana? Deixamos de levar a sério sua presença contínua em nosso coração e, conseqüentemente, tratamos o ensino bíblico, que o pecado deve ser mortificado em nossos corações por meio do poder do Espírito, com brandura (Rm 8.13).

Precisamos manter nosso coração bem seguro, a fim de que não caiamos no farisaísmo. Começamos a tomar gosto por ter “reputação”, deixando de ver o que somos em secreto perante Deus (Mt 6.6) como algo tão vital.

No contexto do Sermão do Monte, Jesus aponta uma razão totalmente diferente para a hipocrisia espiritual que Ele vê nos fariseus. Note que, em Mateus 6.1–18, Deus é chamado de “Pai” em dez ocasiões diferentes. Durante essa parte do sermão, nosso Senhor afirma que o verdadeiro problema com o coração do hipócrita é o desconhecer a Deus como seu Pai celestial! O homem embebido em hipocrisia é *inseguro* perante Deus e, portanto, busca segurança no que os demais pensam a seu respeito. Ele é falaz no portar-se diante dos homens, pois não tem um relacionamento verdadeiro com Deus.

Quanto mais você lê as narrativas dos Evangelhos, mais se convence de que este foi o motivo principal para a controvérsia de Jesus contra os fariseus. Não, Jesus não era avesso às disciplinas da vida cristã. A razão pela qual Ele reservou Suas mais fortes condenações para os fariseus (Mt 23) foi porque eles distorceram o caráter do Seu Pai, e O transformaram em um tirano, um senhor de escravos que nada faz senão impor fardos e restrições sobre o Seu

povo. Ao distorcer a imagem de Deus, os fariseus “[fecharam] o reino dos céus diante dos homens” (Mt 23.13). Eles não conheciam a Deus na posição de Pai e odiavam o pensamento de que Ele devesse expressar misericórdia a transgressores da lei.

A parábola que conhecemos pelo nome “O Filho Pródigo” trata desse tema. Ela ocorre no seguinte contexto: “E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles” (Lc 15.2). A atitude dos fariseus para com os pecadores é contrastada com a atitude do pai. Enquanto o pai recebeu o filho pródigo de braços abertos e demonstrações de perdão e amor, o filho mais velho “se indignou e não queria entrar” na festa do seu pai (Lc 15.28). Apesar dos apelos feitos pelo pai, o irmão mais velho retrucou “*Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua*” (Lc 15.29).

Da mesma forma, os fariseus pensavam ser Deus um senhor de escravos, e não um Pai. Eles jamais estiveram em relacionamento gracioso com Ele, e queriam ter certeza de que ninguém mais o teria também.

Jesus proferiu palavras poderosas contra os fariseus: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!” (Mt 23.15). Eles distorciam a verdade acerca de Deus o Pai e, logo, inibiam os homens de conhecer Sua graça e Seu perdão. Os fariseus eram desprovidos de graça, e, conseqüentemente, condenados, levando consigo outros para o inferno. Não é de admirar que nosso Senhor estivesse irado.

Sentir-se inseguro na presença de Deus, enxergá-lo como um senhor de escravos, um tirano remonta à história muito antes dos fariseus. Eles tomaram partido com Satanás, aderindo à visão que o diabo propôs ainda no Jardim do Éden: “Deus colocou vocês nesse jardim magnífico, mas Ele deseja fazê-los escravos, Deus intenta restringir a vida e a liberdade de vocês, afinal Ele os proibiu de comer de *qualquer* uma das árvores do Jardim” (ver Gn 3.1).

Mas era *mentira*. Deus deu a Adão e Eva liberdade para desfrutar de todo o jardim, proibindo-os somente de tomar o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (ver Gn 2.16-17). O Senhor era um Pai para o homem, generoso e provedor de bênçãos. Ainda assim, Satanás insinuou que Deus era avarento.

Os fariseus pensavam da mesma forma a respeito de Deus. Estes homens “se escravizavam” presumindo que, assim, barganhariam determinada posição aos olhos de Deus. Tragicamente, o fariseu realmente não conhecia quem Deus é em verdade. Eles *subtraíram* a graça do Pai. Por isso, na parábola do filho pródigo, o irmão é retratado odiando o pai, odiando a graça do pai e odiando seu irmão que havia se perdido.

A visão dos fariseus acerca de Deus é compartilhada naturalmente por toda a raça humana. Mesmo os discípulos de Jesus por vezes encontraram essa ideia vagando, insistente, no coração deles. E quando essas ideias vêm, Satanás faz todo o possível para intensificá-las. É por isso que, vez após vez nesta seção, Jesus se refere a Deus como “vosso Pai”. Nunca escaparemos da escravidão espiritual até que estejamos completamente convencidos disso. Somente quando conhecemos a Deus como ‘Pai’ estamos seguros em Sua presença e comunhão.

O hipócrita busca recompensa. Ele encontra segurança no reconhecimento de homens. Mas esse é todo o galardão que receberá, diz Jesus.

Em contraste, o discípulo não perde o galardão, uma vez que seu desejo é ter o reconhecimento do Pai. Quando dá porque ama seu Pai, ou ora porque confia nele para sustentar suas necessidades, ou jejua porque deseja submeter todo o seu ser à vontade do Pai, o discípulo recebe seu galardão: “E teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Mt 6.4, 6, 18).

Por qual tipo de recompensa você está buscando? A resposta dependerá daquilo que você pensa a respeito de Deus — você o vê como um senhor de escravos ou como seu Pai?

11

COMO ORAR E VIVER

MATEUS 6.9–15

Mt. 6 ⁹ Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; ¹⁰ venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; ¹¹ o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; ¹² e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; ¹³ e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]! ¹⁴ Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; ¹⁵ se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

* * *

Jesus, no capítulo 6 de Mateus, deixou claro que a influência mais importante sobre o viver cristão é *aquilo que pensamos a respeito de Deus*. Para Jesus, a *teologia* (a ideia que sustentamos acerca de quem Deus é) determina a *prática* (a forma como vivemos). Mais especificamente, Jesus enfatiza quão importante é, para nós, pensar em Deus como Pai e conhecer o relacionamento íntimo entre Pai e filho. J. I. Packer dá um bom resumo em seu livro *O Conhecimento de Deus*:

Pode-se resumir todo o ensino do Novo Testamento em uma única frase, basta descrevê-lo como a revelação da Paternidade do Santo Criador. Da mesma forma, pode-se resumir toda a religião neotestamentária, quando descrita aos moldes do conhecimento de Deus enquanto Pai Santo. Se você deseja julgar quão bem alguém compreende o cristianismo, descubra o

*quanto ele pensa em ser filho de Deus e ter Deus como Pai. Se esse não é o pensamento que conduz e controla a adoração, a oração e a perspectiva de vida desta pessoa, significa que ela não compreende tão bem assim o cristianismo.*¹

É justamente isso o que Jesus diz em Mateus 6 ao expor a religião dos hipócritas e pagãos chamando-a pelo devido nome: ignorância acerca de Deus. A maneira como falam quando em oração salienta o fato de que eles não conhecem a Deus como Pai. O contraste entre tais homens e alguns de nós, aqueles que pertencem ao reino de Deus, é o conhecer ao Grande Rei na posição de Pai celestial.

Todo esse conceito é, em certo sentido, familiar aos cristãos. Apesar disso, conforme essa seção do sermão de Jesus nos mostra, é possível que nós mais *presumamos* a paternidade do que a *experimentemos*. Assim não fosse, nossa vida cristã teria qualidades mais graciosas, mais alegres, mais estáveis e mais cuidadosas, como um todo. Em especial, saberíamos melhor o que significa *orar*. Em vez de nos escondermos de Deus por detrás de nossa hipocrisia (como os fariseus) ou desconfiarmos dele em ansiedade (à semelhança dos pagãos), lançaríamos todas as nossas ansiedades sobre Ele, sabendo que tem cuidado de nós (1Pe 5.7).

Certamente há uma questão paradoxal aqui. Mesmo sendo cristãos, temos um instinto de nos escondermos do Pai, porque Ele é o Grande Rei e porque ainda somos pecadores. Os pais terrenos sabem que seus filhos às vezes ficam envergonhados pelo que fizeram, escondendo segredos por medo; não obstante, sendo pais, compreendem que seus filhos merecem ser castigados. Além disso, a vida é incerta e cheia de aflições. Costumamos ficar ansiosos. E até que sejamos conduzidos ao reino da glória, experiências que possam suscitar ansiedades serão parte integrante de nossa vida. Enquanto isso for verdade, chegar-se ao Pai nos envolverá num conflito estranho: a dor e a vergonha da falha misturar-se-ão ao gozo e alívio de Sua graça grandiosa.

É por essa razão que os membros da igreja primitiva introduziam a Oração do Pai Nosso com as palavras “Conceda que possamos *ousar* chamá-Lo de Pai e dizer “Pai Nosso” (Liturgia de S. Crisóstomo). Eles reconheciam o paradoxo que há na comunhão com Deus, isto é, ao mesmo tempo que suas orações significavam pesar pelo pecado, exprimiam também alegria pelo perdão e graça. A oração envolve grande esforço, mas não é o esforço para persuadir a Deus. Pelo contrário, é o esforçar-se por ser controlado por Deus, abandonando os lugares escuros e secretos onde temos escondido a verdade a respeito de quem somos e depositando toda a nossa vida diante dele.

Jesus sabia disso e, portanto, ensinou Seus discípulos a orarem o que chamamos de “A Oração do Pai Nosso”. Ela serve a dois propósitos. Em primeiro lugar, provê uma oração modelo, um esboço de fácil memorização, ensinando-nos o modo como devemos nos aproximar de Deus enquanto Pai e a forma pela qual devemos falar com Ele. Em segundo lugar, serve de esboço para a vida cristã em sua completude, fornecendo alguns “pontos estabelecidos” de interesse à família de Deus. Ela destaca as prioridades da vida e nos ajuda a colocá-las em foco.

(Às vezes, os cristãos criticam o título “A Oração do Pai Nosso”, alegando que o próprio Jesus não o utilizou. Afinal, Ele não teria pedido perdão por Suas dívidas, uma vez que jamais teve pecado. Mas esse tipo de pensamento não compreende o significado do título, o qual não sugere que Jesus *tenha orado* estas palavras, mas *as ensinado*.)

A oração aqui descrita centraliza cinco conceitos: a *adoração* ao Pai, o *reino* do Pai, o *sustento* do Pai, a *graça* do Pai, e a *proteção* do Pai.

A ADORAÇÃO AO PAI

Nas petições iniciais da oração, Jesus une duas ideias, verdadeiras *somente* aos filhos do reino: a intimidade dos filhos e o

acesso ao Grande Rei. Aquele a quem oramos está nos céus e, ao mesmo tempo, é “nosso Pai”. Toda a adoração que prestamos flui dessas poucas palavras, as quais, por sua vez, enchem-na do esplendor e da alegria pertencentes ao verdadeiro louvor e adoração.

Jesus enfatiza categoricamente a grandeza de Deus em Sua glória celestial, naquilo que, por vezes, chamamos de a distinção Criador-criatura: Ele está no céu, nós, na terra; Ele é celestial, nós, terrenos; Ele é eterno, enquanto somos Suas criaturas, criadas por Ele e dependentes dele para cada respirar. É por isso que oramos “Santificado seja o vosso nome”. Não é porque o nome de Deus possa ser mais santificado do que já é, mas porque somos lembrados do quanto precisamos do auxílio divino para que possamos conhecer quão Santo, ou separado, de nós Ele é na verdade. Sim, de fato, precisamos mesmo da ajuda de Deus no ato de vir a Ele com a sensação de espanto e admiração, consciência esta apropriada ante Sua glória.

Concomitantemente, *ousamos* chamá-lo de Pai! Sabemos que Ele está próximo e cuida de nós de maneira especial por ter-nos dado uma vida, como Aquele que nos criou, e por ter-nos conferido a nova vida, como nosso Salvador. Todo cristão confessa ao Senhor: “Tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe” (Sl 139.13). Mas também devemos confessar que, quando estávamos espiritualmente mortos, o Senhor nos trouxe à vida (Ef 2.15) dando-nos um novo nascimento (1Pe 1.23). Somos Seus filhos, somos privilegiados.

Além disso, as palavras desta oração jogam luz à comunhão e à natureza corporativa da vida cristã. Oramos “Pai nosso”, e não “Meu pai” — não unicamente porque Jesus orou “Meu Pai” e portanto devemos, nisso, nos distinguir dele, mas para nos lembrar de que compartilhamos dos privilégios espirituais com todo o povo de Deus. Esse fator, por si só, aumenta os privilégios que recebemos.

Note a harmonia do ensino aqui exposto. Este contém três elementos: *intimidade* (“Pai”), *adoração* (“nos céus”) e *comunhão* (“nosso”), estabelecendo, desse modo, o tom para o viver cristão, especialmente para a nossa oração. Não vivemos em intimidade com Deus de forma a destruir nossa reverência por Ele ou a nos isolar de nossos companheiros cristãos. Se gravássemos essas poucas palavras sobre toda a nossa vida, sua verdade e seu poder transformariam nosso relacionamento com Deus, conosco e com os demais.

Essas são palavras que, também, voltam nossa atenção à glória de Deus, à santificação de Seu nome. Isso inclui o nosso falar. Não pisamos o nome de Deus usando-o levianamente. Se agirmos assim, demonstraremos que não o conhecemos verdadeiramente. Quem faria maldição do nome de alguém que admira e ama? É algo inimaginável.

O cerne da questão, porém, vai muito além do que falamos, atingindo o que o nosso falar significa. Aqui, oramos para que Deus seja glorificado em todas as coisas. Reconhecemos, nas palavras do *Breve Catecismo*, que “o fim principal do homem é glorificar a Deus e deleitar-se nele para sempre”. Com estas palavras, estamos na verdade gravando sobre nossas vidas: “Senhor, que em tudo que eu fizer e disser se mostre a Sua glória, como meu Pai celestial, e que todos os meus pensamentos estejam focados naquilo que traga honra ao Seu nome”.

E se esta é a verdade, você consegue ao menos dar início a essa oração? Enquanto Martinho Lutero subia a *Sancta Scala* (a suposta escada que Jesus subiu para ser julgado perante Pilatos) e citava a oração do Pai Nosso de joelhos, Lutero não conseguia passar das palavras “Tua vontade”. Podemos, no entanto, chegar até elas em nossa oração? Sim, mas somente se nossa vida for entregue à glória de Deus!

O REINO DO PAI

O segredo do reino de Deus é que ele é regido pelo Pai. A partir do amor e zelo que temos por Sua glória, oramos para que venha o reino.

Temos visto que há uma realidade já vigente a respeito do reino de Deus. Sim, ele veio na Pessoa de Jesus, mas, em certo sentido, ainda não veio em toda a sua glória. Ainda aguardamos seu desabrochar completo. Vivemos, no agora, entre a inauguração e a consumação do reino. Assim, oramos para que o reinado celestial, já estabelecido, se manifeste mais e mais por toda a terra, até que venha aquele dia, quando “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15).

Muitos cristãos do Novo Testamento estavam mais conscientes do que significa a vinda do reino, mais do que nós estamos hoje. Na verdade, o ensino de Paulo (bem como o de Jesus) é majoritariamente dominado por esse pensamento: devemos viver como aqueles que, embora já tenham experimentado verdadeiramente o poder do reinado de Cristo, ainda aguardam por sua consumação. Porque vivemos “entre as eras”, nós batalhamos, trabalhamos, nos empenhamos e, às vezes, lutamos com grande esforço.

Somos aqueles que receberam o Espírito de Cristo e Seu reino (Rm 8.9), e esta é justamente a razão pela qual temos de lutar com golpes de morte contra o pecado que ainda resta em nossas vidas (Rm 8.13). Já recebemos o espírito de filhos (Rm 8.15) e sabemos que somos herdeiros juntamente de Cristo (Rm 8.17), mas porque pertencemos à família de Deus, devemos compartilhar de seus sofrimentos. Por isso — justamente porque já temos o Espírito de Cristo — “gememos” enquanto esperamos pelo dia quando o reino de Deus será estabelecido completa e definitivamente (Rm 8.23).

Isso, então, é o que está por detrás do que Jesus quer nos dizer quanto ao orar com diligência: “venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. Pense no que isso quer dizer.

1. *Curvando-se aos propósitos soberanos de Deus.* Jesus não só ensinou Seus discípulos a orar “Seja feita a tua vontade”, mas estabeleceu o reino orando essas palavras no Getsêmani, quando aceitou “o cálice” que Seu Pai estava lhe dando para beber (Mt 26.39). Para Jesus, buscar primeiro o reino de Deus, orando para que fosse vindo, significava suportar a cruz, morrer por pecadores e, assim, submeter-se em completa obediência a Deus.

Desta forma, Jesus dá a conhecer o coração da petição feita na oração ensinada aos discípulos. Porque Deus estabelece o Seu reino por meio da cruz, primeiramente mediante a morte de Cristo na cruz e então pelos discípulos de Jesus seguindo-o e tomando cada um a sua cruz diariamente. Diferente dos reis deste mundo, Deus estabelece o Seu reino por meio do sofrimento, através da abnegação e do servir! Orar pelo Reino significa comprometer-se ao caminho da cruz.

2. *Buscando a propagação do Evangelho.* O reino de Deus vem ao interior do homem, mas os seus também pedem que ele se propague exteriormente — geograficamente. A oração do Pai Nosso é uma oração *missionária*. Sendo uma oração modelo, ela nos ensina a priorizar a propagação do Evangelho (e, talvez, mesmo o apoio a missões internacionais, cujo serviço já *inclui* o evangelismo local — modificando, assim, ainda mais a escala de prioridades pelas quais somos responsáveis) sobre nossas necessidades pessoais.

Em certo sentido, já é algo implícito nas palavras que Jesus nos ensina a usar em comunidade: “Pai Nosso”. Não podemos nos dirigir a Ele dessa forma sem reconhecer que pertencemos à família que abrange todo o globo, dos tempos passados ao futuro adiante. É interessante que durante a última oração que fez com os discípulos antes de passar por Sua paixão, o próprio Jesus orou da seguinte forma: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra” (Jo 17.20).

O próprio Jesus, um missionário enviado ao mundo pelo Pai, ora por outros missionários e *por aqueles que creem por meio destes*. Quantas e quantas vezes nossas orações missionárias são feitas somente por nossos missionários e trabalhadores! Se realmente seguíssemos o exemplo de Jesus orando esta petição, não desejaríamos conhecer mais intimamente e orar mais intensamente por aqueles que são trazidos à nossa família por meio de nossos irmãos e irmãs?

3. *Buscando a vontade de Deus nas Escrituras*. Quando oramos para que a vontade de Deus seja feita, não nos comprometemos cegamente a um “permitir que coisas aconteçam”, entregando-se ao fatalismo, ao *que será, será!* Não, orar para que a vontade de Deus seja feita diz respeito a buscar e, por conseguinte, fazer Sua vontade. Em poucas palavras, descobrimos a vontade divina para nossa vida quando nos familiarizamos com a vontade revelada de Deus nas Escrituras e, subsequentemente, desenvolvemos sua sabedoria aplicando o ensinamento bíblico às diferentes situações e experiências do nosso viver.

Novamente, percebamos que Jesus é o nosso modelo. Os Evangelhos apontam que Ele enxergou a vontade de Deus para a Sua própria vida ao aplicar-lhe o ensino do Antigo Testamento. Quando tentado por Satanás no deserto, Ele confiou na vontade de Deus revelada nas Escrituras (e aplicou-a corretamente — diferente do uso que Satanás fez das Escrituras).

Durante todo o ministério, Jesus aplicou a si mesmo a descrição profética que Isaías deu do Servo do Senhor (Is 42.1–8, 49.1–7, 50.4–11, 52.13–53.12), e as profecias de Sua morte (p. ex., 26.24, 31, 54, 56). Poucas coisas são mais óbvias a respeito da vida de Jesus que o fato de Ele ter sido alguém entregue às Escrituras. Quando orou “Seja feita a tua vontade”, no jardim do Getsêmani, Jesus sabia — a partir das Escrituras — o que isso significaria.

Você tem seguido este exemplo? É um ponto-chave para se conhecer a vontade de Deus a fim de lhe ser obediente. Esse é o

segredo para se compreender o direcionamento do Senhor, como John Newton bem sabia:

*Como, então, devemos aguardar pela orientação do Senhor ? (...) De modo geral, Ele guia e direciona o Seu povo, dando-lhes, em resposta à oração, a luz do seu Santo Espírito, que os capacita a entender e a amar as Escrituras. A Palavra de Deus não deve ser feita loteria, nem é seu propósito instruir-nos por partes soltas e fragmentos, os quais, se separados de seus devidos lugares, não têm importância definida; mas a Palavra de Deus deve nos munir de princípios justos, compreensões corretas a regular nosso julgamento e afeições, para, por conseguinte, influenciar e direcionar nossa conduta.*²

É desta forma que somos capazes de orar conscientemente “Seja feita a tua vontade”.

4. *Orando pela volta de Cristo.* A vinda do reino e o retorno do Rei são indissociáveis. Quando oramos “Venha o teu reino”, pedimos ao Pai que Ele faça o que certamente sabemos que fará — trazer a história da raça humana ao desfecho e inaugurar a nova era de Sua glória.

Os filhos de Deus são os únicos que podem ter essa visão do futuro. Somente o cristão pode ser otimista a longo prazo, de modo a estar livre das mais variadas ansiedades debilitantes, pois este sabe que sua vida e a história do mundo têm um destino final controlado por Jesus Cristo (ver Ap 5). Essa expectativa influencia a maneira como vivemos no aqui e no agora. Ninguém pode orar corretamente “Venha o teu reino” ou “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22.20) sem antes conformar sua vida à vontade de Deus *no aqui e no agora*.

A bem da verdade, esta é a aplicação mais frequente da volta do Senhor ensinada no Novo Testamento (veja, por exemplo: Mc 13.32–37; 1Co 15.58; 1Ts 5.1–11; 2Pe 3.8–14). Vez após vez, vemos que todas as facetas envolvidas na oração “Seja feita a tua

vontade” envolvem submissão ao Senhor Jesus Cristo no aqui e no agora.

O SUSTENTO DO PAI

Há muito tempo, os cristãos perceberam que uma ordenança clara na oração do Pai Nosso se faz presente. Seu foco inicial é Deus e Sua glória, e somente após isso ela se volta ao homem e suas necessidades.

Há uma razão óbvia para isso: Deus e Seu reino sempre devem ter prioridade sobre o homem e suas necessidades. É, sem dúvida, um ponto a ser enfatizado, mas jamais declarado isoladamente de outra verdade bíblica. Uma vez que o homem foi criado para a glória de Deus, ele nunca cumprirá seu propósito até que sua vida esteja devidamente centralizada na glória de Deus. A menos que nosso modo de ver a vida *esteja* devidamente focado, esta como um todo sempre estará um tanto distorcida. Jesus deixa isso vividamente claro mais adiante em Seu sermão (Mt 6.22–23).

Assim, a glória de Deus não é roubada pela vida do homem. Pelo contrário, Sua glória é o sol ao redor do qual toda a vida deve girar em torno, se é a luz e a vida de Deus que pretendemos experimentar. Porquanto fomos feitos para a Sua glória, seremos sempre seres deficientes, enquanto não servirmos ao propósito para o qual fomos criados e não vivermos de acordo com as instruções do Criador.

À luz disso, somos encorajados a orar por nosso “pão de cada dia”. Longe de ser banal, é uma oração intimamente relacionada à glória de Deus. Nosso comer e beber — tudo o que fazemos — deve ser “para a glória de Deus” (1Co 10.31).

No mundo ocidental, tornamo-nos tão acostumados à extraordinária afluência da qual gozamos que, para muitos de nós, essa petição perdeu poder. E deu-se simplesmente porque perdemos a visão bíblica do cotidiano. A comida que comemos é

nossa só porque Deus sustenta o universo e nos dá sementeira e colheita. Mais do que isso, a comida que comemos nos *nutre* somente porque Ele nos dá de Sua bênção. Hoje, mais do que nunca, reconhecemos que “somos o que comemos”! Até o mais abastado de nós, portanto, precisa orar para que, em Sua providência, Deus torne a comida (*e, juntamente, nossas refeições*) em ocasiões de bênção e força.

Sem sombra de dúvidas, inclui-se nesta petição a oração que fazemos pedindo para que Deus abençoe o que comemos. Mas, novamente, o significado desta oração se estende ainda mais, apesar de estar um pouco escondido pela tradução comum “nosso pão de cada dia”.

Muitos estudiosos acreditam que as palavras traduzidas por “de cada dia” não significam “*hoje*”, mas “*amanhã*”. A tradução “de cada dia”, embora não seja incorreta, é um tanto vaga e imprecisa. Neste caso, o que nós oramos é pelo “pão de amanhã”, e não somente no sentido material da comida e bebida, mas no mais profundo sentido da comida para o “amanhã” de Deus. Estamos, com efeito, pedindo que as bênçãos dos últimos dias sejam-nos dadas no hoje!

Em outra parte do Novo Testamento, descobrimos que a Igreja recebeu a resposta para esta oração. Ela é a comunidade à qual “os fins dos séculos são chegados” (1Co 10.11) e que “provou a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” (Hb 6.5). Apesar de o reino de Deus ainda não ter vindo em sua completude, já agora somos encorajados a pedir por seu poder em nossa vida mediante o Espírito Santo.

Embora seja improvável que Jesus esteja, aqui, se referindo ao pão da Ceia do Senhor, a ocasião nos provê a mais vívida ilustração sobre o que Ele quer dizer em Sua oração. Na Ceia do Senhor, recebemos o pão e o vinho — alimentos ordinários —, mas, ao recebê-los, nosso coração é levado para além do significado alimentício representado por estes signos, e temos comunhão com Cristo. Esta é somente uma antecipação da futura comunhão que

teremos com Ele. É o “pão de amanhã” provado hoje, por assim dizer. Tal é a promessa do nosso Senhor ao Seu povo para o *aqui-e-agora*: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3.20).

Mesmo que tenhamos toda a comida do mundo, não tendo Cristo por fim morreremos de fome. Mas se com Cristo temos alimento, então temos tudo do que precisamos. Porque carecemos de *ambos*, oramos diariamente “o pão de cada dia dá-nos hoje”.

A GRAÇA DO PAI

Por vezes somos instados a orar alegando-se que a oração consiste em algo “fácil”. Mas não há nem sequer menção disso nas Escrituras. É verdade, não precisamos obter *méritos* para entrar na presença de Deus. Decerto, achegamos-nos a um Deus que é o nosso Pai. Mas também é verdade que nos achegamos enquanto conscientes de que carregamos conosco nuvens de pecado contra Ele, que não poucas vezes já apagaram o brilhar de Sua graça sobre nós. Sugerir que a oração deve sempre ser algo fácil aos olhos do pecador é, portanto, ingenuidade e um modo de pensar contrário aos preceitos bíblicos.

Jesus é mais realista, ensinando Seus discípulos a orar “Perdoa-nos as nossas dívidas”. Ele sabe que nos achegamos ao nosso Pai com o fardo e a dor irritante da culpa. Jesus nos ensina a manter o que antigos cristãos chamavam de “prestação de contas com Deus”. Pedimos por perdão. Damos nome às dívidas que, conscientes, sabemos ter, não mais tentando escondê-las do Senhor em nossa tolice. Nós as admitimos trazendo-as à tona, mencionando-as pelo nome em Sua presença e pedindo que sejamos perdoados.

Jesus, todavia, ainda acrescenta uma condicional à petição: “Perdoa-nos as nossas dívidas, *assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*”. Isso é tão importante que Ele prossegue: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também

vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (6.14–15).

Jesus quer dizer que para *recebermos* perdão dependemos de *concedê-lo*? Isso soa contraditório a todo o restante do Novo Testamento. Mesmo assim, Jesus assevera que se não perdoarmos ao nosso próximo, não se pode ter o perdão de Deus.

A chave para compreender o ensino de Jesus está em reconhecer que não recebemos o perdão divino *porque* perdoamos aos que nos ofendem, mas porque nos lançamos à misericórdia de Deus. Ainda assim, não podemos receber perdão sem perdoar. O homem que profere as palavras “Perdoa-nos as nossas dívidas” mas não perdoa as dívidas do próximo, nem ao menos entendeu o peso do seu próprio pecado. Se houvesse entendido, à luz de ter seus pecados perdoados, ele estaria pronto a perdoar o seu irmão “setenta vezes sete vezes” (Mt 18.22).

Caso as palavras “assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” travem em nossas gargantas, se elas não podem ser ditas sem que os nomes e rostos daqueles a quem nos recusamos perdoar venham à mente, então a primeira parte de nossa oração “Perdoa-nos as nossas dívidas” cai por terra. Ambas as partes são indissociáveis, pois o homem que sabe o que e quanto deve diante de Deus, enquanto volta-se a Ele por perdão é o recipiente de tamanha graça, de modo a ser, inevitavelmente, impulsionado a compartilhá-la com os demais. Uma vez que Deus nos amou, devemos nós também nos amarmos uns aos outros com o amor demonstrado pelo perdão (1Jo 4.11).

A última petição na oração do Pai Nosso estabelece que os filhos de Deus compreendem suas fraquezas e vulnerabilidades e, portanto, buscam a proteção de Deus contra o mal. Mas os detalhes desta petição final exigem estudo detalhado. Pedir que não sejamos conduzidos à tentação implica que Deus possa nos conduzir a ela?

O que significa ser conduzido à tentação? E o que está envolvido em ser liberto do mal, ou do maligno?

A chave para compreendermos essa petição será encontrada na experiência pessoal do nosso Senhor. No capítulo anterior do Evangelho, Mateus registrou a tentação do próprio Jesus (4.1–11). Essa é uma passagem de várias características únicas, sendo que parte desta narrativa provavelmente veio dos lábios do próprio Jesus. Aparentemente, ninguém esteve com Ele durante esse longo período de jejum e tentação. A intensidade do conflito que experimentou deve ter sido compartilhada com os discípulos depois do ocorrido. Visto ser assim, a síntese usada no relato de Mateus (ver Lc 4.1–2) deveria ser compreendida como a própria interpretação de Jesus do que aconteceu: Ele foi “*levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo*”. Sim, o diabo tentou a Jesus, mas, mesmo naquele contexto, Ele foi levado pelo Espírito de Deus.

É difícil evitar a conclusão de que Jesus está nos ensinando aqui a orar para que sejamos protegidos desse tipo de experiência. Além do mais, tal prova foi a precursora do maior teste ao qual o diabo submeteu a Jesus mais tarde, ao retornar em momento mais oportuno (Lc 4.13), quando o próprio Jesus disse que as “trevas reinam” (Lc 22.53). Assim como o batismo no Rio Jordão prefigurou Seu batismo em sangue na cruz, a prova por qual passou no deserto antecedeu o terrível teste que Ele enfrentaria no Getsêmani e no Calvário.

Devemos orar para que sejamos libertos do Maligno durante o agora e guardados da provação completa contra nossa vida, suas investidas; que sejamos protegidos de provação tão terrível, ou se, na providência divina, tivermos de enfrentá-la, que sejamos protegidos com a armadura de Deus (Ef 6.10–20).

A Escritura descreve com grande vivacidade os elementos da provação. Isso nos lembra de que estamos expostos à influência do mundo, da carne e do diabo. Podemos, pela graça de Deus,

combater a carne ou o mundo e seus atrativos, e, na força de Cristo, até mesmo o diabo. Mas a provação final nos confronta quando os três conspiram juntamente.

Quem é capaz de permanecer em pé quando o pecado que reside em nós é incitado pelas tentações do mundo e por pessoas mundanas, e intensificado pela atividade de Satanás, tanto nos estimulando ao pecado como escondendo suas terríveis consequências de nós? Este é o “dia mal” que Paulo expõe, para o qual necessitamos de “toda a armadura de Deus”, se desejamos permanecer firmes. O dia mal é, em si, uma sombra da última batalha do reino de Deus, a derradeira, aquele dia mal escatológico, dia este em que se concentram nossas orações para que dele sejamos poupados.

Jesus nos insta a orar para sermos libertos, assegurando-nos que nosso Pai tanto deseja como é capaz de nos livrar. Sabemos, junto a Paulo, que “O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (2Tm 4.18).

Somos fracos, mas Ele é forte. O cristão que não conhece sua própria fraqueza não pode, portanto, fazer essa oração nem experimentar a força de Deus. O cristão, porém, que conhece sua própria fragilidade e sendo uma pessoa de *oração*, será guarnecido pela força do Senhor. Não é de admirar que a igreja primitiva acrescentou sua própria doxologia à oração do Senhor:

Pois Teu é o reino
E o poder
E a glória
Para Sempre.
Amém.

- [1](#) J. I. Packer. *Knowing God*. London, Hodder and Stoughton, 1973. p. 182.
- [2](#) *The Letters of John Newton*. p. 81-2.

12

QUADROS DE ANSIEDADE CURADOS

MATEUS 6.19–34

Mt. 6 19 Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; 20 mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; 21 porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. 22 São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; 23 se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! 24 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. 25 Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? 26 Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? 27 Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? 28 E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. 29 Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. 30 Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? 31 Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? 32 Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; 33 buscai, pois,

em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. ³⁴ Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

* * *

A princípio, parece estranho Jesus ter desenvolvido Seu sermão tratando primeiro a respeito da *hipocrisia* e, depois, da *ansiedade* no capítulo 6 de Mateus. Mas é exatamente o que Ele faz. Se o tema dos versículos 1–18 é “Não seja como os hipócritas”, o tema da seção seguinte é “Não sejam ansiosos. Não há necessidade de se preocupar” (6.25, 28, 31).

No entanto, poucos instantes de reflexão já nos mostram que há uma lógica clara nesse ensinamento de Jesus. Hipocrisia e ansiedade não estão tão distantes quanto pensamos. A *causa* de ambas é similar, bem como a *cura* para ambos estes males.

Por que as pessoas ficam ansiosas? Em parte, pela mesma razão por que tornam-se hipócritas: elas se voltam para si mesmas, e não para Deus. No caso do hipócrita, a preocupação consiste em ser visto pelos outros; com a pessoa ansiosa, a preocupação é suprir suas próprias necessidades. O hipócrita e o ansioso provavelmente têm mais alguma coisa em comum. Nenhum deles compreendeu de fato a graça de Deus.

A cura para a hipocrisia é, como já vimos, reconhecer que nosso Pai conhece, vê e compreende nossa vida. Ele cuida de nós e nos aceita como somos em Cristo. Seu plano é transformar-nos, mas essa transformação só nasce quando somos aceitos por Ele (graça), e não por sermos de algum modo transformados, para que possamos ser aceitos (mérito). A cura para a ansiedade é a mesma, como Jesus deixa bem claro nesta seção do sermão. Em especial nos versículos 25–32, Jesus reitera a confiança que podemos ter em nosso Pai e em Sua provisão perfeita para todas as nossas necessidades.

O ensino de Jesus, portanto, não é o “poder do pensamento positivo”. A pessoa ansiosa não vê a vida simplesmente por uma perspectiva *negativa*. O problema é muito mais radical. Pessoas ansiosas pensam sobre a vida *fora da teologia*! O erro delas não é a baixa auto-estima, mas é que “em todos os seus pensamentos não há espaço para Deus” (Sl 10.4). A conquista sobre a ansiedade só se dará quando a pessoa ansiosa novamente priorizar o Senhor.

Podemos desenvolver mais detalhadamente a questão examinando o diagnóstico que Jesus deu daquilo que vem a causar ansiedade e, em seguida, Sua prescrição para a cura.

O DIAGNÓSTICO DE JESUS

Jesus conhece o coração dos homens (Jo 2.24–25). Ele próprio é a Palavra de Deus, “apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12). Aqui, vemos esse fator. Com precisão cirúrgica, Jesus demonstra o porquê dos homens ficarem ansiosos. Assim como os médicos podem traçar três estágios no desenvolvimento de uma doença, Jesus ensina que a ansiedade é uma doença moral possivelmente relacionada a três fatores de nossa vida.

1. *Ter o seu tesouro no lugar errado.* Por “tesouro” Jesus quer dizer as coisas que mais estimamos. É só um de dois lugares onde nosso tesouro pode estar — no céu ou na terra. Qualquer tesouro deste mundo está sujeito a falhas — por deterioração (“traça e ferrugem destroem”) ou por meio de circunstâncias imprevisíveis (“ladrões entram e roubam”). Somente o céu é imune aos estragos do tempo e do pecado. “Portanto”, diz Jesus, “deposite no céu, não na terra”. Viva para o céu, e não para este mundo!

O que o nosso Senhor diz aqui é absolutamente simples. Chega a parecer óbvio. Se ao menos considerássemos com seriedade nossas posses, compreenderíamos que elas pertencem a um mundo passageiro, que não oferece nenhuma segurança. Na verdade, a busca por segurança neste mundo e no que ele possui é

receita certa para a proliferação da ansiedade, não para amenizá-la! Quanto mais ajuntamos neste mundo, a fim de nos sentirmos seguros, maior é o sentimento de necessidade por guardar conosco o que obtemos para nos mantermos seguros. E por isso ficamos menos seguros! É normal dizer que o dinheiro não traz felicidade. E, aqui, Jesus explica o porquê. A felicidade depende de riquezas *duradouras*.

Difícilmente este ensino poderia ser mais pertinente para a Igreja do que é hoje. Algumas repartições da Igreja foram praticamente tragadas por ensinamentos que, embora aparente e superficialmente “espirituais”, simplesmente acrescentam ansiedade ao coração mundano. Saúde e riquezas, felicidade e alegria é que são ofertadas como companheiras inevitáveis da fé.

Ensinos desse feitio não nos livram do fascínio por este mundo; pelo contrário, apenas nos aproxima ainda mais dele. Erramos em considerar os bens materiais como selo da bênção de Deus sobre nossas vidas, sendo que as marcas da bênção divina são pobreza de espírito, pesar pelo pecado, e perseguição por causa da justiça. A verdadeira espiritualidade não é manifesta no ajuntamento de riquezas — quer as tenhamos, quer não —, mas em ser liberto do amor por elas.

Eis o porquê da parábola de Jesus sobre o semeador e os solos ser tão penetrante. A semente é semeada entre os espinhos, e ali passa a crescer. Mas os espinhos também crescem, sufocando as sementes boas. O que são esses espinhos? São “os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições” (Mc 4.18–19), conforme Jesus explica. Quando depositamos nosso coração nas riquezas, seja qual for a razão, caímos sempre em engodo.

Temos ouvido nos últimos anos a respeito de alguns cristãos com “os pensamentos voltados demais para o céu para que sejam úteis na terra”. Um axioma claro, todavia incorreto. Certamente há devotos que, à semelhança dos fariseus, separam-se do mundo onde vivem para que não sejam contaminados por ele. Pessoas

assim são conhecidas por aquilo que se recusam a fazer, mas não pelo manifestar da graça, do amor e gozo de Cristo. Esse, porém, não é o tipo de piedade que verdadeiramente está com os olhos fixos no céu. Comportar-se assim pode, por vezes, não passar de falsa santidade, meras aparências para um coração absorvido pelo ego.

O homem ou a mulher verdadeiramente voltados às coisas do alto são aqueles que trazem a atmosfera dos céus à terra, vivendo uma vida de santidade prática. Estando seu tesouro nos céus, pessoas assim não buscam alcançar e manter posições neste mundo. Só elas é que são realmente livres para servir o próximo.

Onde está o seu tesouro? O que você considera realmente importante na vida? Quais são os seus sonhos? Ainda mais importante, no que você sonha enquanto acordado? Talvez esse seja o sinal mais claro de onde o seu tesouro realmente está. O que *ocupa* a sua mente? As prioridades erradas geram corações ansiosos.

2. *Pensar sobre a vida de forma errada.* Em inglês, usamos metáforas diferentes das usadas no idioma de Jesus, o aramaico. Mesmo assim, não é um ponto de difícil compreensão. O retrato que Jesus dá é extremamente vívido. Quando nossos olhos estão saudáveis, “todo o nosso corpo é cheio de luz”. Mas se nossos olhos estiverem doentes, então nosso “corpo inteiro estará cheio de trevas” (6.22–23). Quando enxergamos com clareza, este mundo é repleto de luz, cor e beleza. Mas se nossos olhos estão doentes, o mundo fica ofuscado, confuso e até mesmo escuro como a noite.

Nosso Senhor está falando sobre “os olhos do espírito”, o coração. Na linguagem das Escrituras, fixar o olho e fixar o coração equivalem à mesma coisa — focar nossa atenção e concentrar todas as nossas energias em algo.

Jesus está dizendo que o espírito sombrio da ansiedade, que controla muitas vidas, é causado pela perda do foco espiritual, e por pensar acerca da vida por uma perspectiva equivocada — ou

doente. Essa visão doente afeta mais que os olhos. A grande tragédia é que o “o corpo inteiro está cheio de trevas”. Assim é com o nosso coração também. Uma visão espiritual pobre — com prioridades espirituais erradas — influencia toda a direção de nossas vidas.

Muitos de nós já passaram por aqueles exames de vista. Um grande quadro de letras é colocado diante de nós. Lemos o quadro inteiro, as letras vão ficando cada vez menores. Chegamos a um ponto em que achamos a letra C difícil de ser distinta da letra O, apesar de podermos distingui-la do Z. Por fim, todas as letras tornam-se indistinguíveis uma das outras.

Quando crianças no período escolar passam por esse tipo de teste, geralmente elas perguntam umas às outras “Até qual linha você conseguiu chegar?”. Essa é uma boa pergunta de se fazer. O Sermão do Monte nos provê uma maravilhosa avaliação de nossa vista espiritual. Até qual linha do teste você consegue chegar? Você pode ler até o versículo 33? “Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Portanto não se preocupe com o amanhã”. Ou sua vista nesse mandamento tornou-se turva a ponto de não parecer tão vital para você como já foi um dia?

3. *Servindo a um mestre errado.* Você não pode servir a dois senhores, Jesus diz. Ele não está dizendo que é impossível ter dois trabalhos. Não, mas dizendo que o esforço para tanto leva à tensão e à ansiedade.

Deveríamos notar a óbvia implicação do ensino de Jesus aqui. Fomos feitos para ter um mestre; Deus nos criou para Si. Ele é Senhor, quer queiramos, quer não. Somos criados de forma tal que a adoração é parte indissociável de nossa natureza. Portanto, quando paramos de adorar ao Senhor, acabamos por adorar a criatura. Ao invés de sermos servos do Senhor, em cujo serviço temos perfeita liberdade, tornamo-nos escravos daquilo que Deus criou, e até mesmo do que o homem criou — posses. Como Paulo

ressalta, nós temos mudado “a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!” (Rm 1.25).

Para o cristão, cujo chamado é o de ser servo de Deus, comprometer-se com total lealdade a dois senhores conduz à incerteza, à ansiedade e, por fim, ao desastre espiritual — ora amando um senhor, ora servindo a outro. É vital para o nosso bem-estar espiritual que nossa devoção seja estabelecida de uma vez por todas. Você já se resolveu quanto a isso?

O apóstolo Paulo fala a respeito disso de forma particularmente interessante. Ele está preocupado com a igreja de Corinto, o apóstolo deseja vê-la liberta de qualquer ansiedade que possa arruinar o testemunho e prejudicar a entrega de coração ao serviço do Senhor daquela igreja. Ele escreve:

Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem;

30 *mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem;*

31 *e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa.*

32 *O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor.*

(1Co 7.29–32)

O que Paulo quer dizer? Devemos nos tornar “inimigos do mundo”, enxergando as posses, o casamento e o comércio como obstáculos à vida cristã? O reino de Deus já é chegado. Da forma como Paulo coloca, o tempo é curto e o mundo em sua forma presente é passageiro. Esse fato nos incita a vivermos como monges e eremitas? Certamente que não. O próprio Paulo sabia ter abundância, bem como passar necessidade (Fp 4.12).

O que Paulo quer dizer (e também Jesus) é que a vida no reino de Deus exige fidelidade, mente e coração únicos e exclusivos ao Rei. Neste contexto, somos mordomos de tudo o que temos — família, casa, negócios. Nós não os possuímos. Elas são dádivas dadas pelo Senhor, as bênçãos de Seu reinado sobre nós. Elas nunca, jamais devem reinar sobre nós. Não devemos permitir que façam isso. Se as amamos, mas não nos lembramos de que, antes de tudo, pertencem a Ele, logo odiaremos e desprezaremos Aquele que no-las deu (Mt 6.24).

Quando você vai ao médico, ele faz uma série de perguntas a fim de diagnosticar sua condição. Quando é Jesus quem conduz o diagnóstico de nossa condição, Ele também tem perguntas a fazer: *Onde está o seu tesouro? Em que está focada sua visão espiritual? Quem é o seu Mestre?* Nossa resposta dirá muito acerca de nosso bem-estar espiritual.

A PRESCRIÇÃO DE JESUS

A ansiedade, temos visto, é um sintoma de profunda doença espiritual. A teoria, no entanto, não nos torna capazes de curá-la. Jesus fala sobre a cura: “Eu vos digo, não andeis ansiosos” (6.25).

Em si mesma, esta é uma cura inconcebível! Imagine receber a notícia de que você se encontra gravemente doente. Como você reagiria, se o seu médico dissesse “Não se preocupe”? Você provavelmente responderia: “Só se você me disser que existe uma cura para a minha doença, daí sim conseguirei parar de me preocupar”.

O diagnóstico é insuficiente, se não prover tratamento. Por isso a exortação de Jesus “Não andeis ansiosos” é posta sob o contexto de um ensinamento específico, que nos ajudará a eliminar a ansiedade que paralisa nossa vida. O ensino em Mateus 6.25–34 é estabelecido para atuar como um antídoto contra a preocupação.

Em essência, Jesus está nos dizendo: “Sente-se. Há uma série de questões sobre as quais você precisa pensar e ponderar”. A *necessidade de pensar e ponderar* é o trecho de destaque, pois a cura do espírito doente — o processo que a Escritura chama de “santificação” — se inicia na mente. A transformação de nosso caráter começa com a transformação da nossa mente (Rm 12.2). É quando pensamos com a mente já instruída por Cristo que começamos a viver para o reino de Deus com saúde espiritual.

Mas onde encontraremos a instrução? Nosso presente estudo sobre o Sermão do Monte nos dá a resposta. Deus transforma nossa vida pela renovação da mente enquanto estudamos e nos submetemos ao ensino da Escritura! Nela, o Espírito de Deus abre os nossos olhos para compreendermos as coisas espirituais. Agora, recebemos uma perspectiva correta (a perspectiva de Deus) do mundo e de como se deve agir estando nele. A Escritura tem o propósito extremamente prático para o “ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16–17).

Particularmente aqui, nesta porção da Escritura, uma série de diretrizes nos é dada com a intenção de renovar-nos a mente, de modo que nossas vidas tornem-se consistentes com o reino de Deus. Esse é o antídoto de Jesus contra a ansiedade.

1. Olhe para a vida como um todo. Já notou o que acontece quando você fica ansioso por algo? É um sentimento que passa a dominar seus pensamentos, você vê tudo à luz da ansiedade. Parece (a seus olhos) que tudo depende de solucionar a situação, e, de fato (para você), tudo em sua vida parece estar ligado ao problema.

Você entra em um ciclo vicioso. Quando ansioso pelo que comer, beber, ou pelas roupas para vestir, você não demorará a sentir como que toda a sua vida e felicidade dependem disso. Os servos que deveriam servir de suplemento agora são mestres.

O cristão não é indiferente à comida, à bebida ou à vestimenta. São necessidades legítimas para se viver neste mundo e em sociedade, mas que jamais reinam sobre o cristão. Ele já aprendeu que não precisa comer nos restaurantes mais modernos da cidade ou cozinhar os alimentos mais elegantes com o objetivo de aproveitar a vida ao máximo. Ele tampouco precisa de roupas da última moda para sentir-se “aceito” onde realmente importa. Jesus lhe ensinou que a vida “é mais do que comida e o corpo é mais do que roupas”.

Abra uma revista sofisticada e leia as propagandas. O que grande parte delas lhe diz? A vida é centrada em comida, bebida e roupas. Isso se confirma ao olharmos para a maioria das revistas sofisticadas. Quase sem exceção, as propagandas proclamam as virtudes da comida, da bebida e da vestimenta, de uma forma ou de outra. Alguns anúncios chegam a anunciar a marca de comida para gatos que fará seu felino ficar mais atraente!

O que aconteceu? As necessidades básicas da vida — os servos da vida, por assim dizer — tornaram-se nossos senhores. Porém, Jesus diz, há mais na vida do que a comida. A pessoa cujo ser é manifesto por meio de um corpo é muito mais importante do que as roupas que veste.

Como, então, devemos pensar a respeito destas coisas? Jesus pede que olhemos para a vida como um todo. Os pássaros e os lírios do campo demonstram quão maravilhoso criador e provedor Deus é. E, se Ele lhes provê mantimento com cuidado paterno e afetuoso, quanto mais não proverá àqueles que comprou pelo preço infinito da morte de Seu filho (Rm 8.32)? Você não crê que o Senhor o suprirá de tudo aquilo de que você necessita na vida?

Você ao menos já se valeu deste argumento? Deveria, e com frequência — mas não com um espírito na verdade insatisfeito! Seu Pai conhece as suas necessidades. Ele o ama. Ele suprirá todas as suas necessidades.

2. *Olhe para a natureza da vida.* “Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?”, Jesus pergunta (6.27). Ninguém pode, obviamente. Mas o que Jesus deseja ressaltar? Que simplesmente “a ansiedade nunca levou ninguém a lugar algum”? Qualquer um com um pouco de bom senso poderia ter dito isso.

O argumento de Jesus, porém, é mais profundo. Ele esteve ensinando a respeito da provisão do Pai sobre nossa vida. E, agora, dá ênfase à natureza da vida cristã: “Sua vida está nas mãos daquele que é seu Pai. Ele a criou. Ele, desde o princípio, conhece seu fim. Ele traça cada passo do caminho para cumprir o propósito que tem para você e através de você. Você terá tudo do que precisa para cumpri-lo; e, estando cumprido, você será levado para casa para estar com ele. Por que se preocupar, quando Ele tem sua vida na palma das mãos? Sua ansiedade é um sinal de que você não o conhece suficientemente, de que você não confia nele, ou de que não se entregou a Ele como é devido”.

Somos presos à ansiedade quando insistimos em fugir das mãos do Pai e tomar nosso próprio rumo. O segredo para sermos libertos da ansiedade é a liberdade de nós mesmos e o abandono de nossos próprios planos. Mas esse espírito surge somente ao termos nossa mente repleta do conhecimento de que podemos confiar, sem restrições, em nosso Pai, de que Ele nos proverá tudo aquilo de que precisamos.

É por esta razão que a Bíblia tem tanto a dizer a respeito do reinado soberano de Deus. Em meio a argumentos teológicos, geralmente perdemos de vista esse fato. Mas todo o Sermão do Monte está ligado ao fato de que Deus governa este mundo, que Seus planos são perfeitos e que Seus propósitos serão cumpridos. Nossas petições para que a Sua vontade seja cumprida tanto na terra como nos céus, e para que Seu reino venha, têm por objetivo reivindicar que Sua promessa um dia seja cumprida. Elas manifestam nosso compromisso pessoal com toda e qualquer que seja a vontade de Deus para a nossa vida. Somente aqueles que se

deleitam nessa espera podem dizer de si mesmos: “Nossa vida é imortal até que o nosso trabalho por Deus esteja terminado”.

É Deus, nosso Pai, quem estabelece os limites da vida, é Ele quem prepara as boas obras com antecedência, para que as cumpramos (Ef 2.10), quem promete que, se vivemos de acordo com o Seu plano, nada nos faltará. Quando compreendemos isso, então também compreendemos quão inútil é a ansiedade e o propósito de confiarmos tudo a Ele.

3. *Olhe para a generosidade do Senhor.* Vimos anteriormente, ao estudar o ensino de Jesus acerca da hipocrisia, que um elemento característico dos fariseus era a desconfiança sinistra da graça do Pai. Como o filho mais velho na parábola do filho pródigo, os fariseus pensavam que estavam se “escravizando para Deus”. Tratava-se de um eco da primeira tentação, que ocorreu no Jardim do Éden, quando Satanás insinuou que Deus havia sido mesquinho, de fato cínico, na maneira em que Ele havia disposto Adão e Eva no jardim, havendo os proibido da diversão (Gn 3.1–5).

O diabo obteve sucesso em arrancar a alegria de Eva deixando-a desconfiada da provisão generosa do Pai. Mas ela não estava sozinha no interesse e no duvidar da graça do Pai. Os homens, por natureza, duvidam dela, pois Satanás tem obtido êxito em persuadi-los de que a presença de Deus arruinará suas vidas para sempre.

Boa parte das ansiedades por que passamos — e nossa relutância em tomar o remédio divino prescrito — florescem dessa suspeita básica. Mas Jesus as destrói em Mateus 6.24–30. Nenhum cristão que sente o devido prazer pelo que Ele diz deveria ser enganado novamente.

“Veja como o pai cuida dos pássaros”, diz Jesus. “Ele lhes fornece provisão. Quanto a vocês, vocês são muito mais importantes do que os pardais”. Isso é, tecnicamente, conhecido como um argumento *a minore ad maius* (“do menor para o maior”). Se X é verdade, quanto mais verdadeiro é Y. Se o Pai se preocupa com passarinhos, quanto

mais se preocupará com o Seu povo, que foi criado para demonstrar a Sua glória e oferecer-lhe louvores?

Jesus também diz “Observai o lírio dos campos. Eles não trabalham para produzir beleza. Mas nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”. Não é esta a verdade? Observe as flores — a delicadeza das cores, as magníficas combinações de tonalidade e sombra. Nós elogiamos *designers* que conseguem aproximar a beleza e a originalidade da natureza em suas “criações”. “Ora”, diz Jesus, “se Deus tem cuidado tão generosamente dessas criaturas de uma estação, ‘que hoje existem e amanhã são lançadas no forno’ [6.30], quanto mais Ele suprirá suas necessidades!”

A lógica é irrefutável. Deixe-a dominar a sua mente e você estará livre de buscar o que pagãos infiéis buscam (6.32). Note a linguagem de Jesus aqui. Ele diz que os pagãos “correm atrás de todas essas coisas”. Eles não conhecem nada além digno de ser alcançado. Mas o cristão “busca” ao Senhor (Sl 42.1)! Quão estúpido é buscar a dádiva, quando é possível buscar o Doador.

4. *Busque primeiro o reino de Deus.* A ansiedade nunca pode ser curada, enquanto obtemos mais do que já temos. Muitas pessoas cometem esse erro fatal. A ansiedade só pode ser curada pela certeza de que todas as nossas necessidades serão supridas pelo nosso Rei. Por essa razão, a maior motivação em nossa vida deveria ser viver sob a autoridade do Rei e ver Seu reino propagado de todas as formas possíveis — moral, social e geograficamente, bem como pessoal, interna e espiritualmente. Quando nosso coração está posto na reta justiça que permeia nossa vida, temos as prioridades ajustadas na ordem correta, e, por conseguinte, descobrimos duas coisas:

Em primeiro lugar, entendemos que Deus nos dará tudo do que precisamos. Ele nunca falhou para com um de Seus filhos.

Em segundo lugar, muitas das coisas que pensávamos precisar, descobrimos agora que não precisamos e que não as queremos.

Por fim, no lugar da ansiedade, encontramos contentamento.

Vivemos em dias de grande ansiedade e incerteza. Os próprios fundamentos da vida, às vezes, parecem estar à beira do colapso. Não é de se admirar que estamos ansiosos. Mas por que deveríamos estar, quando Deus, que governa todas as coisas, tornou-se nosso Pai? Não é racional ou justificável estar ansioso quando Ele prometeu suprir todas as nossas necessidades.

Se, diante do ensino de Jesus, permanecemos ansiosos, é porque não o compreendemos ou porque nele ainda não confiamos. Em ambos os casos, a culpa é nossa, não dele. Pois ele não só diagnostica a causa da ansiedade: Ele também provê a cura. Ele é a cura.

Você ainda está em processo de cura?

13

VISÃO PERFEITA

MATEUS 7.1–12

Mt. 7 ¹ Não julgueis, para que não sejais julgados. ² Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. ³ Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? ⁴ Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? ⁵ Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão. ⁶ Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem. ⁷ Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. ⁸ Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. ⁹ Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? ¹⁰ Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? ¹¹ Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? ¹² Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

* * *

Temos visto que o Sermão do Monte possui uma temática maravilhosamente unificada. Já era de se esperar, vindo do Pregador máximo e Mestre da Igreja. Seria errado, portanto, buscar por divisórias artificiais na estrutura do Sermão do Monte, o qual, apesar disso, toma diferentes formas de *desenvolvimento* conforme chega à conclusão e ao clímax.

A divisão em capítulos de nossas Bíblias (o que, obviamente, não existia nos manuscritos originais) simboliza um elemento nesse desenvolvimento. De modo geral, podemos dizer que o capítulo cinco enfatiza a vinda do reino de Deus e aquilo que este implica, especialmente em se tratando da lei de Deus. O capítulo seis enfatiza a Paternidade de Deus e a liberdade que isso nos proporciona. E o capítulo sete enfatiza o julgamento de Deus e o impacto que isso causa no modo como vivemos.

Para muitos, incluindo cristãos, o mero mencionar do julgamento de Deus traz determinada noção de incômodo. As pessoas acham difícil pensar em Deus enquanto Pai e Juiz, simultaneamente. Certamente (elas imaginam), Ele deverá ser um ou outro. Mas ninguém que seja instruído nas Escrituras e sensível ao seu ensino deveria cair nessa falsa dicotomia. Sim, aquele que chegou à presença do próprio Deus por meio da leitura das Escrituras jamais duvidaria de que ambos os aspectos do caráter de Deus andam de mãos dadas.

Deus é tanto Pai *quanto* Juiz. Algo terrível para o descrente é que Ele é ambas as autoridades; ao rejeitar o julgamento de Deus em sua vida, o incrédulo também rejeita o privilégio de tê-lo como Pai; ao rejeitar a graça paterna de Deus, ele o encontra como Juiz. Já para o crente, conhecer a Deus enquanto Pai transforma a forma de vê-lo como Juiz, e o conhecimento de Deus como Juiz o enche de admiração por também ser Pai.

Entretanto, é geralmente mais fácil sentir ambos os aspectos maravilhosos do caráter de Deus do que descrevê-los coerentemente. Não podemos reduzi-los ao menor denominador comum. Temos de pensar em ambos, geralmente um após o outro. Assim, sendo o Mestre dos mestres, Jesus primeiro explica o que significa ter Deus como nosso Pai, para depois desenvolver o que significa reconhecê-lo como nosso Juiz.

Conhecer a Deus como Juiz exerce influência santificadora e circunscrita sobre a vida. Em especial, tem o efeito de nos fazer

buscar, com mais rigor, a santidade de coração e vida. Deus, na posição de Juiz, nos ensina a ter mais rigor quando se trata de lidar com o nosso pecado, em resolução perseverante a fim de subjugá-lo.

Ao mesmo tempo, porém, estarmos conscientes de ser Deus Juiz, nos ensina a sermos misericordiosos e amáveis para com as pessoas. Pois ao conhecermos nosso próprio coração, aprendemos a ter compaixão pelos outros em suas fraquezas. Discernir o julgamento de Deus traz pureza e santifica nossas atitudes em relação a nós mesmos e aos outros, bem como naquilo que se refere ao Senhor. Podemos examinar, em Mateus 7.1–11, essas três dimensões desenvolvidas detalhadamente.

ENXERGANDO COM MAIOR CLAREZA

Jesus diz “Não julgueis, para que não sejais julgados” (7.1). Eis a razão para tanto: a medida com que Jesus nos julga será a medida com que julgaremos os outros. Isso não significa que Deus usará o mesmo princípio de vingança que por vezes usamos. Jesus, todavia, está dizendo que o julgamento de Deus sobre nossa vida será baseado *sobre nossa vida*, e em como nosso coração se expressa em pensamentos e ações com relação aos outros. Logo, Jesus nos adverte, “Não julgueis”.

Essas palavras devem estar entre os ensinamentos do Sermão do Monte mais mal-interpretados. Repetidas vezes as ouvimos citadas quando, por exemplo, alguém comenta sobre uma situação e condena o mal. “Não julgueis”, alguém dirá, parecendo querer dizer, “Nunca diga que algo está errado. Não lhe cabe julgar”.

Agir assim leva à conclusão lógica de tratar o bem e o mal da mesma forma e ser indiferente a distinções morais. O problema é que pensar assim vai diretamente de encontro com o restante da Bíblia, especialmente com o ensino de Jesus nesta seção do Sermão. No versículo 6, Ele categoricamente nos encoraja a julgar: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as

vossas pérolas”. Jesus está falando de homens e mulheres. Espiritualmente, algumas pessoas se comportam como cães e porcos, Ele diz. Precisamos identificá-las e lidar com elas de maneira apropriada, e isso requer determinado tipo de julgamento.

O que, então, Jesus quer dizer? A resposta se encontra na ilustração seguinte. Ela é uma das mais vívidas do sermão, e certamente trouxe sorrisos ao rosto daqueles que o estavam ouvindo e, junto a isso, provavelmente satisfaz as necessidades e os desejos de alguns!

“Você vê aquele homem?”, Jesus pergunta. “Ele tem uma trave de madeira nos olhos! Mas o que é que ele está fazendo? Ouça-o! “Meu amigo”, o homem está dizendo, “vejo que há uma partícula de poeira no seu olho. Deixe-me tirá-la para você”. Não é ridículo?

O que há de errado com esse homem? Ele está procurando por pecados em outras pessoas, dilacerando-os assim que os encontra, ainda que seja um só. Ele está tão absorto nesse propósito que não enxerga que seus próprios pecados são muito maiores do que qualquer coisa que veja na vida do próximo. Na verdade, sua busca pelo pecado nos outros (isso ele considera como uma posição favorável diante de Deus) é como uma placa de madeira comparada a uma partícula de poeira. Ele é culpado do pecado de *censura*. Seu pecado o dominou tão profundamente que este homem tornou-se cego à própria iniquidade. Sensível ao pecado dos outros, ele está insensível ao pecado em seu próprio coração.

Esta atitude costuma, a princípio, tomar forma de um mecanismo de defesa. Somos sensíveis às nossas próprias falhas, mas, basta serem apontadas, e já atacamos o pecado dos outros. Logo, aquela sensibilidade culpada se torna um hábito, e então um estilo de vida.

Isso, diz Jesus, é a desgraça derradeira do hipócrita. Ele arrogase uma posição em que esconde dos outros e de si mesmo a verdadeira natureza de seu próprio pecado e culpa. Mas agora ele confunde a encenação com a realidade. Engana-se ele ao pensar que se tornou o que, certa vez, sabia que somente poderia fingir ser

— melhor do que os outros. Ao invés de amolecer seu coração, ter descoberto a pecaminosidade que nele se encontra apenas o endureceu ainda mais.

Este espírito de censura revela ter um sintoma comum, ele costuma se manifestar com ira contra alguma injustiça. Não se engane. É correto opor-se a toda injustiça com que nos deparamos. Mas acessos intensos e repentinos de emoção podem, às vezes, ser sinal de sensibilidade pessoal, mas não moral e espiritual.

A vida de Davi fornece uma ilustração óbvia de um coração endurecido. Ele, por conta de sua cobiça, pecou gravemente com Bate-Seba, cometendo adultério com ela e planejando a morte de seu marido (2Sm 11.1–17). Por isso Senhor enviou o profeta Natã para arrancar as escamas dos olhos de Davi. Como nosso Senhor Jesus, Natã usou uma parábola, apesar de Davi não ter percebido de início. Perceba o que Natã disse, mas veja em especial a resposta de Davi:

1 O SENHOR enviou Natã a Davi. Chegando Natã a Davi, disse-lhe: Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. 2 Tinha o rico ovelhas e gado em grande número; 3 mas o pobre não tinha coisa nenhuma, senão uma cordeirinha que comprara e criara, e que em sua casa crescera, junto com seus filhos; comia do seu bocado e do seu copo bebia; dormia nos seus braços, e a tinha como filha. 4 Vindo um viajante ao homem rico, não quis este tomar das suas ovelhas e do gado para dar de comer ao viajante que viera a ele; mas tomou a cordeirinha do homem pobre e a preparou para o homem que lhe havia chegado. 5 Então, o furor de Davi se acendeu sobremaneira contra aquele homem, e disse a Natã: Tão certo como vive o SENHOR, o homem que fez isso deve ser morto. 6 E pela cordeirinha restituirá quatro vezes, porque fez tal coisa e porque não se compadeceu. 7 Então, disse Natã a Davi: Tu és o homem.
(2Sm 12.1–7)

Não estou, nem por um momento, insinuando que o ato por si de enfurecer-se contra a injustiça seja hipocrisia. Somente Deus conhece o coração de cada um. Mas o que é claro no caso de Davi, e implícito no ensino de Jesus, é que manifestar sentimentos intensos pelo pecado do próximo, ao passo que não lidamos do mesmo modo com nosso próprio pecado, é *hipocrisia*. Ademais, explodir de raiva pode ser o mero manifestar de um coração que não sabe dizer “Lá, se não for a graça de Deus, também estarei eu”.

O coração que provou da graça e do perdão de Deus sempre será cuidadoso em julgar os outros. Ele já viu a si mesmo merecendo o julgamento e a condenação do Senhor, mas, ainda assim, em vez de experimentar Sua ira ardente, experimentou Sua infinita misericórdia.

Isso, a propósito, explica ainda mais as palavras duras do nosso Senhor contra os fariseus (Mt 23). Eles tornaram Deus à imagem do fariseu. Eles jamais experimentaram de Sua graça, e por isso não sabiam que Ele é gracioso para com os pecadores. Essa é a tragédia do hipócrita (7.5), ele precisa permanecer sob o julgamento de Deus para ser capaz de enxergar claramente e lidar de maneira sensível com os pecados e falhas dos outros.

ENXERGANDO OS OUTROS COM MAIOR CLAREZA

“Não julgueis”, diz Jesus. “Mas, por outro lado, não sejais insensíveis ao julgamento”. Esse é o significado das palavras isoladas do versículo 6: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem”. E podemos aplicá-las em vários níveis.

Elas certamente se aplicam ao trabalho dos discípulos no evangelismo. A igreja deve alcançar o mundo inteiro (Mt 28.18–20). A propagação do reino de Deus deve ser em âmbito universal. Homens e mulheres, em todos os lugares da terra, devem ser instados a que se arrependam e creiam no Evangelho. Ainda assim,

o evangelismo não deve ser guiado por uma mentalidade insensata desse mandamento. Há aqueles que, de forma clara e obstinada, rejeitam o Evangelho. Eles pisam nas pérolas da mensagem evangelística como porcos, Jesus diz, e podem, portanto, fazer o mesmo com você. Você deve ser sensível a esse tipo de resposta e discernir os sinais de que a hora de oferecer o Evangelho a outros em lugares diferentes é chegada.

O ministério de Jesus e também o dos apóstolos tinham esse discernimento. Quando Jesus os enviou às “ovelhas perdidas de Israel”, também os aconselhou a, sempre que a mensagem do Evangelho fosse rejeitada, chacoalhar o pó de seus pés enquanto deixavam aquela casa ou cidade (Mt 10.14). Mais tarde, no evangelismo da igreja primitiva, foi desenvolvido padrão semelhante. Sendo o Evangelho rejeitado, os apóstolos prosseguiram. (Há exemplos disso em Atos 13.44–46, 18.5–6, 28.23–31). Jesus não se confiou a alguns homens (Jo 2.24), pois fazê-lo seria lançar pérolas aos porcos. Precisamos aprender a ter discernimento espiritual com Ele.

Como reconhecer homens e mulheres que Jesus assim descreve? Pela resposta dada ao Evangelho. Eles não apreciam seu valor; eles o tratam como algo banal. Até onde podemos ver, não há diferença, para eles, entre as pérolas espalhadas na mensagem da graça de Deus e aquilo com que sempre estiveram acostumados. Eles não vêem nada de especial no Evangelho. Pressione-os, e descubra profunda hostilidade. Eles farão oposição e mesmo perseguirão aqueles que pregam o Evangelho.

Precisamos aprender, portanto, entre outras coisas, que ter a mensagem do Evangelho rejeitada é um preço a ser pago, sendo nós cristãos. Embora doloroso, somos ensinados nas Escrituras que veremos isso acontecer. Um homem prevenido vale por dois. Não somos pegos de surpresa por aqueles que rejeitam o Evangelho. Não oferecemos Cristo às pessoas de modo leviano, despretensiosamente.

Novamente, vemos isso acontecendo no testemunho da igreja primitiva. Em resposta ao Evangelho, as pessoas clamavam “Irmãos, o que faremos?”, porque o coração deles era compungido (At 2.37). Quando lhes perguntavam “O que devo fazer para ser salvo?” (At 16.30), os cristãos primitivos pacientemente explicavam o Evangelho e instavam àqueles que os ouviam a responderem com arrependimento e fé. Agora, se a mensagem de Cristo fosse rejeitada, eles permaneciam só enquanto fossem bem-vindos (por exemplo, At 13.46).

Há ainda outro princípio geral por trás das palavras no versículo 6: *a sabedoria da postura apropriada*. Por que não lançamos pérolas aos porcos? Porque fazê-lo é inapropriado. A pessoa que assim o faz ou não compreende o valor das pérolas, ou não compreende a natureza dos porcos! E mesmo assim quantas vezes vemos cristãos envolvidos em afazeres ou em comportamentos inapropriados ao Evangelho ou à posição do cristão. Pode bem ser que, aqui, Jesus tivesse em mente essa aplicação mais geral. Talvez Ele estivesse fazendo bom proveito de um provérbio palestino.

De quando em quando, nós, cristãos, não somos muito sábios, como parece ter Jesus percebido (ver Lc 6.8). Em determinadas ocasiões, nos mantemos presos à rotina de certa tradição que não é, em si, bíblica. Nos desaperccebemos de que nossas palavras ou rotinas já deixaram de ser *apropriadas*. Antes mostrar a relevância que o Evangelho tem a oferecer para o mundo contemporâneo, escondemo-la, subtraindo seu poder.

Por meio de nossas ações, transmitimos, na verdade, uma mensagem não verbal de que o Evangelho pertence a uma geração passada ou foi permanentemente consagrado em alguma tradição antiga. Mas o Cristo e o Evangelho são sempre atuais. Precisamos, olhando para o mundo de hoje, nos certificar de que vivemos, falamos, agimos e testemunhamos de forma apropriada ao teor da mensagem.

ENXERGANDO A DEUS COM MAIOR CLAREZA

Nos versículos 7–12, Jesus parece mudar bruscamente o tema da pregação ao falar sobre pedir, buscar e bater. Comentaristas bíblicos têm percebido que a conexão entre esta passagem e o que a precede não está, de maneira nenhuma, clara. Por que mudar dos temas de julgamento e discernimento para o tema da oração?

Talvez os versículos 7–12 estejam tratando de algo mais abrangente que a oração — a saber, a necessidade dos filhos por provisão, conselho e direção do Pai, além do amor a ser demonstrado pelo próximo, o mesmo amor com que foram amados pelo Pai.

Ninguém conseguirá chegar a este ponto do Sermão e não ficar profundamente ciente desta necessidade. Somos pedintes diante de Deus. Somos espiritualmente míopes e insensatos. Ainda estamos distantes do que, por amor a nosso Senhor Jesus, deveríamos ser. Não temos nada a oferecer a Ele.

Aqui, então, Jesus nos ensina o que tem sido chamado, e corretamente, de “a lógica pedinte”. Devemos persistir em pedir a graça de Deus como se fôssemos pedintes (pois, espiritualmente, continuamos sendo). Podemos pedir certos de que Aquele que responde ao nosso clamor, que Se revela quando o buscamos e que abre o coração à nossa batida, é um Pai para nós!

Jesus traz ênfase a esse ponto valendo-se de um argumento de formato semelhante a outro usado anteriormente no Sermão (6.26). Se pais terrenos, pecadores que são, dão boas dádivas aos seus filhos, *quanto mais* o Pai celestial não daria boas dádivas aos Seus filhos quando pedem?

Mas por que Jesus mais uma vez volta o foco à paternidade de Deus? Pois, como já percebemos, a preocupação de Jesus é que descubramos que o nosso Juiz é nosso Pai. A verdade acerca de Deus e, portanto, o verdadeiro conhecimento de Deus não se

encontram em uma ou em outra dessas posições, mas em ambas. Nós nunca entenderemos em verdade a maravilha de Sua graça até que, buscando misericórdia como pedintes perante um juiz, compreendamos que Ele deseja que sejamos Seus filhos e filhas.

Certamente é algo maravilhoso o fato de que Deus justifica pecadores e, sendo o justo e reto Juiz do mundo inteiro, o fato de ser capaz de absolvê-los. Jesus, no entanto, aponta para algo que parece pertencer a uma ordem mais elevada. Este Juiz pega os papéis de adoção em nosso favor, coloca suas mãos em nossos ombros e diz “Meu filho, quero que compartilhe da herança de todas as minhas riquezas e bênçãos. Você será meu filho, minha filha, de agora em diante. Venha comigo, e me conte quando necessitar de algo”.

Isso explica porque Jesus conclui essa seção do Sermão com uma declaração que, de outra forma, pareceria bem fora de contexto: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas”. O que, à primeira vista, soa ser uma declaração isolada, sem conexão com a que a precede, está, na verdade, intimamente ligada. Somente aquele que se vê como um pedinte diante do Senhor, não tendo nada a oferecer — mas descobriu que é herdeiro da graça de Deus —, será suficientemente liberto do egocentrismo a ponto de colocar os outros em primeiro lugar e tratá-los da forma como gostaria de ser tratado.

Vemos, portanto, que viver sob a perspectiva de Deus enquanto Juiz não é causa para o medo servil, como Satanás sugere. É, pelo contrário, o remédio contra o ser cheio de si e o caminho para a liberdade espiritual genuína, sob a qual servimos ao Senhor e somos felizes em servir aos outros também.

Você “faz para o seu próximo aquilo que deseja que ele lhe faça?”. Esta é uma exortação atemporal. Quando surge no ensino de outros autores (desde Confúcio a Immanuel Kant), essa “regra de ouro” geralmente é usada na negativa: “Não faça aos outros o que

não quer que os outros façam a você”. Desta forma, ela é muito menos exigente. Ela proíbe a ação. Ela não a prescreve. Ela estabelece limites. Já as palavras de *Jesus* são de exigência e escopo ilimitados. Seu ensino é tão positivo quanto abrangente em nossas vidas.

A declaração de Jesus é, contudo, também simples. Aqui, Ele nos dá um resumo da lei e dos profetas. Jesus não quer dizer que, porque conhecemos esse texto, podemos ignorar todos os demais. Pelo contrário, Ele diz que esse conselho nos dá, em poucas palavras, o princípio exposto e ilustrado de mil e uma maneiras no restante das Escrituras (“a lei e os profetas” sendo representantes de todo o Velho Testamento).

Para Jesus, a palavra de Deus não é um complexo impossível de regras e regulamentos jogados sobre os ombros dos homens como um fardo pesado. Não, é a operação do princípio do amor. Entenda isso, e todo o mais se ajusta. Isso é o que Jesus quer dizer.

Embora a vida cristã seja de fato exigente, em essência seu princípio é simples. É saber que a graça de Deus está trabalhando tão poderosamente em seu coração que você é liberto do domínio do pecado e do seu eu sobre a sua vida. Você agora pode servir ao próximo e abençoá-lo do mesmo modo como o Senhor o abençoou. Essa é a clareza que surge do viver à luz do julgamento de Deus o Pai.

*Peço-Te um amor absorto,
Mediante o constante saber e ver,
Para o deleite encontrar com sorrisos de prazer,
E enxugar os olhos que choram de perceber,
Dá-me um coração que se dá o descanso,
Que mitiga e saiba se condoer.*[¹](#)

Anna Laetitia Waring

NOTAS

[1](#) Tradução livre. *I ask Thee for a thoughtful love,/ Through constant watching wise,/ To meet the glad with joyful smiles,/ And to wipe the weeping eyes,/ And a heart at leisure from itself,/ To soothe and sympathise.* (N. do. T.)

14

ESCOLHAS

MATEUS 7.1–12

Mt. 7 ¹ Não julgueis, para que não sejais julgados. ² Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. ³ Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? ⁴ Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? ⁵ Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão. ⁶ Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem. ⁷ Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. ⁸ Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. ⁹ Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? ¹⁰ Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? ¹¹ Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? ¹² Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

* * *

A pregação verdadeira tem muitas funções. Podemos, porém, cometer o erro de pensar que há somente uma. Os sermões são destinados a nos ensinar, a formar e transformar nossos pensamentos e sentidos, e a desafiar nossa conduta para um novo rumo. De vez em quando dizemos que eles devem sempre levar-nos a uma “decisão”. De certa forma isso é verdade. Mas os

sermões devem fazer mais: devem libertar a Palavra de Deus, para que, por seu próprio poder, ela mude a vida daqueles que a ouvem.

É possível que este seja um dos porquês de Jesus ter despendido períodos longos e frequentes pregando. Eis aqui uma das lições negligenciadas que os milagres de alimentar as multidões nos proporcionam. Se aquelas multidões estiveram com Ele tempo suficiente para carecerem de alimento, Jesus as deve ter ensinado por muitas *horas* (ver Mc 8.2). Não se tratava de mero brincar com a vontade das pessoas, chamando-as a uma decisão. Jesus pacientemente lhes expunha a verdade de Deus, crendo que a boa semente da Palavra é munida de poder quando plantada em corações férteis.

O Sermão do Monte ilustra este princípio. Qualquer que seja o trecho, nós definitivamente encontraremos desafios morais. Mas não só; encontramos também instrução, iluminação, “ensino, repreensão, correção [ou cura], e instrução na justiça”, nas palavras de Paulo (2Tm 3.16).

É com base nisso que Jesus chega ao ápice do Sermão, apresentando-nos as decisões e escolhas que Seu ensino exigem. Está claro em todo o Sermão que há somente duas maneiras de viver: o caminho do Senhor e o caminho do mundo (não importando quão travestido de religião este possa estar). Agora, nas palavras de conclusão, nosso Senhor nos desafia a tomar uma decisão. Questões devem ser estabelecidas. Não pode haver espaço para barganha ou acordos. Há uma escolha a ser feita.

Mateus 7.13–29 coloca diante de nós a escolha em três áreas distintas: devemos escolher a *direção de nossa vida* — escolheremos a entrada correta e andaremos no caminho do Senhor? Ademais, há também o escolher das *influências* — a que tipo de ensino e mestres nos submeteremos? Por fim, há a escolha mais fundamental — qual *fundamento* temos estabelecido?

Esta porção do Sermão trata de escolhas. Se tivéssemos de dar-lhe um subtítulo, poderíamos usar uma expressão de C. S. Lewis,

“Indesculpáveis”. De acordo com o restante do Sermão, Jesus vigorosamente ressalta a diferença entre o que as coisas parecem ser e o que elas na realidade são. São constantes os apelos do caminho largo, dos falsos mestres, do imediatismo, e por isso precisamos ser advertidos por Jesus de que os princípios sobre os quais o reino de Deus é estabelecido são muito diferentes.

ESCOLHENDO UMA DAS ENTRADAS

A ilustração de dois caminhos a serem seguidos pelos homens é usada com frequência nas Escrituras (Pv 15.19; Pv 1.1–6; Jr 21.8). Jesus a desenvolve com certo detalhe em uma série de contrastes:

Escolhendo uma das entradas: Entraremos pela porta larga ou pela estreita?

Escolhendo um dos caminhos: Andaremos pelo caminho largo ou pelo caminho estreito?

Escolhendo as companhias: Seguiremos a multidão ou estamos preparados para nos juntarmos à minoria?

Escolhendo um dos destinos: Escolheremos a vida ou a morte?

Basicamente, há somente uma escolha a ser feita entre duas alternativas possíveis. E Jesus detalha as implicações das opções aqui disponíveis. Cabe a nós considerá-las para que possamos compreender que o todo diante de nós exerce influência sobre toda a nossa vida — e por toda a eternidade. “Não se enganem” Jesus está dizendo, “o que estou colocando diante de vocês é uma questão de vida e morte”. Olhe comigo através da porta, vejam o destino final. Olhe aonde essas entradas o levarão”. Jesus desmascara meras aparências.

Muitas pessoas passam pela porta larga e caminham pelo caminho largo, e por razões diversas. Alguns rejeitam deliberadamente o caminho de Cristo e optam por abandonar Suas exigências morais. Outros simplesmente se desviam com a multidão, presumindo existir segurança nos números. “Afinal de

contas”, eles pensam, “se Fulano e Ciclano fazem isso, não deve ser assim tão prejudicial”. Se ao menos estes que trilham o caminho largo olhassem para o final do caminho e vissem que ele conduz à destruição!

Jesus nos impele, enquanto tomamos as decisões mais fundamentais da vida, a ponderar as consequências inevitáveis a que nossas escolhas nos levarão, à luz do ensino bíblico. Somente assim não seremos “desiludidos”.

Os cristãos jamais deveriam presumir que esta é uma decisão fácil e óbvia. Às vezes cometemos esse erro, e assim nos distanciamos da verdadeira experiência e das tentações por que passaram o povo de Deus nas Escrituras. Eles reconheciam que os maus frequentemente prosperam, ao passo que o povo do Senhor costuma sofrer. Como eles conseguiam persistir no caminho estreito tendo isso em vista?

Asafe lutou contra essa ironia no Salmo 73 — um dos salmos mais instrutivos. Ele viu que aqueles enquanto no caminho largo prosperavam eram por vezes mais saudáveis e mais ricos do que o povo de Deus. De início, sua reação consistiu em exclamar “Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência” (Sl 73.13).

Asafe foi o único a reagir assim? Você nunca sentiu essa frustração vindo à tona? Enquanto você batalha, para outros — que não são cristãos — a vida parece ser uma embarcação relativamente suave.

Ouçá um pouco mais do que Asafe tem a dizer: “Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim; até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles”. Agora, por que isso faria a diferença? Ele explica: “*Então compreendi o fim deles*”. Ele viu que o fim dos incrédulos é a destruição. Já em contraste, ele podia declarar seu próprio destino nas mãos de Deus: “Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória”. (Sl 73:16–17, 24) No templo (onde, como Isaías, se viu na presença do

eterno, majestoso e glorioso), ele pôde ver sua vida, e a de outros também, à luz da realidade derradeira do julgamento final de Deus. Foi assim que ele pôde ver quem realmente havia sido enganado.

Por esse engano é que o Novo Testamento tem tanto a dizer acerca do destino final do homem. O ensino neotestamentário não é mera fantasia. É justamente o contrário. Tão somente quando vivemos à luz do futuro, Jesus diz, é que podemos tomar as decisões corretas no *agora*. Pois aparências — exceto se forem vistas à luz da eternidade — estão fadadas ao engano.

Você já fixou seu coração na vida eterna? Você já a encontrou em Cristo? Então você sabe como não ser influenciado pelas *facilidades* da porta larga e do caminho largo. Você sabe como não ser influenciado por *números* ou *aparências*. Se você recebeu uma nova vida, então sabe que não deve juntar-se àqueles que “seguem o caminho do mundo”, que estão seguindo os “desejos e pensamentos” da carne (Ef 2.2–3).

Mas por uma coisa você jamais será enganado: pela natureza da vida cristã. Sua porta é pequena, uma vez que o reino de Deus pertence àqueles que são “pobres de espírito”. O caminho é estreito, com perigos e tentações ao longo do caminho do peregrino. Há momentos em que parecem ser pouquíssimos os companheiros. Por vezes, a vida cristã chega a parecer desagradável.

Jesus nos diz: *Não vos enganeis*. As coisas nem sempre são o que parecem ser. Podem ser verdadeiras, mas não são toda a verdade — pois a vida cristã é cheia de bênçãos. (O reino de Deus é nosso; recebemos o conforto de Deus; herdamos a terra; somos repletos de justiça; recebemos misericórdia e vemos a Deus; pertencemos à família de Deus!). Sim, aqueles que abandonam tudo por causa de Cristo e do Evangelho experimentarão “perseguições”, mas “ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas,

irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna (...)” (Mc 10.29–30).

O programa de televisão *Dr. Who*, no qual aparecem os “Senhores do Tempo”, da emissora B.B.C., ficou conhecidíssimo no mundo de fala inglesa, com seu protagonista viajando o universo do tempo e espaço em sua espaçonave *The Tardis*. Do lado de fora, a *The Tardis* se parece como uma guarita policial antiga, mas, por dentro, sendo espaçosa e confortável, é o cenário perfeito para um mundo repleto de emoção e aventura.

A natureza paradoxal da *The Tardis* carrega uma impressionante similaridade com o que Jesus nos diz acerca do reino de Deus. *Tudo depende de se você o experimenta do lado de dentro ou do lado de fora*. Do lado de dentro, vemos que o caminho que, à primeira vista, parecia tão estreito é o único que conduz “à vida” (Mt 7.14).

Esta escolha está firmada em seu coração?

ESCOLHENDO AS INFLUÊNCIAS

A vida cristã é uma vida de conflito espiritual. Os recipientes de “toda sorte de bênçãos espirituais em Cristo Jesus” experimentam essas bênçãos “nas regiões celestiais” (Ef 1.3). Mas exatamente porque somos conduzidos às regiões celestiais é que nos encontramos envolvidos em conflitos “com as forças espirituais do mal nas regiões celestes” (Ef 6.12). A esfera da bênção é também a esfera da batalha! Pois nenhum crente escapa de Satanás sem que este procure recapturá-lo, ou se vingar de Cristo, inibindo o progresso espiritual do cristão. Uma das maneiras como ele faz isso é por meio da influência de “falsos profetas” (Mt 7.15). Devemos estar atentos a eles. Estar avisado é estar precavido!

O que é um “falso profeta”? Temos a tendência de associar profecia à adivinhação do futuro. Mas, na verdade, isso era somente parte (e, na realidade, uma parte menos proeminente) do ministério

do profeta. A tarefa básica do profeta era *pré-anunciar*, não só *prever*, a palavra de Deus. Ele devia explicar e aplicar a verdade de Deus à vida das pessoas de sua época, bem como falar sobre o futuro. Na verdade, ele devia falar acerca do futuro para influenciar a maneira como seus ouvintes viviam no presente. De forma simples, um profeta era alguém que falava por Deus. Já um falso profeta é alguém que falsifica a Palavra de Deus — tanto por contradizê-la abertamente ou, mais provavelmente (como Jesus indica), por mudar seu significado.

Você acha que consegue reconhecer um falso profeta de imediato? Alguns cristãos parecem ter orgulho por conseguir. Mas Jesus diz que isso nem sempre é fácil de fazer, afinal os falsos profetas costumam chegar travestidos “em vestes de lobos” — parecendo e até mesmo falando como se também pertencessem ao rebanho do Senhor e fossem seguidores do Bom Pastor. Falsos profetas nem sempre podem ser reconhecidos imediatamente. Pode levar tempo até que seus frutos entreguem sua verdadeira natureza, e então vemos que são na realidade lobos, não ovelhas.

Paulo explicou aos anciãos da igreja de Éfeso um dos motivos pelos quais esses lobos são tão difíceis de identificar. “E que, dentre vós mesmos [dentre os presbíteros e pastores da igreja de Éfeso, que conheciam o ensino bíblico profundo de Paulo durante seus dois ou três anos de ministério] se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um” (At 20.31–31).

Como podemos reconhecer esses lobos e escaparmos de suas influências nocivas? Jesus nos apresenta alguns princípios importantes.

1. O falso profeta é identificado por sua atitude em relação ao povo de Deus. Ele é um “lobo feroz”, e manifesta sua verdadeira natureza pela maneira que devora o rebanho. Ele não dá a sua vida em favor das ovelhas (como o Bom Pastor fez — ver João 10.15). Pelo

contrário, ele usa as ovelhas para servir a seus próprios interesses. Ele não é, de forma nenhuma, parecido com o Senhor Jesus.

Diótrefes é um exemplo (3Jo 9–10). Em vez de cuidar do rebanho de Deus e promover paz e unidade, ele o destruiu — tudo por causa da reputação pessoal.

Deveríamos, portanto, acautelar-nos daqueles que “usam” a igreja. A influência de pessoas assim não nos levará para mais perto de Cristo. O verdadeiro profeta ou pastor não “dominam os que lhe foram confiados”, mas humildemente os serve e lhes dá o exemplo (1Pe 5.3).

2. O falso profeta é identificado pelos frutos de seus ensinamentos. Boas árvores dão bons frutos; árvores más dão frutos maus (Mt 7.18). Homens fiéis e falsos revelam sua verdadeira identidade de duas maneiras: em seu próprio caráter e no caráter dos outros pelo fruto de seu ensino. Eles são parecidos com Cristo? Aqueles que estão sob seu ensino compartilham as qualidades parecidas com as de Cristo? Estas são as marcas distintivas.

Por vezes o fruto de um “pseudo-profeta” aparece de maneiras sinistras na vida de seus discípulos, manifestando-se boa parte das vezes por um caráter exclusivista, contrário ao coração aberto de Cristo. Quando somos incapazes de nos beneficiar do ministério e ensino de qualquer pessoa que não seja um professor em particular ou um seleto grupo de mestres — e quando esse espírito é encorajado por eles — não estamos longe desse fruto mau do falso ensino. Quando esse espírito exclusivista se manifesta em atos como rebaixar ou discutir cinicamente com outros que têm sido fiéis ao Senhor (sejam quais forem seus dons ou imperfeições), então frutos maus têm começado a aparecer (cf. 3Jo 9–10). Devemos parar e questionar que tipo de influência temos permitido nos dominar.

Essa influência do falso ensino foi pervasiva na igreja de Corinto. Algumas pessoas claramente preferiam o ministério de Pedro ou de Paulo, ou do eloquente Apolo. A situação estava propícia para os

falsos apóstolos e profetas, que logo dominariam a igreja. Logo, Paulo, Pedro e Apolo seriam desprezados com desdém cínico. A atenção seria trazida à presente fraqueza ou ao passado deles — Paulo não era atrativo nem eloquente; Pedro havia negado ao seu Senhor; Apolo havia sido tão instável teologicamente que precisou que uma mulher o instrísse (At 18.24–26)! Os tons cínicos não são difíceis de se imaginar!

Tal fruto nasce de uma árvore podre. Essa árvore precisa ser cortada.

3. *O falso profeta é identificado por suas prioridades.* No último dia, esses profetas dirão a Jesus “Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?” Mas Jesus os recusará (Mt 7.22–23). Por quê? Eles colocaram o sucesso acima da obediência (somente aqueles que fazem a vontade do Pai pertencem ao reino — v. 21). Eles colocam sua própria posição acima do serviço. E o mais óbvio de tudo, eles substituíram as *dádivas* pela *graça*.

Por todo o engodo que estes homens podem destilar, as palavras de Jesus nos ensinam uma lição básica acerca do discernimento espiritual: é possível exercer “dons espirituais” (profecias, milagres e exorcismo de demônios são especificamente mencionados no versículo 22) mas ainda assim ser um completo estranho à graça salvadora de Deus. Os feitos surpreendentes que os homens podem realizar em público não são indicadores seguros da posição em que se encontram perante o julgamento de Jesus Cristo. O que realmente vale é o modo como estamos relacionados ao próprio Cristo. É por isso que o Evangelho tem mais a dizer sobre o poder de Cristo em mudar o nosso caráter do que em mudar o curso da natureza.

Essa distinção é um aviso oportuno para a nossa geração. Somos tão facilmente hipnotizados por pessoas com poderes incomuns quanto era a geração do nosso Senhor. Somos fascinados por

“sinais”. Mas Jesus não é um milagreiro; Ele é o Salvador. Ele nos liberta do pecado e nos transforma moralmente para sermos como Ele. Esse é o verdadeiro fruto do profeta de Deus. O verdadeiro profeta está muito mais interessado na graça do que nos dons — tanto em sua própria vida quanto na vida daqueles a quem ministra.

Você já escolheu a porta pela qual passará. Mas você continua a expor sua vida às influências que o manterão no caminho de Cristo? Ou você já foi desviado por ensinamentos e mestres falsos, falhando em reconhecer o fruto azedo e prejudicial que produzirão em sua vida? “Cuidado com os falsos profetas”, diz Jesus.

ESCOLHENDO OS FUNDAMENTOS

O Sermão do Monte se encerra com uma das ilustrações mais vívidas de Jesus, que, em essência, nos diz: há duas maneiras de responder. Uma é colocar seu sermão em prática pela obediência; a outra, ignorá-lo. A primeira resposta é o caminho do homem sábio; a segunda, do tolo: “Olhe para esse homem construindo sua casa. Ele cava profundamente até que encontra rochas. Ele lança fundamentos sólidos, e então começa a montar a infraestrutura. Mas seu vizinho parece muito mais empreendedor. “Quem precisa de fundamentos?”, ele questiona. E enquanto o primeiro homem ainda está cavando, o outro já completou sua casa inteira. Ele fez o seu vizinho parecer tolo!

“Mas olhe novamente”, diz Jesus. Ambas as casas estão acabadas. Elas parecem bem similares, e também bem estáveis. Mas cuidado! A chuva vem; há enchentes, o vento começa a soprar . . . e um *estalo!* A casa que foi construída sobre a areia cai. *Qual homem você acha que foi o verdadeiro tolo?*

O que significa construir sua casa sobre um fundamento sólido? Significa mais do que ouvir a Palavra de Deus ensinada e ser familiarizado ou até concordar com ela. Podemos fazer tudo isso e ainda sermos tolos espirituais (v. 26). *Obediência* à Palavra de Cristo distingue o homem sábio de seu vizinho tolo. Assim como a

diferença entre o verdadeiro e o falso profeta é que o profeta verdadeiro “faz a vontade do meu Pai que estás no céu” (v. 21), a diferença entre verdadeiro e o falso cristão é que o verdadeiro cristão coloca em prática o que ele tem ouvido de seu Mestre neste Sermão. Temos escolhas diante de nós: é para que *escolhamos*.

Mateus nos diz como as pessoas responderam ao ensino de Jesus. Elas estavam maravilhadas com Ele, e encantadas especialmente com Sua autoridade. Ele sabia do que estava falando. Ele não havia aprendido isso de tradições e livros. Ele havia aprendido isso *do* Livro e de uma experiência viva com Deus.

Talvez admiremos a resposta daqueles que ouviram, maravilhados, o Sermão de Jesus — e há algo admirável a esse respeito. Mas também há algo insuficiente: Mateus nitidamente se abstém de nos contar que o povo lhe *obedeceu*. Eles consideraram o Sermão mais admirável já ouvido. Na realidade, esse é o sermão mais admirável que *qualquer* pessoa já ouviu. Na verdade, esse é o sermão mais admirado da história humana.

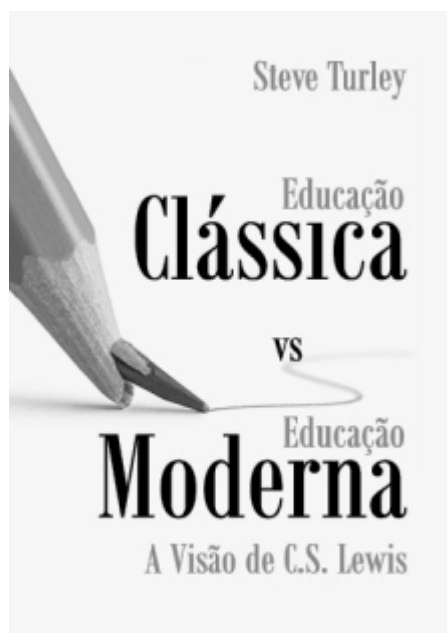
Mas Jesus não o pregou a fim de ser admirado por habilidades homiléticas. Ele o pregou para produzir obediência. Ele o pregou a fim de que a autoridade *reconhecida* pelo povo em Sua pregação pudesse ser *percebida* em suas vidas.

Você já pôde presenciar a autoridade do Sermão do Monte. Mas, e então, você se submeterá?

“Nem todo o que me diz:
Senhor, Senhor! entrará no
reino dos céus, mas aquele
que faz a vontade de meu pai.”

Conheça outros títulos da Editora Trinitas

----- >>>> <<<< -----



EDUCAÇÃO CLÁSSICA vs EDUCAÇÃO MODERNA **STEVE TURLEY**

Com todas as opções educacionais disponíveis nos dias de hoje, escolher a melhor escola e o melhor currículo para seus filhos pode ser tremendamente desafiador.

Mas e se fosse possível descobrir como é o modelo ideal de educação?

Agora você pode!

C. S. Lewis, o aclamado autor de As Crônicas de Nárnia, nos guia em uma jornada cheia de reviravoltas de descoberta da verdadeira educação, por meio de uma análise de seu livro seminal no tema, A Abolição do Homem.

Você jamais verá educação da mesma forma novamente!

----- >>>> <<<< -----



INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA CHRIS PERRIN

Uma introdução para pais e educadores desejando compreender o que é educação cristã clássica. Dr. Chris Perrin escreveu esta excelente introdução ao assunto, traçando as origens históricas do movimento, de seu nascimento na Grécia antiga, até seu renascimento nos dias de hoje.

O livro também realça os elementos distintivos do movimento, incluindo sua ênfase no ensino da gramática, lógica e retórica (o trivium); o papel e os benefícios do estudo de uma língua clássica (latim e grego); e os resultados extraordinários de alunos que receberam uma educação clássica.

----- >>>> <<<< -----



CONTENTAMENTO: UM ESTUDO PARA MULHERES DE TODAS AS IDADES NANCY WILSON

No livro “Contentamento”, Nancy Wilson vai à Bíblia e aos puritanos como Jeremiah Burroughs, Samuel Rutherford, Thomas Watson, e Charles Spurgeon para buscar ajuda no desenvolvimento da força espiritual prática que vem da profunda satisfação no contentamento com a vontade de Deus. Esse livro encorajador inclui explicações concisas, perguntas de aplicação e tarefas práticas que envolvem e desafiam a todas as mulheres, além de muita sabedoria bíblica para estudos individuais ou em grupo.